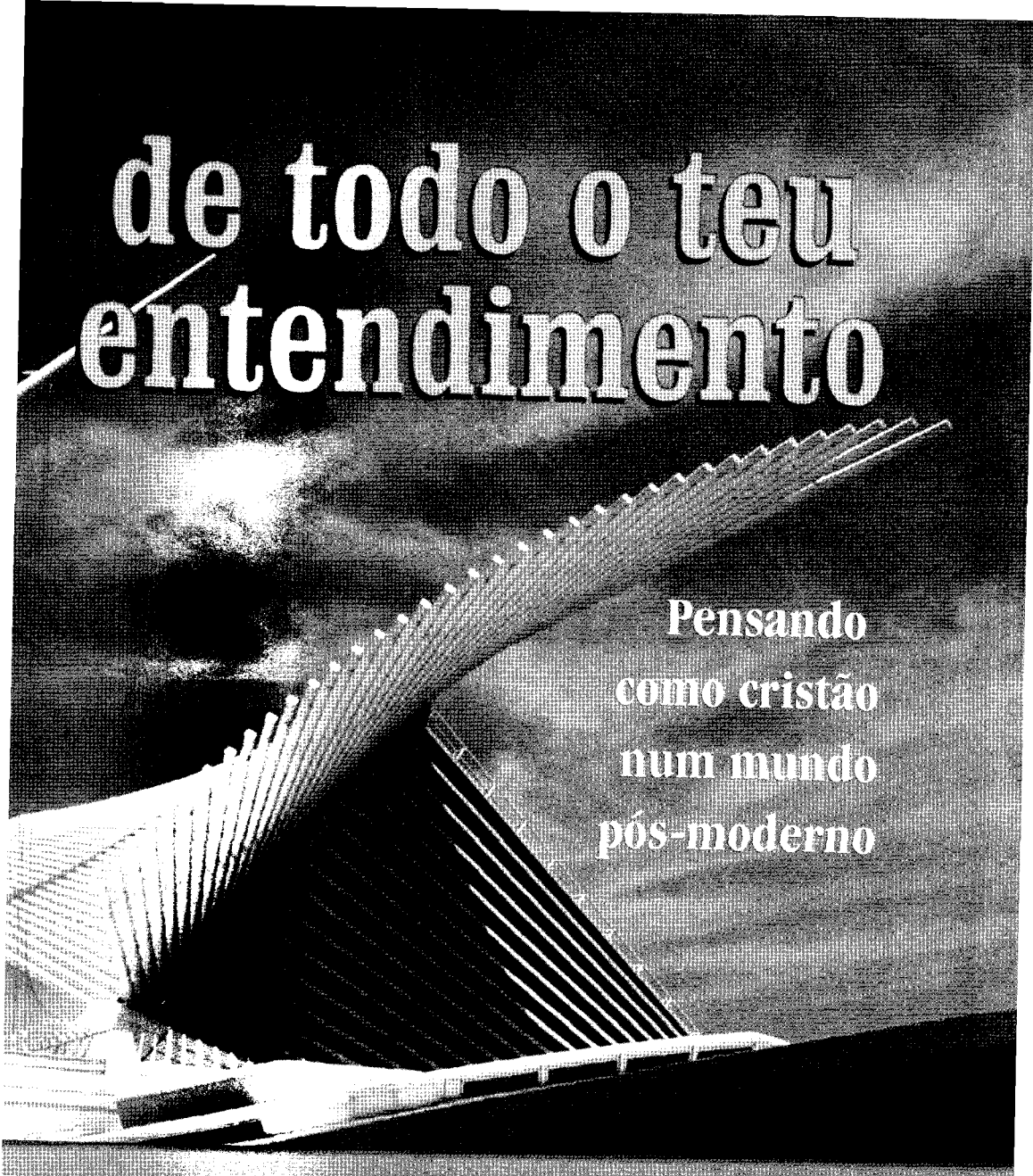
de todo o teu entendimento



Pensando como cristão num mundo pós-moderno

Gene Edward Veith, Jr.

De todo o teu entendimento © 2006 Editora Cultura Cristã. *Loving God with all your mind*, copyright da edição original © 1987 Gene Edward Veith, Jr. Publicada por Crossway Books. Edição revisada, copyright © 2003. Publicada por Crossway Books, uma divisão da Good News Publishers – Wheaton, Illinois 60187, USA. Edição em português autorizada por Good News Publishers. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2006 – 3.000 exemplares

Tradução
Sachudeo Persaud

Revisão
Claudete Água de Melo
Lia Márcia Ando

Editoração
Rissato

Capa
Lela Design

Veith Jr, Gene Edward 1951 -

V431a De todo o teu entendimento / Gene Edward Veith Jr. [tradução Sachudeo Persaud]. – São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

144p. ; 16x23 cm.

Tradução de Loving God with all your mind
ISBN 85-7622-122-5

1. Vida Cristã. 2. Fé e Razão - Cristianismo. 3. Pós-modernismo – Aspecto religioso – Cristianismo. I. Veith Jr., G.E. II. Título.

CDD 21ed. – 248.4

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira, André Luiz Ramos, Francisco Baptista de Mello, Mauro Fernando Meister, Otávio Henrique de Souza, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto, Valdeci da Silva Santos.

Editora Cultura Cristã • Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci – 01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
Caixa Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970 • Fone (0**11) 3207-7099 • Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br • cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

Prefácio 7
1. Introdução 11

PARTE I
A INSTRUÇÃO COMO UMA VOCAÇÃO CRISTÃ

2. A Instrução e a Bíblia 17
3. A Universidade da Babilônia 25

PARTE II
A MENTE MODERNA E A PÓS-MODERNA

4. Os Ataques contra o Cristianismo 37
5. A Exclusão de Deus 49
6. Os Tradicionalistas e os Progressistas 59
7. As Questões Morais 69
8. O Combate Intelectual 81

PARTE III
A MENTE CRISTÃ

9. A Comunhão dos Santos 87
10. Os Magos e os Encantadores 101
11. Criação e Criatividade 111
12. O Cristianismo como uma Estrutura Intelectual 123
13. Conclusão: Amar a Deus de Todo o Teu Entendimento 133

Notas 139

PREFÁCIO

Esta é uma revisão e atualização de um livro que eu escrevi em 1987. Nessa época, a lembrança dos meus tempos de estudante universitário ainda era recente, e a minha carreira acadêmica como estudioso e professor, embora bem-encaminhada, estava no início. Minha intenção era escrever um livro sobre os tipos de conflitos, tentações e choques relativos às visões de mundo com os quais eu tive de lidar como um cristão em meio ao mundo acadêmico. Eu queria explicar como, na minha experiência, o meu Cristianismo tinha sido na realidade uma ajuda e não um empecilho, tendo me ajudado a participar do amplo "mercado de idéias".

Eu queria escrever um livro que encorajasse os estudantes cristãos nas universidades, mostrando a eles não apenas como resistir aos ataques contra a sua fé, mas, mais positivamente, mostrar-lhes o quanto vale a pena, seja qual for a disciplina para a qual fomos chamados, esforçar-nos para desenvolver o nosso intelecto por amor a Deus.

Aparentemente, segundo os comentários que ouvi, o livro cumpriu o seu objetivo, e muitas pessoas – não apenas estudantes – o consideraram útil.

Entretanto, houve muitas mudanças no período compreendido entre os anos 80 e o início do século 21, e a perspectiva de uma nova edição significava que eu teria de fazer alterações importantes. No entanto, olhando para o livro depois de quase duas décadas, fiquei surpreso ao ver o quanto ele ainda continua atual, mesmo em relação às novas questões e novos modos de pensamentos com os quais cristãos têm de lidar. Se uma das provas de uma boa idéia é o seu valor profético, a primeira edição de *Amar a Deus de Todo o Teu Entendimento* parece ser misteriosamente profética.

A primeira versão do livro focalizava principalmente os desafios do "modernismo", um materialismo científico e racionalista que não deixa espaço para nenhum tipo de visão sobrenatural de mundo. Embora esse modo de pensar ainda subsista, os paradigmas foram agora mudados, e estamos num clima "pós-moderno", no qual a verdade parece ser absolutamente não-objetiva, não uma descoberta, mas uma construção. A verdade, afir-

ma-se, é relativa, culturalmente condicionada, uma função da vontade e, em última análise, incognoscível.

Uma boa parte das alterações nesta nova edição trata dos desafios do pós-modernismo à mente cristã. No entanto, a versão anterior – por exemplo, a discussão a respeito da morte do conhecimento e a idéia de que, se examinarmos algo minuciosamente, ele tende a se dissolver – antecipava o que estava para vir.[1]

O que este livro oferece não é apenas uma discussão de idéias particulares, mas estruturas para lidar com quaisquer idéias. Elas mudarão todos os anos, mas as maneiras que os cristãos podem utilizar para lidar com os pensamentos seculares são sempre válidas. Isso vale para o moderno, para o pós-moderno e para o que vier depois. De acordo com os meus modelos, os encantadores podem agora controlar os magos – era o contrário quando o livro foi escrito –, mas aqueles que são como Daniel podem lidar com ambos.

Este livro, o terceiro que publiquei, sempre foi um dos meus favoritos. E neste meu primeiro trabalho, fico maravilhado ao ver como ele antecipa os meus escritos posteriores. Mais tarde eu escreveria livros completos em que desenvolveria temas que neste foram apenas esboçados: o pós-modernismo, a literatura, as artes, a educação. Ele também fala de preocupações específicas, tal como o perigo permanente do fascismo e sobre como o pensamento "moderno" e o "pós-moderno" podem tão facilmente levar a esse pesadelo.[2] Acima de tudo, este livro levanta uma questão que na época eu quase não havia ponderado, mas que agora se tornou o tema principal do meu trabalho: a doutrina da vocação, que acredito ser a chave que revela todo o campo de conhecimento e serviço aos cristãos, mostrando como Deus dá vários dons ao seu povo, como ele os prepara para ser luz e sal em todas as áreas nas quais eles são chamados, e como ele trabalha por meio dessas vocações para alcançar os seus objetivos.[3]

O âmbito do livro também se expandiu um pouco. Esta nova versão não é direcionada somente aos estudantes, como era a anterior; embora os estudantes a acharão diretamente utilizável, os cristãos que não fazem parte do mundo acadêmico se sentirão incluídos.

Tornei-me, também, um pouco mais consciente da minha metodologia. Minha abordagem aqui pode ser descrita como "apologética de Chesterton", tentando mostrar que o Cristianismo é bem mais amplo do que as visões de mundo inventadas pelo homem na tentativa de substituí-lo.

Uma diferença, também, é que minha teologia mudou em pontos que são difíceis de revisar neste livro sem que sejam desemaranhados. Anti-

gamente eu estudava a Bíblia para descobrir os seus princípios subjacentes. Agora compreendo que essa abordagem pode ser ofensiva e que a melhor maneira de assimilar a Escritura é em termos de lei (que revela o que Deus requer) e evangelho (que revela a misericórdia e o perdão de Deus em Cristo). A Bíblia não é um livro de auto-ajuda, antes é a Palavra de Deus para juízo e salvação, um meio de graça que cria tanto o arrependimento quanto a fé. Mas o relato de Daniel na Universidade da Babilônia e seus paralelos notavelmente semelhantes a situações de estudantes cristãos atuais permanece apropriado, segundo o meu entender, e bom demais para não ser usado. Eu diria que ele contém tanto a lei, mostrando os padrões de Deus para a vocação de ser um estudante, como o evangelho, mostrando as promessas de Deus e sua obra de salvação para aquele que ele chama para que o ame com todo o seu entendimento.

Além de agradecer a todos os meus professores e alunos cujas influências me ajudaram a escrever o livro original, eu gostaria de registrar a minha gratidão a mais algumas pessoas: à minha esposa Jackquelyn, que esteve junto comigo ao longo dos anos da universidade, do curso de pós-graduação, da minha carreira e da minha vida. A Marvin Padgett, o editor da Crossway que me pediu para preparar esta nova edição. A Sally e Jeff Williams, que passaram o texto original para a forma computadorizada, permitindo desse modo que eu o revisasse no meu próprio computador. A primeira versão foi o primeiro livro que escrevi usando a "nova tecnologia" – não num computador, que eu ainda não tinha, mas num "processador de texto", uma máquina de escrever semicomputadorizada que parecia um grande avanço na época. As coisas mudaram bastante desde os anos 80; não, porém, as coisas que importam mais.

~ 1 ~

INTRODUÇÃO

O cristão deve usar e desenvolver o seu intelecto. As faculdades mentais da mente humana – o poder de pensar, de descobrir, de querer entender e de imaginar – são dons preciosos de Deus. O cristão que busca conhecimento, procura se instruir e explora até a mais "secular" das matérias está cumprindo uma vocação cristã que é agradável a Deus e de grande importância para a Igreja. A Bíblia, por preceito e exemplo, afirma isso e abre um campo inteiro de conhecimento humano ao cristão. Esta é a minha tese principal.

Entretanto, quando os cristãos se dispõem a explorar todo o campo do conhecimento humano, eles freqüentemente deparam com alguns obstáculos. Isso acontece especialmente hoje. As pressuposições cristãs geralmente não são reconhecidas pelo mundo científico ou pela nossa cultura em geral. Com muita freqüência, os cristãos têm sua fé desafiada ao se envolverem com as artes, as ciências exatas, as ciências sociais e outras profissões. Não há dúvida de que, no mundo acadêmico, o Cristianismo não está na moda.

Quando os cristãos percebem que há algumas discrepâncias básicas entre a sua fé e o pensamento contemporâneo, em geral eles tomam uma de duas atitudes: ou eles se retiram ou fazem concessões. Alunos cristãos que freqüentam uma universidade secular muitas vezes ficam chocados e desorientados quando descobrem que os seus professores, os livros e seus colegas de classe não compartilham da mesma fé que eles. Alguns deles, não sabendo como lidar com as questões difíceis que têm de enfrentar, abandonam a escola. Outros, tragicamente, abandonam a fé. Esmagados pelo poder e pelo prestígio do mundo científico, e incapazes de tirar proveito dos recursos intelectuais da fé cristã, eles se afastam de Cristo.

Outra opção comum é fazer concessões, reinterpretar a doutrina cristã de acordo com os pensamentos populares do momento. Esse é o caminho do liberalismo teológico. É possível que uma pessoa fique tão encantada por seu campo de estudo que as respostas que ele dá aos problemas começam a parecer que têm mais autoridade do que a Bíblia. Aqueles que almejam respeitabilidade acadêmica e anseiam por serem aceitos pelos seus iguais e colegas podem não estar dispostos a abandonar totalmente o Cristianismo; em vez disso, eles geralmente o reinterpretam de acordo com os padrões e valores contemporâneos. Quando isso acontece, a fé resistente que sempre foi um escândalo e uma pedra de tropeço para o mundo é transformada em algo menor.

Este livro defende a possibilidade de os cristãos se envolverem no mundo intelectual contemporâneo sem que sua fé seja enfraquecida ou comprometida. Na verdade, eles precisam fazer isso, tanto por amor à Igreja como por amor a um mundo que anseia pela verdade do evangelho.

Porém, os cristãos precisam estar cientes das linhas gerais do pensamento contemporâneo. Eles precisam saber o que esperar e como lidar com alguns dos desafios à fé cristã que encontrarão. Eles também precisam conhecer o lado positivo, ou seja, como a verdade cristã genuinamente abre a mente, produzindo uma estrutura que abrange todo o conhecimento e que proporciona uma base para a curiosidade, a criatividade e toda a energia do aprendizado.

O que eu tenho a dizer se aplica a todo o clima do pensamento contemporâneo como ele aparece em quase todos os lugares na nossa cultura, mas o meu foco estará na universidade secular. É aí que esse pensamento é produzido e alimentado, e é o ponto de encontro para a maioria dos cristãos. Embora este livro tenha como intenção principal expor e aplicar as Escrituras, ele também recorre às minhas próprias experiências. Quando eu era ainda um universitário, cometi muitos erros que estarei aconselhando outros a evitarem. Mais tarde, como estudante de pós-graduação, ao recorrer ao poder da Bíblia e ao apoio de colegas cristãos, eu comecei a enxergar a força da perspectiva cristã no mundo científico moderno. Hoje sou professor e, por ter ensinado inglês tanto em universidades seculares quanto cristãs, e também por ter me tornado uma pequena parte do "mundo intelectual" devido tanto à minha própria pesquisa como ao meu envolvimento com colegas e alunos, ouso oferecer uma visão interna do mundo científico e intelectual de hoje.

Este livro é dividido em três partes. A primeira seção apresenta a defesa bíblica para o "aprendizado secular". Ele argumenta que a vida da mente

– o processo de aprender e buscar conhecimento de toda sorte – é um chamado legítimo e agradável de Deus para um cristão. Seu foco principal é o exemplo particular de Daniel como um modelo bíblico do crente que busca conhecimento num mundo incrédulo.

A segunda seção fornece uma visão geral do pensamento contemporâneo, descrevendo as pressuposições e características do atual mundo intelectual oficial do modo como ele é visto no clima acadêmico de hoje. Essa seção examinará as várias críticas e tentações que o cristão enfrentará dessa porção da sociedade, mas não será totalmente negativa. Os cristãos podem contribuir para o pensamento contemporâneo de algumas maneiras importantes e podem prosperar até em ambientes que parecem hostis.

A terceira seção descreve "a mente cristã". Nela eu argumento que o Cristianismo fornece uma estrutura intelectual que é, na verdade, superior a qualquer outra visão de mundo para a busca de conhecimento. Ao observar a História e os obstáculos intelectuais atuais que os pensadores seculares estão experimentando, sugiro que somente o Cristianismo pode oferecer a complexidade e a abertura necessárias para o verdadeiro aprendizado. O Cristianismo oferece uma base conceitual para criatividade, a descoberta e o mistério de modo que a procura de toda verdade pode ser energizada pelo amor a Deus.

O estudante que está tentando compreender a vida universitária e enfrentá-la em igualdade de condições; o estudioso que está tentando seriamente conciliar as demandas de uma carreira acadêmica com as demandas da fé cristã; os professores cristãos nas escolas públicas; os pastores que estão tentando ministrar a uma congregação contemporânea; os psicólogos, jornalistas, cientistas, artistas, advogados e, sem dúvida, os pais cristãos – quase todos os cristãos de hoje enfrentarão os conflitos e as situações que serão aqui descritos. Eu forneço um mapa do mundo intelectual moderno e pós-moderno que pode ser útil a um cristão que está tentando navegar por suas águas muitas vezes turbulentas. Quero também mostrar que os cristãos não precisam ter medo de pensar; que, na verdade, os cristãos têm vantagens sobre não-cristãos quando se trata de usar o intelecto. Do mesmo modo que Jesus Cristo nos ordenou a amar ao Senhor, nosso Deus, de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de toda a nossa força, ele também nos ordenou a amá-lo de todo o nosso entendimento (Mc 12.30). Este livro tenta explorar o que isso pode significar e aonde isso pode levar.

PARTE I

A Instrução como uma Vocação Cristã

~ 2 ~

A INSTRUÇÃO E A BÍBLIA

Será que um cristão deve se envolver com as descobertas e as batalhas intelectuais do mundo? Será que a universidade pode ensinar alguma coisa ao cristão, ou será que ela é simplesmente um outro campo de missão pagão? De que modo o "aprendizado secular" se harmoniza com o conhecimento de Deus? Os cristãos que estão tentando decidir se vão ou não para a universidade (ou se permanecem nela) com freqüência fazem essas perguntas. Cristãos em outras vocações fazem perguntas semelhantes: Um cristão deve ler livros escritos por não-cristãos? Um cristão pode aprender com filósofos, cientistas ou artistas não-cristãos? Todos os crentes têm de andar na corda bamba, estando no mundo, mas não pertencendo a ele, e têm de continuamente lidar com questões desse tipo. Para obter respostas deve-se começar perguntando a Deus – ou seja, estudando as Escrituras.

A Instrução Secular na Bíblia

A Bíblia nos oferece muitos exemplos de pessoas que eram ao mesmo tempo altamente instruídas no conhecimento do seu tempo e heróis da fé. "Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios" (At 7.22), que teria sido considerável. Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego estiveram na corte de Nabucodonosor – cova de leões, fornalha de fogo ardente, etc. – precisamente para que pudessem aprender a ciência dos caldeus (Dn 1).

Paulo foi "instruído aos pés de Gamaliel" (At 22.3), que dirigia a escola superior mais ilustre do Judaísmo do século 1º. A cidade natal de Paulo, Tarso, era famosa por sua universidade. Não sabemos se ele foi influenciado diretamente pela grande academia helênica de Tarso, mas, a julgar pelo seu domínio do grego, incluindo suas citações da literatura grega, e o seu uso freqüente da retórica clássica, parece que ele conhecia muito bem tanto o pensamento grego como o romano. A educação sofisticada de Pau-

lo foi reconhecida por Festo, quando este, preocupado, lhe disse: "As muitas letras te fazem delirar" (At 26.24). Para uma pessoa altamente instruída, esse é um risco profissional muito real.

Embora Festo tenha permanecido não-convicto, outro oficial romano, Sérgio Paulo, se tornou o primeiro convertido de Paulo mencionado na Escritura. Elogiado como "homem inteligente" (At 13.7), este procônsul de Chipre deve ter sido altamente instruído. Cícero, uma das mentes mais brilhantes de Roma[1], ocupava o mesmo cargo na Cilícia.

O grande cooperador de Paulo, Apolo, era da cidade egípcia de Alexandria, o principal centro do pensamento greco-romano.[2] A biblioteca de Alexandria era uma das maravilhas do mundo, e o seu "museu" era, na verdade, a principal universidade da época. Descrito na Bíblia como sendo de Alexandria e um "homem eloqüente" (At 18.24), Apolo deve ter estudado tanto retórica como dialética pelas quais Alexandria era famosa. A julgar pelo seu nome grego, Apolo deve ter sido um judeu helenizado, seguidor do Antigo Testamento que também era aberto à cultura clássica ao seu redor. Apolo não era apenas culto, mas era também "poderoso nas Escrituras" (At 18.24). Ele colocou suas habilidades analíticas e intelectuais a serviço do reino de Cristo: "Tendo chegado, auxiliou muito aqueles que, mediante a graça, haviam crido; porque, com grande poder, convencia publicamente os judeus, provando, por meio das Escrituras, que o Cristo é Jesus" (At 18.27,28).

O fato de ter conhecimento secular certamente não torna desnecessária a obra do evangelho. "Poucos eram sábios segundo os padrões humanos", observa Paulo (1Co 1.26 – NVI), indicando assim que poucos entre eles eram instruídos. Não devemos esquecer que "o mundo não o conheceu [Deus] por sua própria sabedoria" (1Co 1.21). A grande sabedoria de Salomão, por exemplo, não evitou que ele caísse na idolatria.

Ainda assim, a Bíblia não deixa dúvida a respeito do fato de que a grande sabedoria de Salomão foi um dom e uma bênção de Deus:

> Deu também Deus a Salomão sabedoria, grandíssimo entendimento e larga inteligência como a areia que está na praia do mar. Era a sabedoria de Salomão maior do que a de todos os do Oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios. Era mais sábio do que todos os homens, mais sábio do que Etã, ezraíta, e do que Hemã, Calcol e Darda, filhos de Maol; e correu a sua fama por todas as nações em redor. Compôs três mil provérbios, e foram os seus cânticos mil e cinco. Discorreu sobre todas as plantas, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que brota do muro; também falou dos animais e das aves, dos répteis e dos peixes. De todos os povos vinha gente a ouvir a sabedoria de Salomão, e também enviados de todos os reis da terra que tinham ouvido da sua sabedoria.
>
> 1 Reis 4.29-34

A famosa sabedoria de Salomão não era apenas discernimento moral. Ele é descrito aqui como filósofo, poeta, músico e cientista natural. "Discorreu sobre todas as plantas... dos animais e das aves, dos répteis e dos peixes." Em outras palavras, de acordo com a Bíblia, Salomão era um biólogo. Quase todo tipo de conhecimento, desde as artes até a ciência biológica, desde a música até a psicologia, fora derramado sobre Salomão pelo criador de tudo isso. Pois Deus é sempre designado como a fonte de todo conhecimento verdadeiro, e a habilidade intelectual é dádiva dele.

A Educação e a Bíblia

Há um outro sentido no qual a Escritura, pela sua própria natureza, apóia a instrução. Deus escolheu revelar a si mesmo por meio de um livro. Ele se comunica conosco não principalmente por visões, experiências místicas ou vozes interiores, mas pela sua Palavra. Nós, cristãos, acreditamos que nos encontramos com Deus e entramos em contato de modo direto e pessoal com ele quando nos sentamos e lemos um livro, a Bíblia Sagrada. Portanto, a leitura é, para os cristãos, literalmente tanto uma dádiva como uma obrigação sagrada.

Hoje, consideramos o direito à instrução como algo garantido. Entretanto, historicamente nem sempre foi assim. A habilidade de ler não era comum nas culturas do mundo. Nas poucas civilizações que desenvolveram a escrita, apenas a elite sabia ler e, desse modo, se apoderava do poder que a leitura tornava possível. A instrução, porém, sempre foi incentivada pela Igreja.[3]

Na verdade, o alto nível da instrução na nossa cultura e a própria existência das instituições educacionais de hoje são devidos à centralidade da Bíblia na fé cristã. Nos tempos antigos, quando muitas das tribos circunvizinhas nem mesmo tinham um alfabeto e aquelas que o tinham, restringiam o seu uso aos burocratas, aos comerciantes e aos sacerdotes que procuravam esconder seus mistérios das massas, cada menino hebreu aprendia a ler a Palavra de Deus.

Durante a Idade Média, os livros tinham de ser copiados à mão, o que os tornava raros e caros. Mesmo assim, a maioria das pessoas, incluindo os muito ricos, não sabia ler. Contudo, a Igreja não podia existir sem a Bíblia. Cópias da Bíblia eram laboriosamente escritas à mão, e com muito amor. As universidades mais antigas da Europa, como Oxford e Sorbonne, foram fundadas para formar ministros da Igreja. (As universidades americanas históricas – Harvard, Princeton e as primeiras universidades relacionadas à Igreja – foram fundadas bem mais tarde com esse mesmo objetivo.)

Os ministros devem, no mínimo, saber ler e compreender a doutrina cristã para poder cumprir a sua função como expositores da Palavra de Deus. De fato, o termo *clero* e sua forma derivada *clérigo* simplesmente referiam-se a alguém que sabia ler. (Até o século 19 um criminoso podia se livrar da forca ao alegar o "benefício do clero", o que ele fazia provando que sabia ler, uma habilidade considerada valiosa demais para ser perdida para um carrasco).[4]

O fato de a Igreja medieval ter caído, até certo ponto, na superstição e no engano, negligenciando a autoridade das Escrituras em favor das tradições humanas, deveu-se provavelmente, em grande parte, à literal escassez de exemplares da Bíblia e de pessoas que soubessem lê-la. Até mesmo muitos membros do clero eram vergonhosamente incultos. Muitas igrejas não possuíam sequer um único exemplar da Bíblia. Como tinha de ser copiada à mão, a Bíblia era extremamente cara. Com o advento da imprensa, entretanto, os livros podiam ser produzidos em massa e, em conseqüência a habilidade de ler e escrever se tornou uma possibilidade universal. Com essa nova tecnologia, todos podiam ter acesso à Bíblia e ao contato pessoal com a Palavra de Deus. A maior obra de Lutero como reformador foi a tradução da Bíblia para a língua do povo. Um outro legado de Lutero, que o transforma numa figura principal para toda a nossa cultura e não apenas para a Igreja, foi o desenvolvimento da instrução universal. Todas as classes de pessoas tinham de ser ensinadas a ler para que pudessem conhecer pessoalmente a plenitude da vontade e do amor de Deus conforme comunicados nas Escrituras.

Mesmo hoje, ensinar as pessoas a ler e escrever faz parte da obra de evangelismo. Missionários como os Wycliffe Bible Translators [tradutores da Bíblia de Wycliffe] normalmente vão a um lugar onde aprendem a língua do povo, traduzem a Bíblia para essa língua, para, depois, ensinar as pessoas a ler. A Palavra de Deus é o que subseqüentemente as conduz à fé em Cristo.

Entretanto, uma vez que essas pessoas aprendem a ler, outros mundos são abertos a elas. Sua habilidade de ler a Bíblia também lhes proporciona acesso a outros tipos de conhecimento, à tecnologia moderna e aos cuidados com a saúde, à possibilidade de se livrar da pobreza e da repressão social. O fato de poder ler a Bíblia abre para elas todo o campo do conhecimento.

A Bíblia e Outros Tipos de Conhecimento

Se uma pessoa acredita que a Bíblia é a Palavra autorizada e santa de Deus, e que vale a pena estudá-la e compreendê-la, outros tipos de conhecimento

além de saber ler e escrever se tornam muito importantes. Os idiomas escolhidos por Deus para sua revelação são o hebraico e o grego. Os que querem examinar cuidadosamente a Palavra de Deus na forma exata em que ele a inspirou devem, portanto, conhecer essas duas línguas antigas de um modo mais aprofundado. A lingüística, o estudo dos idiomas em geral, torna-se essencial para a tradução e interpretação da mensagem bíblica para as línguas modernas. Os missionários de Wycliffe são treinados na mais rigorosa metodologia da lingüística científica para que possam executar sua incumbência de tradução e evangelização.

Além disso, para compreender plenamente os termos antigos e as referências do hebraico, é indispensável o conhecimento de História. A Geografia, a Arqueologia e a Antropologia são auxiliares para a compreensão plena dos acontecimentos da Escritura. A Bíblia também declara verdades teológicas, que envolve o vocabulário da Filosofia e do discurso abstrato. O que estamos querendo dizer é que, mesmo que a pessoa queira conhecer apenas a Bíblia, esse conhecimento terá incluir um grande número de disciplinas acadêmicas sofisticadas.

Considere, por exemplo, a Reforma. Martinho Lutero era um doutor em Teologia e professor da Universidade de Wittenberg. Sua descoberta do evangelho, as boas-novas de perdão gratuito por meio de Jesus Cristo, aconteceu no decorrer da sua preparação acadêmica para uma série de preleções sobre o livro de Romanos. A sua tradução da Bíblia teria sido impossível sem o seu treinamento acadêmico e seus dons intelectuais e criativos. Ela fez uso, além disso, do textualismo – uma disciplina acadêmica monótona e trabalhosa, embora fascinante – de Erasmo, que preparou uma edição autorizada do Novo Testamento grego. Antes, o Novo Testamento existia apenas numa tradução latina. O conhecimento do idioma grego original dependia, por sua vez, da obra "dos humanistas" do Renascimento, que tinham ajudado a recuperar as línguas clássicas. Lutero tinha contato com essa erudição nova e era mestre em grego, como também em seu próprio idioma, o alemão. Ele também contou com o auxílio do seu colega Melanchthon, o notável pedagogo clássico e estudioso da língua hebraica.

A Reforma dependeu também das descobertas científicas e tecnológicas do Renascimento. Se não fosse pelas inovações tecnológicas que deram origem à imprensa – o desenvolvimento da metalurgia e da engenharia, as incontáveis descobertas interligadas que conduziram à produção em massa de livros –, a Bíblia no vernáculo ainda não teria chegado às pessoas que ansiavam pela Palavra de Deus.

Há um sentindo ainda mais profundo no qual a Bíblia apóia a busca do conhecimento. Historicamente, foi a Bíblia que eliminou as superstições do paganismo e abriu as portas para a ciência, a tecnologia e a cultura ocidental.

A Bíblia e o Pensamento Ocidental

O pensamento ocidental tem raízes profundas no Cristianismo e numa visão de mundo bíblica.[5] Ainda que os cientistas contemporâneos rejeitem o Cristianismo, eles não podem evitar a influência dele na própria maneira em que pensam. Por exemplo, nós, os ocidentais, assumimos que o tempo viaja em linha reta. Os físicos especulam sobre o começo do universo, os biólogos discutem sobre como as espécies mudam e se desenvolvem, os sociólogos mapeiam o progresso das sociedades e os futuristas de todos os tipos se preocupam com o fim da raça humana. A suposição é que o tempo tem um começo e um fim. Essa visão linear do tempo e da história humana vem da Bíblia, que confirma um começo do tempo, a Criação como descrito em Gênesis 1, e que este tempo está correndo para o seu fim, o Último Julgamento como descrito no Apocalipse. (O tempo também tem um ponto central, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, refletido no fato de assinalarmos os momentos históricos como sendo a.C. – antes de Cristo, d.C. – depois de Cristo ou *A.D.* – *anno domini* – "no ano de nosso Senhor").[6]

As antigas civilizações pagãs, por outro lado, assumiam que o tempo era uma série de ciclos. As estações e as gerações repetiam-se infinitamente. Os ciclos de dia e noite, verão e inverno, nascimento e morte continuam para sempre, sem início e sem fim. Não havia criação que tivesse partido do nada. Os mitos pagãos de criação descrevem como um deus inicia uma fase nova de existência ao formar um mundo de matéria previamente existente, de um mundo que já existe ou das ruínas de um mundo que tivesse sido destruído. Não há nenhuma criação *ex nihilo*, mas antes o início de um novo ciclo.

Por causa da sua visão cíclica do tempo, conceitos como progresso, mudanças, desenvolvimento – que pressupõem uma visão linear do tempo – são muito difíceis de serem compreendidos pelas culturas pagãs. Conseqüentemente, essas sociedades tendem a ser muito estáticas e inalteráveis. Culturas pagãs tribais na África, Nova Guiné ou América do Sul são hoje exatamente iguais às de milhares de anos atrás.

Mesmo aqueles que, hoje em dia, se opõem à Bíblia, assumem, não obstante, um modelo bíblico do tempo. Os marxistas podem ver a religião como o "ópio do povo" e insistem num ateísmo militante, mas eles pensam em termos de mudança e apocalipse, com a História se movendo para um

último julgamento quando todos os sistemas sociais opressivos darão lugar a um paraíso do trabalhador. Os evolucionistas também adotam um modelo linear do tempo que deriva da Bíblia. Os antigos babilônios ou cananeus dificilmente poderiam levantar a questão da "origem das espécies". Eles também não poderiam imaginar um futuro muito diferente do passado. Os humanistas seculares de todo tipo podem ridicularizar a Bíblia, mas eles não podem fugir dela; e, com sua obsessão por mudanças, chamadas para reforma, advertências quanto ao dia do Juízo Final e visões utópicas, eles continuam a roubar idéias dela.

Outro exemplo importante de uma suposição bíblica que está por trás do pensamento ocidental é a visão da natureza. A ciência moderna não poderia ter surgido sem a Bíblia. Para os babilônios, os cananeus e a maioria dos outros pagãos, a natureza é sagrada. Os deuses são extensões da natureza, e a natureza é uma manifestação do divino. A natureza é adorada. Ela deve ser tratada com temor. Ela recebe orações.

Os pagãos antigos não eram românticos. Eles não "apreciavam a natureza"; ao contrário, tinham pavor dela; ofereciam sacrifícios de sangue na esperança de obter uma colheita melhor; temiam que, se violassem um tabu ritual, poderia não haver chuva ou então eles não seriam capazes de gerar filhos. Os deuses e as forças naturais que estes representavam tinham de ser aplacados, não amados. Eles, às vezes, poderiam ser magicamente manipulados, mas nunca compreendidos.

Em comparação, a Bíblia insiste em que Deus é distinto da sua criação. As religiões de natureza pagãs eram freqüentemente uma tentação para os hebreus como elas são para nós, mas eles sempre recebiam a oposição dos profetas e dos outros autores da Escritura. A natureza não poderia mais ser vista como sagrada. Os "fantasmas" que transformavam a natureza em objeto de temor e tabu tinham sido banidos. Como resultado, a natureza poderia ser vista de maneira diferente. Como a criação de Deus que, depois de ver tudo quanto fizera, declarou que "era muito bom" (Gn 1.31), a natureza era digna de confiança e valiosa. Ela poderia ser examinada minuciosamente. Não havia deuses-árvores que pudessem ser ofendidos – e a árvore poderia ser estudada como uma criação física. A ciência se tornou possível. Os seres humanos não tinham mais de servir à natureza. A natureza poderia servir aos seres humanos. A tecnologia se tornou possível. A ciência e a tecnologia moderna, nas suas próprias origens, se desenvolveram a partir de uma visão de mundo bíblica.[7]

O pensamento ocidental tem suas origens na nossa herança cultural judeu-cristã – ou seja, a nossa herança cultural bíblica. Além do mais, a

própria qualidade "secular" de grande parte do conhecimento moderno faz parte desse legado bíblico. Para os hebreus, o conhecimento contaminado pelas religiões dos seus vizinhos pagãos sempre foi um problema. Se esse conhecimento pudesse ser secularizado – ou seja, separado das visões de mundo idólatras que freqüentemente o acompanhavam –, então poderia encontrar o seu lugar dentro da criação de Deus.

Este é ainda o problema para os cristãos hoje: separar a verdade dos falsos ensinos religiosos nos quais ela é freqüentemente empacotada. Os problemas surgem quando campos seculares deixam de ser seculares, presumindo propor, em vez disso, noções que são essencialmente religiosas, mas que na verdade são freqüentemente pagãs (como, por exemplo, a suficiência da natureza). O conhecimento secular puro, não misturado com a falsidade religiosa, apresenta poucos problemas.

A centralidade da Bíblia para os cristãos significa que eles nunca devem menosprezar a cultura. Por meio de preceitos, de exemplos, da sua história e por sua própria natureza, a Bíblia nos abre o mundo inteiro da verdade. Porém, a busca desta verdade num mundo pecador e descrente não deixa de ter seus problemas. As possibilidades e os perigos desse empreendimento talvez possam ser mais bem ilustrados se estudarmos em detalhes um exemplo histórico específico da Bíblia: a educação de Daniel.

≈ 3 ≈

A UNIVERSIDADE DA BABILÔNIA

A maioria das pessoas conhece a história de Daniel na cova dos leões e a de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha de fogo ardente. Muitos, porém, talvez nem imaginem o que esses jovens hebreus tinham ido fazer na corte de Nabucodonosor. Eles estavam lá para estudar na academia real da Babilônia e eram, na verdade, estudantes universitários.[1]

Em muitos aspectos, a experiência de Daniel é notavelmente parecida com a dos cristãos de hoje. Os estudantes cristãos numa universidade secular, ou os cristãos que confrontam a cultura contemporânea e o mundo intelectual atual se sentirão freqüentemente como exilados numa terra estranha e hostil, assim como Daniel se sentiu. No entanto, o primeiro capítulo de Daniel sugere que é possível que alguém que crê no Deus verdadeiro se beneficie da instrução vigente. Ele mostra as provações, tentações e pressões com as quais ele pode deparar, mas também sugere como lidar com elas. Daniel conseguiu aprender a ciência babilônica sem fazer a mínima concessão quanto a qualquer ponto doutrinal ou moral. Na verdade, Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego conseguiram prosperar na Universidade de Babilônia, mas a fé que eles tinham permitiu-lhes verdadeiramente superar os seus contrapartes pagãos em seus próprios termos. Ao se tentar encontrar uma perspectiva bíblica sobre os valores e perigos do mundo intelectual atual, será útil examinar o exemplo de Daniel em detalhes.

Os primeiros versículos do livro de Daniel relatam como o rei babilônio travou uma guerra contra Jerusalém, levou seus principais cidadãos e o próprio rei ungido para o cativeiro, e profanou o templo santo, oferecendo de modo blasfemo os vasos santos do santuário ao culto do falso deus Marduque (Dn 1.1,2). Nabucodonosor era tirânico, implacável e cruel. A Babilônia

era um inimigo tão grande de Deus que se tornou um tipo e uma prefiguração do reinado do Anticristo (Ap 18). No entanto,

> Disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, tanto da linhagem real como dos nobres, jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, versados no conhecimento e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus.
>
> Daniel 1.3,4

Pré-Requisitos Acadêmicos

Nabucodonosor escolheu apenas pessoas com dons acadêmicos específicos. Embora ele quisesse que os alunos fossem "de boa aparência" e da classe superior (ainda hoje exigências tácitas em algumas faculdades), o restante da sua lista resume, em detalhe notável e de maneira compreensiva, os pré-requisitos para que alguém possa receber uma instrução de qualidade.

A pessoa deve ser "instruída em toda a sabedoria" – isto é, dotada das habilidades e técnicas acadêmicas que são necessárias para o aprendizado avançado. O processo de instrução significa tanto dominar métodos como também acumular conhecimentos. Habilidades como ler, escrever, administrar, ensinar e resolver problemas envolvem uma ginástica mental altamente específica, que a instrução acadêmica desenvolve e da qual ela depende.

A pessoa deve ser "douta em ciência" – isto é, tendo já uma base de conhecimento na qual se pode construir com estudo adicional. O conhecimento, se for preservado e transmitido, pode ser acumulado. Muitos artistas, filósofos e teólogos modernos rejeitam o conhecimento do passado. Assim, eles têm que recomeçar de novo continuamente do zero, sendo sua visão restrita à sua própria perspectiva estreita, tornando-se artificialmente primitivos. Por outro lado, a tecnologia moderna é relativamente conservadora na sua aceitação das descobertas passadas, todas as quais podem então se basear uma na outra para culminar em invenções como automóveis, televisões e computadores. A instrução transmite conhecimento, mas também presume conhecimento.

A pessoa deve ser "versada no conhecimento" – isto é, ser capaz de assimilar intelectualmente o material apresentado. A compreensão é a capacidade de sintetizar, de reunir os fatos que foram aprendidos e as habilidades que foram dominadas, relacionando-os um ao outro e discernindo as suas implicações. Alguém pode conhecer uma multidão de fatos e impressionar todas as pessoas com um domínio de habilidade, mas, sem compreensão, ele certamente não é instruído.

Finalmente, a pessoa deve ser "competente para assistir" (RSV, NIV, "servir") – ou seja, ter a motivação necessária e as habilidades sociais para trabalhar efetivamente no serviço público a outros. O processo de instrução acadêmica não é simplesmente uma questão de auto-realização, mas o seu propósito último, a Escritura nos lembra, é o serviço. O rei estava procurando especificamente pessoas que eram "competentes para assistirem no palácio do rei", ou seja, pessoas com habilidades de liderança que as capacitariam para funções de influência no governo e na cultura como um todo. A educação abre áreas importantes e influentes de serviço – curar o doente, alimentar o faminto, reintegrar famílias, reconstruir a moralidade, reformar a sociedade – que desafiam o envolvimento cristão.[2]

Qualidades como habilidade, conhecimento, compreensão e competência não são universais, mas havia alguns israelitas com esses dons, do mesmo modo que hoje há cristãos com potencial acadêmico. Nabucodonosor deu a esses quatro hebreus apoio econômico total – algo como uma bolsa integral de estudo – e determinou "que assim fossem mantidos por três anos, ao cabo dos quais assistiriam diante do rei" (1.5).

A Mesa do Rei

Parece claro na Bíblia que esse programa educacional de três anos estava de acordo com a vontade de Deus. Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego receberam seus talentos acadêmicos de Deus, e era o plano dele levá-los para esse lugar de aprendizado e influência. Sendo assim, não pode haver nada intrinsecamente errado com eles aprenderem "a cultura e a língua dos caldeus".

Muitas vezes, nós pensamos nas universidades modernas como sendo não-cristãs, mas elas seriam fortalezas de fundamentalismo comparadas à da Babilônia. Como já observamos e veremos mais adiante, o pensamento ocidental de hoje tem suas origens numa visão de mundo bíblica, apesar de estar atualmente afastado dela. Daniel, entretanto, dificilmente leria um tablete cuneiforme sem que este contivesse alguma referência a deidades e mitologias pagãs. Os babilônios eram mestres na matemática, na astronomia, na engenharia e na administração, mas as suas próprias descobertas verdadeiras nesses campos eram totalmente mitologizadas quanto ao modo em que eram compreendidas. Se a Escritura indica que "a cultura e a língua dos caldeus" eram, não obstante, dignas de serem estudadas, não deve haver nada de censurável para um cristão estudar qualquer campo legítimo do pensamento contemporâneo que, por mais que tenha problemas, provavelmente contém menos erros que o dos caldeus.

Todavia, certamente havia problemas para os filhos de Deus num ambiente desse tipo. Tão logo os quatro hebreus chegaram na corte, eles encontraram um problema que parecia ameaçar toda a empreitada. É interessante que o conflito registrado na Bíblia não é sobre grandes questões de visão de mundo – um debate sobre méritos do mito da criação babilônico *versus* o relato em Gênesis – nem sobre assuntos morais importantes, tal como os quatro tendo que rejeitar o princípio de prostituição cultual como um meio de adoração. Mais propriamente tratava-se de uma questão que deve ter parecido a ambos os lados muito técnica, muito secundária e muito difícil explicar.

> Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se
>
> 1.8

O rei estava honrando os jovens com comida da sua própria mesa – comida primorosa e superabundante para esses exilados muito pobres, um gesto generoso e até bondoso por parte de Nabucodonosor. Contudo, aquela comida não estava de acordo com as leis dietéticas de Moisés. Não era apenas proibido aos hebreus comerem certos animais (Lv 11), mas até mesmo um animal "limpo" tinha de ser morto da maneira correta, tendo seu sangue completamente tirado, e preparado de uma maneira altamente específica, visto que não era permitido que os hebreus experimentassem gordura, sangue ou qualquer carne cozida em leite (Lv 3.17; Dt 14.21). Essas leis eram absolutamente impostas ao povo de Deus naquela época, projetadas em parte para dar ênfase à reivindicação da soberania de Deus sobre todas as áreas da vida, até mesmo cozinhar e comer, para garantir que o povo de Deus fosse diferente dos seus vizinhos pagãos de modo mensurável, bem como para reforçar a santidade dos sacrifícios de sangue do Templo.

Contudo, de que maneira Daniel poderia explicar isso aos babilônios? Ele não somente pareceria absurdamente escrupuloso, mas o que é pior, arrogante, intolerante e insultante aos seus benfeitores. Não obstante, Daniel adotou um princípio que é absolutamente essencial àquele que se esforça para seguir a Deus num ambiente hostil ou indiferente: ele não faria nenhuma concessão que prejudicasse a Palavra de Deus.

Os quatro não estavam sendo excessivamente escrupulosos. Eles sabiam da liberdade que tinham por meio da fé no único Deus verdadeiro. Por exemplo, eles estavam prontos para adotarem nomes babilônios cujos significados faziam alusão a deidades pagãs (Dn 1.7). O nome novo de Daniel,

Beltessazar, significa "que Bel proteja a sua vida". "Abede-Nego" quer dizer "servo de Nebo".[3] Bel e Nebo eram ídolos, falsos deuses; contudo, Daniel e Azarias aceitaram esses nomes.

Será que eles não foram muito liberais quanto a isso? Claro que não. Eles sabiam que Bel e Nebo não existiam. Eles não seriam prejudicados por um simples nome, contanto que este não ofendesse aos fracos na fé (cf. 1Co 8.4-10). O quinto dia da semana, quinta-feira em português, em inglês é *Thursday* e significa "o dia de Tor". O culto da igreja no meio da semana é feito na quarta-feira, em inglês *Wednesday*, "o dia de Wodan" (o deus principal da mitologia anglo-saxônica e sul-germânica – N.T.). Será que estamos emaranhados numa teia satânica, inconscientemente honrando a adoração pagã diabólica quando fazemos adoração no domingo (*Sunday* em inglês), o dia estabelecido para a adoração do sol? Claro que não. O sábado (*Saturday*, em inglês) refere-se ao último dia da semana. O deus "Saturno" é parte da história da palavra com sua etimologia, mas não tem nada a ver com o seu significado presente, com a realidade a que a palavra se refere.

Os cristãos não devem ser supersticiosos. Medo abjeto de deuses pagãos não é muito diferente da adoração abjeta deles. Os cristãos foram libertados de tudo isso. Aqueles que se recusam a ler Homero só porque ele descreve deuses pagãos, ou contesta *The Lion, the Witch and the Wardrobe*, [O leão, a bruxa e o guarda-roupa] de C. S. Lewis, uma profunda obra-prima cristã, apenas porque há uma bruxa no título e, conseqüentemente, poderia ser uma brecha para a entrada de poderes ocultos, deveriam se comparar a Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego.

As leis dietéticas, entretanto, eram diferentes. Elas os separavam e os identificavam como o povo de Deus. Eles não estavam dispostos a negociar essa identidade em troca da aceitação e do prestígio na Babilônia. Eles tinham que se questionar sobre o que guiaria a obediência e a autodefinição deles: a mesa do rei com seu luxo e prestígio, e a aceitação social, ou a lei de Moisés com suas exigências austeras. Eles tinham de fazer uma escolha – ser assimilados pela cultura dominante por meio da conformidade ou permanecer distintamente diferentes, como estrangeiros e proscritos. Eles decidiram não se contaminar.

Havia provavelmente uma outra razão, além das leis dietéticas de Moisés, pela qual os quatro rejeitaram a mesa do rei. O ambiente da corte sem dúvida também os fazia sentir-se desconfortáveis. O povo de Deus nunca foi proibido de beber vinho, mas Daniel aqui considera o vinho do rei como algo que contamina. Sem dúvida, a corte, como os câmpus de

hoje, era um lugar de intoxicação geral, em que a embriaguez, o hedonismo e os excessos sensuais eram as principais atividades procuradas por quase todo mundo.

Os cristãos deparam freqüentemente com a mesma atmosfera. Pode-se estar bastante apto para explicar os princípios do teísmo bíblico ou declarar os fundamentos da salvação, mas quando se trata de recusar o popular cigarro de maconha que circula livremente, ou não estar disposto a assistir a um filme pornográfico, ou rejeitar a elegante libertinagem de uma festa de estudantes, às vezes é muito mais difícil. Um cristão, como fez Daniel, tem de recusar fazer concessões que prejudicam a fé até mesmo no menor dos seus princípios doutrinais ou morais.

Como Resolver o Problema

No entanto, Daniel pôde resolver o dilema sem comprometer os seus princípios. Observem que os quatro não viraram a mesa do rei, nem se levantaram para profetizar publicamente contra os babilônios por comerem carne de porco. Antes, com cortesia e respeito esmerado, Daniel se dirige à autoridade apropriada: "... então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se" (1.8). Parece estranho pedir permissão para guardar a Lei de Deus, mas foi isso o que Daniel fez.

Conquanto fosse importante evitar a comida impura, Daniel compreendia o princípio bíblico de respeitar todas as autoridades humanas, até mesmo a pagã (Rm 13.1-7), e de que evitar um pecado, a corrupção ritual, cometendo outro, a rebelião, não resulta em nada. A submissão bíblica é uma disciplina espiritual radical. Ela compreende despreendimento pessoal e fé na soberania de Deus. Ver a autoridade de Deus por trás de todas as autoridades humanas e enxergar nelas o modo em que Deus usa o governo secular para "teu bem" (Rm 13.4) é reconhecer o domínio providencial de Deus sobre toda a vida.[4]

Daniel se dirigiu a essas autoridades pagãs com cortesia e humildade. Ele se referiu a si mesmo e aos outros hebreus como "os teus servos" (1.12). Ele estava sendo sincero. Ele queria servi-los. Como resultado da sua humildade e sua sinceridade para com as autoridades, elas não poderiam senão gostar dele.[5] Além do mais, Daniel, na sua submissão, estava sendo auxiliado pelo Deus vivo: "Ora, Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos" (1.9). Por mais hostil que um professor, administrador ou empregador possa parecer, a ação de Deus pode abrandá-lo.

Mesmo assim, apesar da simpatia de Deus em relação à situação deles, o eunuco-chefe não os atendeu. Este tinha uma preocupação compreensível: "Tenho medo do meu senhor, o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida; por que, pois, veria ele o vosso rosto mais abatido do que o dos outros jovens da vossa idade? Assim, poríeis em perigo a minha cabeça para com o rei" (1.10). Se os quatro hebreus não parecessem tão saudáveis quanto os seus pares babilônicos, o rei acharia que o eunuco não estava cuidando deles como deveria. O estilo administrativo de Nabucodonosor não era despedir os empregados ineficientes, mas degolá-los.

Apesar dessa contrariedade inicial, Daniel não desistiu. Ele procurou a autoridade seguinte na cadeia de comando, o mordomo, e propôs uma alternativa criativa:

> Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias; e que se nos dêem legumes a comer e água a beber. Então, se veja diante de ti a nossa aparência e a dos jovens que comem das finas iguarias do rei; e, segundo vires, age com os teus servos. Ele atendeu e os experimentou dez dias. No fim dos dez dias, a sua aparência era melhor; estavam eles mais robustos do que todos os jovens que comiam das finas iguarias do rei. Com isto, o cozinheiro-chefe tirou deles as finas iguarias e o vinho que deviam beber e lhes dava legumes.
>
> 1.12-16

A proposta de Daniel atendia a ambos os lados. As autoridades estavam preocupadas com a saúde deles – esse ponto tem de ser preservado. Os hebreus se preocupavam com as leis dietéticas. Era mesmo verdade que eles não podiam comer *nada* de uma cozinha babilônia? O que eles *poderiam* comer? Daniel compreendeu que a carne poderia não estar limpa, mas não havia razão por que eles não pudessem comer os legumes, que não eram tratados pelas leis mosaicas. Assim, eles poderiam aceitar a generosidade do rei, evitando ofendê-lo, sem violar a própria consciência. Quanto à saúde deles, Daniel propôs um teste, um tipo de experiência controlada para determinar objetivamente se o medo do eunuco-chefe tinha fundamento ou não. Daniel não tinha medo de se submeter aos fatos.

Se Deus estava produzindo um milagre especial para sustentar a saúde deles, ou se as Escrituras aqui simplesmente estão reconhecendo que uma dieta de legumes rica em vitaminas será mais saudável que dez dias de comida de *gourmet*, os acontecimentos demonstraram que Daniel estava certo. Todavia, essa vitória não foi unilateral. Foram mantidos os interesses legítimos das autoridades; os interesses religiosos dos hebreus também foram preservados, embora de modo não-disruptivo e sacrifical – eles não exigiram carne limpa, mas simplesmente se dispuseram a passar sem carne.

Esse é um modelo para qualquer tipo de conflito entre o sagrado e o secular, a Igreja e o Estado, ou o cristão e o não-cristão. Como Daniel, nós devemos descobrir primeiro qualquer propósito legítimo por trás da questão problemática. A grande liberdade das escolas religiosas simplesmente pode ter a pretensão de promover saúde e padrões de segurança, aos quais, como Daniel, nós não devemos nos opor. A ordem do professor para escrever um artigo sobre um romance que o aluno cristão considera perigosamente pornográfico pode ter o objetivo de aumentar o entendimento do aluno quanto às atitudes sexuais contemporâneas. O companheiro de quarto que oferece um cigarro de maconha pode estar simplesmente mostrando um desejo de ser amigo, formar um laço social. O passo seguinte deve ser formular uma alternativa. Uma escola cristã pode propor conformidade aos padrões de saúde estatal e um cristão a uma atitude cristã aprovada, em vez dos do estado. Ler um romance pornográfico pode ser substituído por outra coisa, talvez um estudo da crítica feminista contemporânea que considera a pornografia como algo degradante e escravizador para as mulheres. Pode-se mostrar para o companheiro de quarto, por meio de outros gestos amigáveis, que a amizade não precisa envolver drogas.

O passo final é, como Daniel, submeter-se a um teste, mostrando ao superior que a alternativa é uma maneira bem melhor de alcançar a meta. Se o estado estiver preocupado com padrões acadêmicos, a escola cristã pode oferecer um estudo de suas realizações acadêmicas. O estudante de literatura cristão que se recusou a ler pornografia pode mostrar que o projeto alternativo provou que ele entende muito bem a sexualidade contemporânea, na verdade melhor e mais profundamente que o praticante da pornografia. O cristão no dormitório deve mostrar que ele pode ser um amigo melhor para o companheiro de quarto do que aquele cuja amizade está baseada em algo tão superficial como drogas.

Muitas vezes os cristãos não reagem aos conflitos desse modo bíblico. As escolas cristãs desafiam a lei, os alunos ficam furiosos com seus professores e se recusam a apresentar suas tarefas, os companheiros de quarto são evitados e condenados como o próprio Satanás. Como professor de inglês na faculdade, ocasionalmente tenho contrariado alguns dos meus alunos por alguma razão ou outra. Poucos deles se preocuparam em fazer o que Daniel fez – me procurar com uma alternativa para solucionar o problema. Dos poucos que vieram à minha sala, muitos deles eram intolerantes, não demonstrando nem a humildade nem a cortesia de Daniel. Os alunos muitas vezes querem fazer as coisas da maneira mais fácil possível, evitando a entrega dos trabalhos pedidos ou buscando atalhos. Por

outro lado, Daniel pegou o caminho da abnegação, propondo uma solução que para ele era a mais difícil.

Dez Vezes Melhor

Finalmente, a Bíblia descreve os resultados desses três anos na Universidade da Babilônia: "Ora, a estes quatro jovens Deus deu o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria" (1.17). *Deus* lhes deu a aprendizado. A Bíblia declara aqui claramente que ocupações e realizações acadêmicas não somente agradam a Deus, mas que são dons que ele dá. "Toda cultura e sabedoria" estão sob o domínio e dádiva de Deus, assim sancionando toda a extensão do aprendizado humano. Essa total abrangência ganha ainda mais força quando nos lembramos de que a Escritura está se referindo à ciência da Babilônia, uma cultura certamente mais ignorante de Deus do que qualquer universidade moderna, que, como parte da tradição intelectual do Ocidente, pelo menos tem suas origens numa visão de mundo bíblica.

Na verdade, o conhecimento que os quatro tinham do Deus verdadeiro e da sua Palavra proporcionou-lhes uma *vantagem* enorme sobre a instituição intelectual babilônica:

> Vencido o tempo determinado pelo rei para que os trouxessem, o chefe dos eunucos os trouxe à presença de Nabucodonosor. Então, o rei falou com eles; e, entre todos, não foram achados outros como Daniel, Hananias, Misael e Azarias; por isso, passaram a assistir diante do rei. Em toda matéria de sabedoria e de inteligência sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino.
>
> 1.18-20

Nessa prova final, Deus lhes concedeu o resultado desejado. Especificamente, os filhos de Deus, criados no clima intelectual sofisticado da Babilônia e também cheios da verdade da Palavra de Deus, se provaram "dez vezes mais doutos" que os seus pares descrentes.

Isso não deve surpreender. Os intelectuais babilônios eram brilhantes e tinham conseguido muitas realizações gigantescas na ciência e na matemática, mas a visão de mundo errada e as superstições pagãs deles eram um verdadeiro obstáculo à sua procura da verdade. A instituição intelectual de hoje é igualmente magnífica e completa, mas também está limitada e embaraçada pelo fato de ter excluído a verdade bíblica. Como veremos, cientistas que apenas concebem a técnica e o domínio tecnológico sobre a natureza, à qual eles atribuem qualidades divinas como a eternidade e a auto-suficiência, podem ser pouco diferentes dos "magos" babilônios. Ar-

tistas que pensam que estão criando significado pelas suas inspiradas invenções estéticas projetadas para agradar, hipnotizar e manipular as suas platéias, podem ser pouco diferentes, na verdade, dos "encantadores" babilônios.

Que vantagens os cristãos podem obter, sendo livres das credulidades do humanismo secular, do cinismo do pós-modernismo que embota a mente e das limitações sufocantes do materialismo científico! Os cristãos bem podem se provar "dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores" que dominam com freqüência o mundo acadêmico, mas que são ignorantes das verdades que só podem ser encontradas em Deus. Os cristãos contemporâneos, como Daniel, podem se esforçar para travar conhecimento com o pensamento secular em suas próprias bases, serem bem-sucedidos e mostrar a sua influência até mesmo nas "Universidades da Babilônia" de hoje.

O que segue neste livro é uma tentativa de demonstrar como isso pode ser feito. É um passeio por alguns dos jardins suspensos, um guia ao serviço de bufê, a "mesa do rei", do mundo intelectual moderno e pós-moderno. Nele eu tento explicar o que pode ser nutritivo e também o que pode ser considerado contaminador. Também tento sugerir por que o Cristianismo – puro, ortodoxo e intransigente – pode, de fato, ser uma estrutura para o conhecimento da mais larga extensão e das profundidades mais complexas. Eu tento mostrar como os cristãos podem ansiar ser, a exemplo de Daniel, "dez vezes mais doutos" que seus contrapartes secularistas.

PARTE II

A Mente Moderna e a Pós-Moderna

~ 4 ~

OS ATAQUES CONTRA O CRISTIANISMO

Muitos cristãos não se opõem ao conhecimento em si. Não obstante, eles percebem que hoje certos campos de estudo fazem afirmações que nem sempre estão de acordo com que a Bíblia ensina. A Biologia envolve o estudo da evolução. A Psicologia tende a glorificar ou a banalizar os seres humanos, deixando de fora as complexidades da alma humana e as exigências de Deus. As Artes, embora talvez "cristãs" cinco séculos atrás, hoje parecem parte da disposição de mente mundana ou até mesmo pagã contra a qual as Escrituras advertem. E quanto aos campos de conhecimento puramente secular, como as ciências exatas, a tecnologia, as ciências humanas ou outras áreas que não estão diretamente ligadas ao pensamento cristão? Um envolvimento profundo com um cenário intelectual que em geral ignora ou se opõe à revelação de Deus não causaria dano à fé de alguém?

Essas são questões sérias, de vida ou morte. Muitas pessoas de fato abandonam sua fé depois que entram na universidade. Muitos cristãos começam a pensar de suas crenças anteriores como estreitas e limitadas comparadas à carga estimulante de conhecimento que recebem quando se aprofundam no estudo da Psicologia contemporânea ou quando se sentem aceitos socialmente pelo mundo acadêmico ou artístico. Então, com freqüência, eles tentam conciliar coisas que não podem ser conciliadas. Se preservarem um vestígio da crença cristã, sentem-se compelidos a reinterpretar essa crença à luz do pensamento contemporâneo. Eles abandonam a autoridade rigorosa e exaustiva da Bíblia, mas conservam as partes que lhes agradam. Se o seu círculo social e intelectual tolera a imoralidade sexual e o aborto, eles transformam a sua teologia em algo do mesmo modo toleran-

te. Se as idéias em voga entram em conflito com a Bíblia, então é a Bíblia que está errada.

Uma alternativa à instrução secular é a instrução cristã. Existem escolas cristãs em todos os níveis. Na melhor das hipóteses, elas tentam integrar todo o conhecimento com a fé cristã. No entanto, o ponto de vista secular pode penetrar até nas escolas, nas universidades e na cultura cristãs. Para ensinar numa universidade cristã é necessário um diploma. Visto que há poucas escolas de graduação explicitamente cristãs, isso quer dizer que até o estudioso cristão tem de ser provado e certificado pelo mundo acadêmico secular. Na minha opinião, isso é bom – um estudioso cristão deve envolver-se com o mundo intelectual do seu tempo. A questão é que, esses profissionais cristãos, para serem aceitos em suas áreas e para desempenharem seu papel nas disciplinas do seu campo profissional, muitas vezes se vêem pensando do mesmo modo que os seus colegas seculares, mesmo quando a posição academicamente respeitável entra em conflito com a ortodoxia cristã. Conseqüentemente, até alunos de faculdades cristãs são ocasionalmente escandalizados pelo que estão aprendendo com seus professores cristãos. Às vezes, isso se deve à ingenuidade intelectual do aluno, porém em certas ocasiões é devido à ingenuidade teológica do professor.

Em todo caso, os estudantes e os professores e pensadores cristãos em todos os campos precisam conhecer os contornos do pensamento secular corrente.

O termo *secular* significa não-religioso, em oposição a *sagrado*. Há um sentido em que o conhecimento puramente secular, aquele que não envolve nenhuma pretensão religiosa, pode ser o menos problemático para o cristão. A água consiste de dois átomos de hidrogênio ligados a um de oxigênio – esse fato não tem nenhum conteúdo religioso em si e seria aceito por qualquer pessoa de qualquer crença ou que não tenha nenhuma crença. O problema é que aquilo que às vezes se apresenta como secular não tem nada de secular. Declarações sobre o significado, a origem e o propósito da vida são intrinsecamente religiosas. É contra esses pronunciamentos consagrados, provenientes de fontes seculares, que os cristãos precisam ficar de guarda.

Eu acredito que os cristãos podem se envolver com o pensamento contemporâneo de modo positivo sem que a sua fé seja comprometida. Porém, eles precisarão estar cientes dos ataques, das tentações e dos modos dos pensamentos específicos "consagrados" que eles encontrarão. Neste século 21, o Cristianismo não conta com o apoio do mundo intelectual. Os cristãos precisam ter uma clara compreensão disso. Eles podem aprender

dessa instituição, e até participar dela – eles não são completamente excluídos por causa da sua fé, e, como espero demonstrar, esta fé pode lhes dar uma vantagem verdadeira. Contudo, o Cristianismo não tornará uma pessoa popular nos círculos acadêmico, intelectual ou artístico.

Atacados por Todos os Lados

G. K. Chesterton observou como o Cristianismo é atacado "por todos os lados e por todos os motivos contraditórios".[1] Ele ressalta como alguns condenam o Cristianismo por ser muito pessimista; outros, por ele ser muito otimista. É dito que o Cristianismo enfatiza o pecado, o julgamento e a austeridade, que ele é desumano em sua tristeza e desolação. Outros, no entanto, rejeitam-no por seus consolos celestiais. A crença na providência e num Deus amoroso, eles dizem, esconde a verdadeira desolação e falta de sentido da vida. A Igreja é ridicularizada tanto por ser antifeminista e porque na Europa apenas as mulheres vão à igreja. Ela é criticada por sua austeridade e sua extravagância, por ser tão pacífica e por ser muito violenta. É atacada pela falta de união ("As igrejas não concordam entre si") e por ser unificada ("Elas não admitem diferenças de opinião").[2]

Esses argumentos são ouvidos todos os dias nas salas de aula, nas publicações e nas conversas. Os seguidores de Karl Marx acusam o Cristianismo de oprimir os pobres. Os seguidores de Ayn Rand condenam o Cristianismo por ajudar os pobres. Uma pessoa pode acusar o Cristianismo de ser o ópio do povo e depois, na mesma conversa, reclamar sobre a posição da igreja em relação às drogas. Os liberais odeiam o Cristianismo por ser conservador, e os conservadores o odeiam por ser liberal. Um dos meus alunos estraçalhou o Cristianismo por ser egoísta e tolerante. Outro aluno, um conservador político que andou lendo Ayn Rand, o atacou por seu altruísmo. De acordo com ele, o individualismo egoísta é o mais alto bem e os ensinos sobre o amor, a compaixão e a responsabilidade para com os outros do Cristianismo prejudicaram a sociedade livre.

Numa aula de História, como observa Chesterton, o Cristianismo pode ser culpado tanto pela indulgência de Eduardo, o Confessor quanto pela violência de Ricardo Coração de Leão, por ser muito pacifista e por ser muito hostil. Um palestrante de Ciências pode criticar o Cristianismo por suprimir o conhecimento moderno em nome de superstições ultrapassadas. Um professor de Antropologia então atacará os missionários por apresentar às culturas primitivas a tecnologia moderna e os cuidados com a saúde. Alguns ridicularizam o Cristianismo por ser muito racionalista, reduzindo o mistério da vida e o sobrenatural a um conjunto de dogmas

intelectuais. Outros o dispensam por ser muito emocional e místico, uma fuga da razão para superstições nebulosas.

A questão não é, simplesmente, que as acusações, tomadas em conjunto, se contradigam, mas que o Cristianismo é mais complexo, compreensivo e integral do que muitos dos seus críticos percebem. Chesterton fornece uma analogia:

> Suponhamos que estamos ouvindo vários homens falando a respeito de um outro, desconhecido. Suponhamos que fiquemos intrigados ao ouvir de alguns que ele é muito alto e de outros, que ele é muito baixo; alguns fazem objeção à sua gordura, outros lamentam a sua magreza; alguns acham a pele dele muito escura e outros, clara demais. Uma explicação... seria que ele teria uma forma estranha. Mas há uma outra explicação. Ele pode ter a forma normal. Homens que são extremamente altos podem considerá-lo baixinho. Homens que são muito baixos podem considerá-lo alto... Talvez (para encurtar) essa coisa extraordinária seja na verdade uma coisa comum; ou pelo menos a coisa normal, o centro.[3]

Não quero ser falastrão. Muitas das críticas ao Cristianismo são fortes e penetrantes. Elas devem ser levadas a sério. Porém, muitas das críticas que deparamos casualmente *são* falastronas – são levianas e superficiais, toscamente formuladas e com conjecturas propositadamente baratas. O efeito que esse tipo de ataque causa não é proporcionar desafios intelectuais devastadores à fé das pessoas, mas desgastá-las. A pessoa logo fica cansada de todos esses insultos. Ficar na defensiva, principalmente contra todas as frentes ao mesmo tempo, pode ser emocionalmente estressante.

Além do mais, uma pessoa almeja ser aceita pelos seus iguais e pelos professores e colegas. O Cristianismo parece ser a barreira. Ninguém quer se identificar como um dos "fundamentalistas" de que todos estão zombando. Ninguém quer ser considerado como um inimigo de deleites terrenos que se recusa a enxergar a ausência de significado da vida, um opressor dos pobres e adversário do sistema de livre iniciativa, um pacifista egoísta, simplório e belicoso. É então fácil começar a ressentir-se do Cristianismo. Começa-se a aceitar, e então a se deliciar com as objeções mesquinhas que se ouve. Logo se torna fácil fazer suas próprias objeções mesquinhas.

Resistir a esses ataques intelectuais assemelha-se a Daniel rejeitando a mesa do rei. De alguma maneira, às vezes devem ser sacrificados o conforto pessoal e a aceitação social para poder manter-se obstinadamente fiel aos fundamentos da fé contra toda fascinação, pressão e zombaria. Outra ajuda para o cristão é possuir um sólido conhecimento a respeito dos ensinamentos do Cristianismo.

Ignorância a Respeito do Cristianismo

Até mesmo alguns dos maiores e mais ilustres estudiosos muitas vezes são impressionantemente ignorantes a respeito do conteúdo da fé cristã. A sofisticação e o conhecimento presentes na cultura de hoje são extensos e valiosos; contudo, a visão que muitas pessoas têm a respeito do Cristianismo é incrivelmente simplória. Aqui não estou me referindo à crença no Cristianismo, mas simplesmente a saber no que os cristãos crêem.

Para tomar um exemplo importante, é comumente negligenciado que o Cristianismo, como o nome indica, envolve Cristo. O Cristianismo é diferente das outras religiões mundiais, mesmo o monoteísmo judaico e o islâmico, ao ensinar que Deus tornou-se carne no Jesus histórico. Contudo, continuamente se caçoa do Cristianismo por acreditar num Deus de cabelo branco que vive no céu, infinitamente distante do sofrimento humano. Ou, então, ele é atacado por rejeitar o universo físico em favor de um espiritualismo vago e obscuro. Ou o caráter de Deus sofre ataque por ser frio demais, absolutista e judicativo.

É claro que essas acusações são complexas. O problema do mal é de fato um problema. Os cristãos de fato declaram a importância do reino espiritual e do poder absoluto de Deus. Porém, não há dúvida de que a doutrina de Encarnação, afirmada por todos os cristãos, complicam essas acusações de uma maneira profunda.

Deus está distante do sofrimento humano? O Deus cristão é um judeu muito pobre que foi torturado até a morte. Deus em Cristo adentrou o mundo dos homens para carregar as nossas tristezas (Is 53), para compartilhar o sofrimento da vida humana.

O Cristianismo rejeita o mundo material? O Deus cristão não é um fantasma, mas é manifesto de modo tangível num corpo humano de carne e sangue. Quando João fala da "palavra da vida", isso não é algo abstrato ou alguma experiência mística, mas algo "que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam" (1Jo 1.1). O Cristianismo, com a sua ênfase na encarnação, na historicidade e nos sacramentos, e o valor e o significado da criação física, pode ser atacado mais logicamente por ser "materialista demais", como de fato o é pelos defensores de outras religiões mundiais.

A personalidade de Deus não é atraente? Observe como quase ninguém, até ateu o mais militante, criticaria a pessoa de Jesus de Nazaré. Eles rejeitam a sua deidade, naturalmente, e o distorcem para que ele se ajuste às suas próprias crenças – os marxistas o vêem como um revolucionário

político, os defensores da nova consciência o vêem o como um visionário místico – mas quase todos o têm na mais alta consideração.

Isso é muitíssimo incomum. Os críticos do marxismo não se importam se Karl Marx é atacado. Os antagonistas do Mormonismo desacreditam com facilidade Joseph Smith. Os fundadores de outras filosofias e religiões não estão isentos do ataque *ad hominem*. As pessoas crêem ou não crêem nos seus ensinamentos. Jesus, porém, é diferente. Eu nunca li alguém tentando refutar o Sermão da Montanha. Os únicos que apresentam Jesus como fraude ou psicopata são alguns teólogos liberais, com Nietzsche e Ayn Rand atacando-o de modo mais direto do que a maioria. No entanto, nem mesmo estes conseguem esconder a admiração que sentem por ele. Todos prestam pelo menos algum louvor a esse carpinteiro galileu cuja repercussão, mesmo entre descrentes, é bem diferente da de qualquer outro mestre humano. As pessoas não conseguem evitar ficar "maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28,29).

Que Jesus seja tão universalmente honrado parece ter sido sempre uma grande prova da fé cristã. Eu não faço uma objeção muito forte à comercialização do Natal. Gosto muito quando o mundo secular enfeita a sua árvore e gasta muito dinheiro para celebrar o aniversário de alguém que ele pode não reconhecer, mas que não obstante é seu Rei e Senhor (Fp 2.9-11).

Esse Jesus cuja personalidade todos admiram e cujo ensino todos louvam é o Deus cristão. Jesus tem de fato autoridade e executa "julgamento", como é retratado nos quatro Evangelhos. Todavia, nele essas qualidades não estão sujeitas a objeções. Elas parecem condizer com ele, em harmonia com a sua humildade e o seu amor. A personalidade de Deus, para os cristãos, é manifesta na personalidade de Jesus, à parte de quem não sabemos nada sobre Deus (Jo 14.7). Nosso Pai celestial não é como os críticos geralmente o retratam. De onde eles tiram essa caricatura? Antes, a sua personalidade e o seu caráter são plenamente revelados em Jesus, como também, reciprocamente, a personalidade e o caráter de Jesus são o que os cristãos compreendem como a personalidade e o caráter de Deus.

Outro exemplo da ignorância geral a respeito da doutrina cristã tem a ver com a salvação. Muitas pessoas, incluindo muitos críticos do Cristianismo, assumem que os cristãos acreditam que as pessoas boas vão para o céu e as pessoas más para o inferno. Para herdar o céu, a pessoa tem de viver a vida de modo íntegro, que envolve evitar coisas que a maioria das pessoas aprecia e se esforçar por vários meios para alcançar a Deus. Se isso for Cristianismo, isso também é Cristianismo sem Cristo.

Por outro lado, os cristãos sempre insistiram que a salvação vem de Cristo e é oferecida a pecadores. Embora eles difiram quanto à sua compreensão de que maneira essa salvação é exatamente obtida, todos os cristãos, católicos e protestantes vêem historicamente Cristo como a fonte da salvação. Nós não vamos a Deus; ele vem a nós. O Cristianismo não é sobre as nossas virtudes, mas o perdão por nossa falta de virtudes. A salvação não pode ser comprada por meio de boas obras, muito menos pelo cultivo de bons hábitos. Ela foi comprada para nós e por nós pelo sangue de Jesus Cristo, a Segunda Pessoa da Trindade que reivindica nossos pecados e permite que reivindiquemos a sua justiça. Quando estamos reunidos com ele, pela graça mediante a fé, Jesus se torna o nosso salvador.

Isso é bem mais complicado do que a teologia de "pessoas boas vão para o céu, pessoas más para o inferno" e pode certamente ser criticado. Mas quase nunca é. Os críticos mais severos do Cristianismo freqüentemente não sabem nada a respeito do conceito cristão central da graça. Ocasionalmente, o conceito básico de salvação pela fé é criticado. Todavia, ao estudar as reclamações, é aparente que os críticos pensam que os cristãos vêem a fé como uma mera crença intelectual em doutrinas abstratas. Assim, a salvação pela fé é muito mais menosprezada que a salvação pelas obras. Eles não percebem que os cristãos não vêem a si mesmos como sendo salvos pela fé nem pelas obras, mas pela graça de Deus (Ef 2.8). A graça é o amor e a obra e o perdão de Deus, que em Cristo nos chama a ele. A fé é a aceitação e a confiança naquilo que Deus fez por nós. Isso não é consentimento intelectual a uma abstração, nem um estado emocional, nem uma distorção da vontade; antes, a fé é uma condição despertada pela obra do Espírito Santo por meio Palavra de Deus. De modo algum as obras de Deus são minimizadas; antes, elas são o fruto de uma fé viva, por meio da qual Deus nos transforma a partir do nosso interior e nos motiva a amar e a servir o nosso próximo. Tanto a fé quanto as boas obras são uma resposta à graça e um dom desta.

Um bom exemplo de uma má compreensão desse tipo pode ser visto nas análises mais sábias dos puritanos. O termo se tornou um sinônimo de moralismo austero. Contudo, essas pessoas que são muitas vezes ridicularizadas pela sua moralidade rígida foram precisamente aquelas que mais minimizaram a função das boas obras na salvação. O fato de elas terem posto forte ênfase somente na graça de Deus produz fruto na ação moral.

O conceito de pecado é igualmente mal-compreendido, e não apenas pelos críticos acadêmicos. Certa vez, eu solicitei uma tarefa escrita na qual o aluno tinha de explorar o tema da moralidade. A maioria deles, incluindo

muitos freqüentadores de igreja, pensava que o pecado incluía hábitos como fumar e beber. Alguns mencionaram o sexo, mas fumar e beber foram os pecados que representavam os grandes problemas morais do nosso tempo. Ora, não fumar e não beber também são práticas racionais e saudáveis, mas a Bíblia não está se referindo a esses hábitos quando ela fala do pecado. Os meus alunos tiveram dificuldade em compreender o sentido em que o orgulho pode ser um "pecado mortal". ("Orgulho? Mas o treinador nos disse para termos orgulho de nós mesmos, e nosso conselheiro do colégio nos enforcaria se não tivéssemos uma boa auto-imagem.") Ninguém mencionou os Dez Mandamentos. ("Não cobiçarás"? Mas o que aconteceria à economia se não quiséssemos o que os outros têm?") Ninguém observou o sentido no qual o pecado é inerente à natureza humana, uma inclinação perversa, sempre presente no coração de todos nós.

Chesterton observou que a doutrina do pecado original "é a única parte da teologia cristã que realmente pode ser provada".[4] Cada utopia que fracassou (por que deveria fracassar se todos os seres humanos desejam paz e felicidade perfeitas?), cada ideal humano elevado que se deteriorou – e todas as utopias e todos os ideais fracassaram e se deterioraram – é uma prova da doutrina cristã do pecado original.

Não deveria ser possível aos cristãos se desiludirem. Para começar, não deveríamos ter ilusões. A nossa fé está somente em Jesus Cristo. Quando um ser humano nos desaponta, quando alguém que admiramos mostra que é hipócrita, quando a própria Igreja prova ser corrupta, nós não deveríamos ficar surpresos. Essa é a nossa condição pecadora. Os cristãos sabem que não são pessoas boas, que estamos todos perdidos, chafurdando nos nossos pecados e capazes dos atos mais horríveis, se não fosse pela obra de um Salvador. Quando percebemos isso, torna-se bem mais fácil perdoar, entender e aceitar o pecador. Essa tensão do realismo cristão, ao mesmo tempo inflexível e compassivo, pode dar ao cristão uma perspectiva iluminadora sobre tudo na vida.

Desilusão

Se os críticos evitam atacar a Cristo, eles são selvagens na sua acusação contra a Igreja. As realizações da Igreja são omitidas, e a humildade cristã normalmente impede que a Igreja se defenda. Como prova da corrupção do Cristianismo, os críticos vão, por exemplo, citar as Cruzadas e a Inquisição. (É uma sensação estranha para os protestantes, cujos antepassados espirituais passaram pela fogueira, descobrirem que recebem a culpa pela Inquisição.) Os críticos citarão exemplo após exemplo de brutalidade

e hipocrisia por parte dos cristãos através dos anos. Muitas dessas críticas são inexatas e injustas, mas são todas declaradas. A Igreja é um grupo de pecadores autoconfessos. Que ela possa ser sanguinária, brutal, insensível, totalitária, desajeitada e (o que é talvez o pior para alguns) vulgar, é apenas outra prova de sua doutrina de que "não há justo, nem um sequer" (Rm 3.10). Isso não quer dizer que os cristãos deveriam ser complacentes em relação à impureza na Igreja ou à hipocrisia nos cristãos. Deveríamos ser os críticos mais duros e nos apegar aos mais elevados ideais declarados nas Escrituras. Entretanto, o fracasso em não conseguir viver de acordo com esses ideais – as ocasiões em que os cristãos foram sanguinários, intolerantes e perversos – não pode invalidar a fé cristã.

Muitas pessoas que perdem o controle intelectual sobre a sua fé fazem isso porque estão desiludidas. Elas ainda professam uma admiração por Cristo, mas começam a rejeitar o Cristianismo institucional. Elas se tornam conscientes de alguns episódios vergonhosos da história da Igreja – os massacres organizados, a Guerra dos Trinta Anos, o preconceito racial. Ou, o que pode ser até mais devastador, elas tiveram uma experiência ruim na sua própria igreja. Seus sentimentos foram feridos; elas foram maltratadas; elas percebem hipocrisia nos membros proeminentes da sua igreja. Na mente delas, a Igreja institucional adquire uma má conotação. Elas deixam de ir aos cultos. Elas começam a aceitar que as grandes doutrinas da fé, inclusive a Encarnação e a Redenção, não passam de meros dogmas da Igreja. Elas se afastam mais e mais, até que a sua fé, que pode ter sido extremamente ardente, comece a definhar até que se torne uma lembrança e, depois, chegue a uma fase na qual ela passa a ser algo que fez parte do passado longínquo da pessoa.

Eu vi isso acontecer repetidas vezes na vida de amigos, colegas, alunos e estudiosos. Muitos dos inimigos mais ferozes do Cristianismo freqüentemente já foram cristãos fervorosos. A amargura deles normalmente é diretamente proporcional às decepções que tiveram com outros cristãos.

Ninguém pode atacar algo com veemência sem levá-lo a sério de alguma maneira. Ninguém mais investe contra a crença em Zeus. Ninguém fica exaltado em relação à Sociedade da Terra Plana. Contudo, o Cristianismo estimula as emoções mais profundas, mesmo e especialmente naqueles que mais o rejeitam. A pessoa que mais veementemente condena a fé pode estar mais próxima dela que o agnóstico calmo que continua ignorante dela e alegremente a deixa fora de qualquer consideração.

Esses críticos hostis, tragicamente, são muitas vezes "aqueles pequeninos" que os cristãos escandalizaram, levando-os a tropeçar (Lc 17.1,2). Quando

os cristãos deparam com esses críticos, eles não devem responder com hostilidade. Que bem faria isso? Isso apenas confirmará a desilusão dos críticos em relação aos cristãos. Antes, estes devem obedecer à Bíblia que orienta: "amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem" (Mt 5.44, ARC). Essa atitude pode ser mais eloqüente que qualquer argumento, especialmente para alguém que foi desiludido pelo comportamento de cristãos, e pode fazer muito em conseguir que o evangelho seja ouvido.

Enquanto isso, os cristãos têm de entender de modo completo a doutrina do pecado para que eles mesmos não se desiludam. De fato eles sofrerão ofensas (Mt 18.7). Os cristãos têm de tomar cuidado para não ser devastados por elas. A doutrina do pecado deve assegurá-los contra a desilusão.

Informar e Explicar

Um das melhores maneiras na qual os cristãos podem testemunhar a alguém hoje, tanto para os inimigos ativos quanto para o número bem maior de ignorantes e indiferentes, é simplesmente informá-los objetivamente do que se trata a crença cristã. Normalmente não é necessário discutir, envolver-se em discussões esotéricas profundas, ou até mesmo defender-se. Simplesmente explicar.

Quando o Cristianismo for acusado por ter promovido as Cruzadas, simplesmente diga: "Eu sou cristão, e nossa igreja não pede que conquistemos a Terra Santa". De um só golpe fica claro que as Cruzadas não são a essência da doutrina cristã. Quando alguém apresenta o problema do mal para contestar a existência de Deus (que, se ele é bom e todo-poderoso, não permitiria o sofrimento humano), apresente Jesus Cristo: "O Cristianismo ensina que Deus se tornou um ser humano em Jesus Cristo e que ele carregou o pecado humano e sofreu em nosso lugar". Pode ser que isso não resolva plenamente o problema, mas o complica de modo interessante e pelo menos esclarece a história.

Quando a Igreja é criticada por ser hipócrita, simplesmente explique como o Cristianismo é uma religião que se restringe a pecadores. (Isso coloca o crítico na posição incômoda de ser farisaico e fazer julgamento, as mesmas atitudes que ele está criticando na Igreja.) Quando o Cristianismo é atacado por rejeitar a realidade física, os prazeres comuns da vida e a dignidade humana, pergunte: "Como isso poderia ser possível, se as suas doutrinas centrais são que Deus criou o mundo e se fez carne, tendo vindo ao mundo físico como um ser humano?".

Do mesmo modo que é possível explicar o conteúdo da crença dos budistas, a crença dos pós-marxistas e dos pós-modernistas, pode-se explicar o conteúdo da crença dos cristãos. Isso pode ser feito sem proselitismo. Não é necessário argumentar em favor dessas posições e nem mesmo defendê-las. Basta declarar o que elas são. Você pode fazer isso numa escola pública. Não é contra as decisões do Supremo Tribunal. Você não está pedindo para ninguém acreditar na Encarnação ou na Redenção, mas simplesmente está explicando objetivamente o que essas expressões significam. Ninguém pode contestar. Ninguém irá negar que essas idéias sejam pelo menos histórica e culturalmente importantes e filosoficamente interessantes.

Os cristãos, às vezes, atraem o escárnio sobre eles mesmos e sobre a sua fé pelos seus sermões altos e emocionais nas salas de aula, pelas suas acusações defensivas e agressivas de "Blasfêmia!" ou "Doutrina satânica!" (O que você espera? Você está na Babilônia, não na igreja.) Testemunhar não significa ser uma testemunha de acusação. Também não é principalmente uma declaração de experiências pessoais, nem o resultado de uma longa discussão intelectual. A apologética tem a sua importância, mas o evangelho não é comunicado por meio de debates, ou por apelos eloqüentes, ou carisma pessoal, ou manipulação perspicaz (1Co 1.18-25), mas pela Palavra de Deus. Quando esta Palavra, a mensagem do Cristo crucificado, é apresentada, ela é eficaz e por si mesma pode criar a fé nos seus ouvintes

> Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.
> – Hebreus 4.12

> E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo.
> – Romanos 10.17

Daniel, o profeta inspirado, levou a Palavra de Deus para as cortes da Babilônia, uma palavra de poder que posteriormente faria com que Nabucodonosor, o conquistador do mundo, com toda a sua autoridade e todo o seu prestígio, dobrasse os seus joelhos (Dn 4). Os cristãos modernos também, armados com as Escrituras, têm o mesmo poder de sustentar a verdade contra todos os ataques.

~ 5 ~

A EXCLUSÃO DE DEUS

Normalmente, não são os argumentos específicos contra o Cristianismo que perturbam a fé de uma pessoa, mas toda a atmosfera do pensamento contemporâneo. Deus simplesmente nunca é incluído. Nas discussões da Psicologia, da Filosofia, das ciências exatas, das ciências humanas e, até mesmo da ética e da moralidade, via de regra é totalmente omitida a consideração da possibilidade da existência de Deus e de que ele poderia ter relação com esses assuntos.

Às vezes, parece que a consideração da verdade religiosa pode ser o único tabu de uma sociedade permissiva. Flannery O'Connor escreveu que as duas coisas que não podiam ser mencionadas na Universidade de Kansas, minha *alma mater* a propósito, eram "uísque e religião".[1] Hoje, o uísque é aceitável nos câmpus das universidades, mas a religião ainda é controversa. Numa história curta, uma das personagens de O'Connor exibe esse puritanismo religioso: "Jesus Cristo na conversa a deixa encabulada do mesmo modo que o sexo deixava a sua mãe".[2]

Essa conspiração do silêncio, exceto pelas observações negativas, faz com a pessoa sinta que a religião não é digna da atenção dos que procuram a verdade com seriedade, que tudo pode ser explicado à parte de qualquer consideração sobrenatural.

A Mente Modernista e Científica

Desde o "Iluminismo" dos anos 70, os estudiosos têm insistido em buscar explicações para acontecimentos observáveis de dentro da ordem natural fechada. A natureza é considerada um sistema fechado. Qualquer coisa que acontece na natureza deve ser considerada em termos de qualquer outra

coisa na natureza. Qualquer apelo para algum reino sobrenatural fora do sistema fechado é excluído automaticamente e por meio de rigor metódico. As provas científicas baseiam-se em evidências empíricas, em observações concretas, mensuráveis.

Essa metodologia tem vantagens óbvias. A mente pré-científica podia afirmar que chove porque Deus faz chover. Isso era suficiente. Não havia pensamento de centros de baixa pressão, frentes frias, reações químicas e outros fatores que nós agora sabemos que causam a chuva. Ao examinarmos a natureza de perto, podemos entender os mecanismos exatos pelos quais a natureza funciona.

No entanto, a visão anterior ainda está correta. Deus de fato faz chover. Os meteorologistas também estão corretos. Os teólogos sempre ensinaram que Deus trabalha por meio de "causas secundárias". Deus é a Causa Primária, que criou e sustenta o universo e que o governa como ele deseja. As causas secundárias são a cadeia observável de acontecimentos. A chuva é causada pela condensação de água no ar devida a uma variedade de substâncias químicas e fatores climáticos, as causas secundárias. Deus é a Causa Primária da chuva porque ele projetou a água, o ar e o processo químico que resultam em chuva.

A ciência moderna corretamente focaliza as causas secundárias. A mente pré-científica pulou para Deus com muita pressa, antes que os processos físicos fossem analisados e entendidos completamente. Não há nenhuma razão pela qual o povo da fé não possa estudar esses processos físicos. Fazer isso significa entender de modo mais pleno o que Deus fez na sua criação, apreciar a ordem criada em toda a sua complexidade e planejamento, ver a natureza na profundidade em que Deus a criou.

Ao longo da era "modernista" do século 20, a metodologia científica penetrou em quase todas as disciplinas acadêmicas. Até as disciplinas que não eram científicas – as Artes, a Filosofia, e mesmo a Teologia — tentaram fazer algum uso do método científico. Os críticos buscaram critérios objetivos para julgamentos estéticos, os filósofos tentaram aplicar o empirismo aos problemas metafísicos e os estudiosos bíblicos se esforçaram por aplicar a análise científica aos textos da Escritura.

Até hoje, quando dou aula de redação para calouros, insisto para que as generalizações abstratas sejam fundamentadas em provas concretas e ilustradas por meio de exemplos concretos. Essa ênfase nas provas faz parte da herança da ciência e é encontrada em todo lugar. É valiosa. Um sistema intelectual precisa de algum princípio de verificação. Insistir em provas concretas favorece a clareza, a precisão e dá alguma garantia da verdade.

Ao mesmo tempo, um método assim impõe algumas limitações. Se a prova da verdade for apenas evidência observável, isso exclui algumas das áreas mais interessantes da vida. Julgamentos de valor, ideais e princípios morais não são coisas que podem ser observadas. Elas não podem ser reduzidas a experiências de laboratório. Certamente a afirmação de realidades espirituais, a fé baseada na "convicção de fatos que se não vêem" (Hb 11.1), fica quase impossível nessas condições.

Em vez de reconhecer que a ciência é limitada em seu alcance, que certas perguntas estão fora dos limites da ciência, o mundo acadêmico muitas vezes sustentará uma explicação naturalista em áreas consideradas tradicionalmente religiosas. A origem da raça humana tem de ser explicada em termos de uma série de causas naturais – evolução por meio de seleção natural – não por meio da referência a um Criador sobrenatural. A origem do universo – o "*big-bang*" para o qual agora existe evidência empírica – pode ser analisada em termos de massa e energia e cálculos matemáticos complexos. Mas a possibilidade de um Criador, a tradicional Causa Primária, não deve nem mesmo ser mencionada. À medida que aumentam as evidências empíricas relativas ao universo não ter-se originado do acaso, mas de ter sido projetado, os cientistas mais importantes tentam invalidar essa linha de pesquisa, já que o fato do projeto implica a existência de um Projetista.[3]

A metodologia científica é especialmente inepta quando a questão é análise moral. As ciências sociais se esforçam para evitar julgamentos de valor. Sempre me divertiu como os meus professores de Sociologia, lá pelos anos 70, insistiam durante as aulas que julgamentos morais são simplesmente meios de controle social, que são relativos, situacionais e não devem ser levados muito a sério. Eles então deixavam a sala de aula para protestar contra a guerra de Vietnã como sendo "imoral". Eles eram rápidos para rotular os escrúpulos morais em práticas sexuais ou as críticas de outras culturas como apenas julgamentos de valor, mas não podiam evitar fazer eles mesmos esse tipo de julgamento.

Para a mente modernista, as questões morais devem ser decididas em termos do que é observável. São excluídos os absolutos objetivos, autorizados, que transcendem o sistema fechado da natureza. Por exemplo, na questão do aborto, os cristãos ortodoxos se apegam ao mandamento "Não matarás" (Êx 20.13). Isso é um absoluto, do qual deduzimos o princípio da santidade da vida. Podemos, então, fazer uso da evidência científica para mostrar que o feto é um organismo humano vivo, que sente e até mesmo pensa. Que os seres humanos de qualquer idade ou fase de

desenvolvimento simplesmente não devem ser mortos apenas porque não são desejados é um conceito transcendente. A utilidade social ou a conveniência humana não tem nada a ver com questões de moral absoluta que estão em jogo.

Os modernistas procedem da maneira oposta. Seu conceito de ética deve ser baseado em fatos sociais observáveis. Há um problema de população, muitas crianças não desejadas seriam um peso a mais para a Assistência Social, uma gravidez freqüentemente interfere com a total emancipação da mulher, e assim por diante. Conseqüentemente, o aborto é uma maneira fácil de resolver vários problemas sociais e pessoais concretos e observáveis. Os absolutos morais não têm nada a ver com a conveniência social ou a felicidade humana concreta.

As mesmas dificuldades aparecem nas questões de responsabilidade moral. Se alguém rouba uma loja de conveniência (que ainda é um crime porque viola a segurança concreta de uma sociedade e o funcionamento da economia), como devemos entender esse crime, e o que deve ser feito com o criminoso?

Os secularistas devem buscar uma razão para o comportamento do criminoso em termos de condições observáveis, o sistema natural fechado. Talvez o criminoso tenha sido maltratado pela sociedade e, como resultado, esteja revidando. Talvez a causa possa ser encontrada no passado do criminoso – talvez ele tenha sido física ou emocionalmente maltratado quando criança. Quem sabe ele sofreu algum trauma que o fez cometer o crime. Se não houver prova desses problemas ambientais, talvez haja uma razão física. Pode ser que haja um desequilíbrio hormonal ou uma anormalidade do cérebro ou uma disposição genética para o comportamento anti-social.

A idéia de que uma pessoa é um agente moral soberano e, portanto, responsável pelas suas ações, quaisquer que sejam as circunstâncias complicadoras, geralmente está fora do alcance de muitos estudiosos. A controvérsia sobre se o comportamento humano é aprendido ou genético simplesmente apresenta duas tentativas diferentes de explicar as complexidades humanas em termos do sistema natural fechado.

Ambas no final negam a liberdade e a dignidade humana. Isso era motivo de orgulho para B. F. Skinner, o renomado pioneiro da ciência do comportamento. No seu livro *Beyond Freedom and Dignity* [Além da liberdade e da dignidade], Skinner argumenta com franqueza que essas noções são antiquadas e carecem de bases científicas. Os seres humanos podem e devem ser manipulados para o bem de todos.

Mas, voltando ao criminoso, fica difícil ver por que ele deve ser punido se ele não for realmente responsável pelo seu comportamento. Se o crime for uma doença, ele deve receber tratamento para que seja curado. Se o problema do criminoso for desajustamento social, ele simplesmente precisa ser reabilitado. Tudo isso parece muito humanitário. Mas por trás está a negação da humanidade do criminoso. Para citar Chesterton:

> Que os pecados sejam inevitáveis, isso não evita o castigo; se evita alguma coisa, ele evita a persuasão. É bem provável que o determinismo leve à crueldade como certamente leva à covardia. O determinismo não é incompatível com o tratamento cruel de criminosos. O que (talvez) seja incompatível é o tratamento generoso de criminosos, sem qualquer apelo ao seu melhor sentimento ou encorajamento na sua luta moral. O determinista não acredita em apelar à vontade, mas ele acredita de fato na mudança de ambiente. Ele não deve dizer ao pecador, "Vá e não peques mais", porque o pecador não consegue evitar isso. Mas ele pode colocá-lo em óleo fervente; pois o óleo fervente é um ambiente.[4]

Decisões judiciais indeterminadas, psicologia manipuladora, reabilitação como uma máscara para reincidência, prisões dirigidas pelos próprios prisioneiros são, na realidade, castigo cruel e incomum. A crise no sistema de justiça criminal e os fracassos das prisões são testemunhos do que acontece quando são rejeitados conceitos de responsabilidade moral e justiça objetiva.

O método científico é extremamente valioso. Porém, isso não significa que suas suposições peculiares, projetadas para estudar objetos físicos, possam ser aplicadas a todas as esferas do pensamento. Quando aplicadas muito estritamente a seres humanos, o resultado é que estes são reduzidos a objetos meramente físicos, a animais, a máquinas. Ao excluir arbitrariamente os valores, a liberdade e os mistérios transcendentes da vida humana, essa visão exclui tudo o que tem importância, tudo o que faz de alguém um ser humano.

As suposições intelectuais do método científico foram aplicadas até mesmo à Teologia. O resultado é a cadeia de raciocínio circular que compõe muito da teologia liberal modernista. Visto que apenas o que é observável ou está de acordo com os processos naturais pode ser aceito como válido, segundo a metodologia científica, os eventos descritos na Bíblia não devem ter acontecido de fato. O texto bíblico deve ser considerado em termos do sistema fechado, naturalista. Se um livro de profecia anuncia algum evento histórico, isso é considerado uma evidência de que o livro foi escrito *depois* que aquele evento aconteceu. Milagres simplesmente não acontecem no mundo "real". Se um milagre é registrado no Novo Testamento, deve ser

uma construção da Igreja Primitiva que, por sua vez, deve ter compilado e desenvolvido as narrativas do Evangelho durante muitos e muitos anos, conforme as suas necessidades teológicas. Doutrinas tradicionais como céu e inferno devem ser reinterpretadas em termos visíveis, observáveis. A salvação se torna uma metáfora para a saúde psicológica ou a liberação política.

Essa visão não pode considerar a possibilidade de inspiração direta e sobrenatural como um meio de conhecimento. A idéia de que existe um Deus onipotente e pessoal que pode adentrar a História de modos milagrosos é difícil para a mente modernista. O pensamento de que é possível para os seres humanos um reino existente além do mundo físico observável é descartado como sobrenatural.

A ironia é que a religião sempre se ocupou do sobrenatural, do invisível, do misterioso. Para se tornar intelectualmente respeitável, e ser aceita como instrução acadêmica legítima, a teologia contemporânea com freqüência rejeitou a sua substância tópica. A teologia contemporânea muitas vezes deixa de ser Teologia. Em vez disso, torna-se Psicologia, Sociologia, Filosofia ou Política. O sobrenatural é excluído em favor de explicações naturalistas a ponto que a Teologia ter de, por sua própria metodologia, excluir Deus.

A Teologia já foi considerada, na tradição da educação clássica, "a rainha das Ciências", a disciplina que proporcionou a base e o significado para todas as outras formas de conhecimento, unificando todas elas. Para os modernistas, as ciências físicas se tornaram a "rainha", a ponto de limitar e restringir as outras disciplinas, bem como determinar as regras básicas para elas.

Não é uma crítica às ciências físicas insistir que as hipóteses e os métodos dessas disciplinas não são sempre aplicáveis aos seres humanos, às artes, à filosofia ou à religião. Do mesmo modo que era absurdo na Idade Média aplicar os métodos da teologia escolástica ao estudo da natureza física, é absurdo hoje aplicar as regras de análise científica ao estudo da Teologia.

Albert Einstein observou que a ciência pode ajudar os seres humanos a atingir os seus objetivos; a ciência não pode, porém, fornecer os objetivos.[5] Se nós quisermos alimentar o mundo, a ciência pode nos ajudar a fazer isso. Se resolvermos exterminar o mundo, a ciência também pode nos ajudar a fazer isso. A ciência, entretanto, como um método e como um campo de conhecimento, é simplesmente incapaz, por sua própria natureza, de tomar a decisão por nós. Muitas pessoas assumem que o que é cientificamente possível sempre é desejável. Einstein discordaria. Tanto o que é possível como o que é desejável envolvem duas esferas

separadas de conhecimento. Decidir entre abortar um feto ou salvar a vida dele por técnicas cirúrgicas de alta tecnologia não é uma questão que a ciência pode decidir por nós.

Einstein prossegue para observar: "A perfeição de meios e a confusão de objetivos parecem – na minha opinião – caracterizar a nossa era".[6] Nós temos os meios para fazer quase qualquer coisa, mas estamos paralisados porque não sabemos o que fazer. Embora estejamos muito avançados cientificamente, nós somos moralmente primitivos ao extremo. Podemos controlar a natureza, mas não podemos controlar a nós mesmos. É com o que Einstein chama de estabelecer os objetivos que a Teologia e as ciências humanas sempre estiveram preocupadas. Por que os seres humanos estão aqui? Como deveríamos agir uns para com os outros? O que é necessário para ter a felicidade? Qual é o propósito da vida? Essas questões de objetivos, ideais e propósito são reais em todos os sentidos do termo. As pressuposições das ciências físicas não deviam evitar que essas perguntas sejam feitas ou respondidas.

A Mente Pós-Moderna e Pós-Científica

A redução de todo o conhecimento à ciência e apenas à ciência foi uma característica do "modernismo". Era o modo como o sistema intelectual operava no século 20. Porém, nós estamos no século 21, e conquanto as pressuposições modernistas ainda persistam em muitos círculos, estamos agora na era "pós-moderna".

Os teóricos pós-modernos estão criticando os modernistas e demonstrando que o modelo científico tem suas limitações. Ele não é puramente objetivo ou livre de valores. O cientista não pode deixar de apresentar hipóteses de acordo com alguma visão de mundo ou fazer interpretações pessoais e parcialmente subjetivas. Atualmente, as visões mecanicistas do ser humano estão sendo demonstradas como inadequadas, conforme estão deixando claro o fracasso de muitas experiências educacionais, psicológicas e de planejamento social.

Em alguns aspectos, o pós-modernismo tem sido um aliado dos cristãos – por exemplo, ao bombardear as pretensões da teologia liberal modernista com sua abordagem pseudocientífica da Bíblia; no entanto, ele desafia o Cristianismo num nível ainda mais fundamental.[7]

Embora os modernistas acreditem que somente o que a ciência pode revelar – da vasta extensão de diferentes tipos de conhecimento – é que pode reivindicar o *status* de verdade objetiva, os pós-modernistas rejeitam

totalmente a verdade objetiva. A verdade não é uma descoberta feita a partir do mundo externo. Antes, a verdade é uma *construção*.

O que as pessoas consideram ser verdade varia, segundo os pós-modernistas, de cultura para cultura, cada qual construindo o seu próprio sistema de crenças. As pessoas também constroem suas próprias verdades ao escolherem suas próprias crenças e seus próprios significados a partir de suas próprias razões pessoais. Conseqüentemente, a verdade é relativa.

Embora isso não seja correto – a realidade é uma "construção" (isto é, uma criação) de Deus, não de culturas ou pessoas – os cristãos poderiam concordar que ideologias falsas *são* construções para desviar-se de Deus.

O pós-modernismo representa ainda um outro modo de excluir Deus. Suas implicações serão exploradas em capítulos posteriores. Porém, um efeito colateral foi escancarar a sabedoria convencional, em quase todas as áreas e em quase todos os níveis, do mundo intelectual. Hoje, os estudiosos estão questionando admissões e observando suposições, repensando o que sabemos e como sabemos. Isso oferece uma oportunidade essencial para os cristãos participarem dessas reavaliações. Para fazer isso, os cristãos, como Daniel, precisam reconhecer as mitologias.

Uma mitologia é um modelo imaginativo que ajuda a explicar o mundo natural. Na antiga Babilônia, as histórias de Marduque e Ishtar ajudavam a explicar os ciclos agrícolas e os movimentos das estrelas. Elas eram baseadas em fatos observáveis, e eram bastante funcionais – as pessoas podiam predizer eclipses e o plantio e as colheitas com a ajuda da mitologia. Nesse sentido, a visão de mundo do materialismo científico é uma "mitologia". Ela fornece modelos para nos ajudar a explicar e manipular o nosso ambiente. Esses modelos foram formados por seres humanos altamente imaginativos e intuitivos, e eles têm a possibilidade de serem mudados à medida que novos dados são descobertos.

Numa certa época, os cientistas formularam a visão ptolemaica do universo – de que o Sol e os planetas circulam ao redor da Terra. Esse modelo era empírico – ou seja, no final das contas, exatamente o que vemos – e ele foi projetado com a matemática mais precisa. Depois da invenção do telescópio e de novas observações do universo, foi apresentado um novo modelo. O modelo copernicano, que diz que a Terra gira ao redor do Sol, era radical. Ele ia contra o que de fato observamos e todos os dados sensoriais, violando o bom senso e desafiando abertamente o que pode ser observado todas as manhãs – o Sol se levantando acima do horizonte. Essa concepção, a substituição de um modelo de pensamento por outro, foi recebida com furiosa oposição, como os modelos novos sempre são; mas

ele explicava de modo mais completo as observações mais sutis, e finalmente foi aceito. Hoje as idéias de Einstein quanto às relações entre espaço e tempo, os mecanismos de luz e gravidade, e tais corolários como quasares e buracos negros mais que nunca desafiam o bom senso, e, contudo, elas nos oferecem uma explicação até mesmo mais completa dos dados.[8]

Aqueles que vêem a ciência como algo que produz a verdade imutável deveriam estudar a história da ciência e fazer a si mesmos outras perguntas: Se a ciência tem nos dado uma série de modelos para explicar dados sempre crescentes, podemos esperar que seja absoluto o que a ciência nos diz agora? Daqui a cem anos, a ciência estará nos dizendo o mesmo que nos diz hoje? Será que os modelos – como a teoria da evolução de Darwin – não mudarão, como sempre mudaram no passado? Se a ciência de 1500 parece bastante primitiva e ingênua, será que a nossa ciência também não parecerá primitiva e ingênua daqui a quinhentos anos? O que a ciência proclama como fato nem sempre é tão certo para a geração seguinte de cientistas.

Se os modelos científicos, num certo sentido, constituem uma "mitologia", ela é de longe superior à mitologia babilônica. O método científico é muito mais sofisticado, mais confiável e mais secular. De muitas maneiras, a qualidade secular da ciência é exatamente o que mais a recomenda aos cristãos. Os babilônios viam a natureza, a vida social deles e os deuses como estando interconectados. No entanto, a ciência moderna surgiu quando a Bíblia insistiu que há somente um Deus que transcende a sua criação. A insistência dos profetas de que a natureza e a sociedade não são sagradas abriu o mundo para a investigação e a inovação humana.

À medida que a ciência é objetiva e secular – ou seja, ela não tem a pretensão de oferecer valores ou explicações que são o campo da fé religiosa –, ela deve ser estimada e celebrada. Quando alguém tenta transformá-la numa religião, como freqüentemente acontece com qualquer mitologia, a própria ciência tem de afirmar que esse papel está fora do seu alcance, limitada como é ao observável e ao empírico. É algo bem diferente sugerir que o observável e o empírico são tudo o que pode existir, que os valores e o reino espirituais devem ser ficções. Isso seria uma alegação religiosa, não científica. Isso seria confundir os campos científico e religioso do mesmo modo que os babilônios faziam.

Os cristãos não precisam temer os fatos, mas devem buscá-los até à última fonte. Os cristãos podem participar das ciências e dos testes pós-modernos que estão em marcha neste exato momento. Na ciência, as provas físicas – os indícios dos campos de energia e dos movimentos das galáxias – estão apontando para um momento real de criação. A ciência está

mostrando que o universo é finito. Houve um tempo em que ele não existia. As teorias da relatividade, os dados sobre as partículas subatômicas e os cálculos da física quântica estão apontando para um universo que é mais desnorteante e mais espiritual do que qualquer pessoa já sonhou. A lógica mecanicista não é mais adequada para explicar essas coisas. Os cientistas não são mais necessariamente materialistas.

Em outros campos, uma insistência científica por provas pode desmistificar muitas ideologias políticas e teorias psicológicas. Muitas destas simplesmente não funcionam e não correspondem aos fatos.

E se o racionalismo científico do modernista deu lugar aos paradigmas relativísticos do pós-modernista, está claro que o pós-modernismo é só outro paradigma explicativo, outra mitologia, destinada a ser substituída.

Os cristãos podem se beneficiar do ceticismo nutrido pelo mundo científico contemporâneo – tanto o ceticismo dos modernistas como o ceticismo até mesmo mais radical dos pós-modernistas – se eles conseguirem se lembrar às vezes de aplicar esse mesmo ceticismo ao próprio mundo científico contemporâneo. Porém, ao contrário dos secularistas, que só podem ser céticos por não terem nenhuma base para qualquer verdade que seja, um cristão pode perceber sinais do trabalho manual de Deus em tudo o que vale a pena saber.

~ 6 ~

OS TRADICIONALISTAS E OS PROGRESSISTAS

Parece haver dois estilos ou duas ênfases diferentes no mundo intelectual de hoje. Cada qual tem valores diferentes. Cada um atacará o Cristianismo de modo diferente. Ao mesmo tempo, cada um pode apoiar o Cristianismo de modo diferente.

Uma universidade, por exemplo, tem duas funções. Em primeiro lugar, ela deve preservar o conhecimento e a experiência acumulados da civilização e transmitir essa herança às gerações futuras. Essa é sua função tradicionalista. Sem ela, cada geração teria que começar novamente do nada. O conhecimento vai se acumulando, de modo que hoje nós estamos sobre uma pirâmide de descobertas passadas. E, contudo, o peso do passado, o vasto corpo de aprendizado recebido, pode muito bem sufocar e impedir novas descobertas. Também deve haver um elemento de resistência ao passado, de questionar e repensar, de modo que as idéias novas possam ser acrescentadas ao edifício do passado e provocar mudanças nele. Em outras palavras, também deve haver uma função progressiva. Sem ela, nós estaríamos satisfeitos com o que já sabemos, ou pensamos que sabemos, e a investigação, a curiosidade e a pesquisa cessariam.

Tanto as funções tradicionalistas quanto as progressistas são extremamente importantes e valiosas. Embora elas pareçam ser opostas, na verdade são complementares. Elas existem em tensão, mas, ao mesmo tempo, em harmonia. Numa universidade, alguns professores serão tradicionalistas. Outros serão progressistas. Alguns estudiosos terão traços de ambos. Modernistas e pós-modernistas podem ser encontrados nos dois campos. (Ironicamente, embora os pós-modernistas estejam ocupados destruindo reivindicações da verdade, pondo-as no campo progres-

sista, eles tendem a ser mais abertos ao passado que os modernistas, para quem o novo sempre é melhor que o antigo, uma visão progressista que os pós-modernistas questionam.)

Uma cultura intelectual saudável precisa conter ambos os estilos, tanto aqueles que preservam a sua tradição como os que acrescentam a ela. Para os cristãos, cada um representa um certo risco e uma certa promessa. Os cristãos com fé bíblica podem ser tanto tradicionais quanto progressistas.

O Tradicionalismo

O tradicionalista tende a focalizar nos grandes monumentos e movimentos do passado, considerando-os como testemunhos da realização humana, como partes essenciais da herança humana. O pensamento filosófico de Platão, a riqueza do simbolismo medieval, as peças de Shakespeare, a inteligência de Voltaire, o talento de Einstein – estes são realmente grandes tesouros, que merecem ser estudados e compartilhados com cada geração sucessiva. Se eles não fossem mais lidos, compreendidos ou transmitidos; se eles forem perdidos, toda a raça humana ficaria mais pobre.

Essa perspectiva talvez seja a mais simpática ao Cristianismo. Até mesmo o mais implacável ateu tem de reconhecer que o Cristianismo foi uma força e uma influência importantes na civilização ocidental. Existem estudiosos que pessoalmente rejeitam o Cristianismo, mas são especialistas na doutrina e na civilização cristã. As suas exposições de Teologia quanto ao seu relacionamento com a literatura, a arte e a cultura são freqüentemente divertidas, até mesmo inspirativas. O Cristianismo é parte da "Tradição". Como tal, ele exige respeito e estudo sério.

Nas universidades, existem de fato professores cristãos. Na realidade, os alunos podem se surpreender com o número deles e com a freqüência com que eles surgem. Eles são aliados muito importantes dos estudantes cristãos no meio da Babilônia. Esses professores cristãos muitas vezes pertencem ao partido dos tradicionalistas. No entanto, algumas vezes eles confundem os seus alunos evangélicos.

Muitos acadêmicos cristãos, por exemplo, tendem a ser atraídos pelas denominações históricas, pelas igrejas que tiveram participação importante na tradição ocidental, conforme ela se desenvolveu através dos séculos. Eles tendem a ser atraídos pelo ritual, por uma maneira litúrgica de adoração e pela teologia sacramental. Esse tipo de adoração parece ser intemporal, uma maneira de se unir de modo significativo com os cristãos ao longo das eras. Formas, práticas e doutrinas antigas são mantidas vivas no presente, que

teologicamente podem parecer superficiais quando comparadas à rica espiritualidade do passado.

Assim, muitos dos tradicionalistas cristãos no mundo acadêmico serão católicos romanos. Em sua maior parte, os protestantes tendem a ser episcopais. (Eu sou luterano, o que me torna tanto "católico", no sentido do parágrafo anterior, como "evangélico" na minha visão elevada da Bíblia e do Evangelho.)

Os professores tradicionalistas podem se mostrar um pouco impacientes com os alunos evangélicos que, às vezes, alegremente ignoram a dimensão histórica da Igreja. Para os tradicionalistas, muitos evangélicos parecem extremamente modernistas ou pós-modernistas em sua ênfase no ego e no emocionalismo. Muitos acadêmicos cristãos chegam quase a atacar fisicamente os seus alunos evangélicos que fazem perguntas desesperadamente sinceras: "Mas São Francisco de Assis era um cristão?" "Exatamente quando Milton respondeu a um apelo do pastor para aceitar Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador pessoal?" "Se Bunyan era realmente um cristão tão bom, por que ele não orou com fé para que Deus o tirasse da prisão?"

As objeções aos evangélicos por parte dos tradicionalistas são freqüentemente injustas. (No entanto, quando essas perguntas são feitas a mim, eu não as recebo calmamente.) Contudo, muitas vezes há alguma verdade nelas. Existe hoje uma grande superficialidade no mundo evangélico. Muitos cristãos que crêem na Bíblia compartilham o gosto contemporâneo pela auto-satisfação, pelo emocionalismo e pelo antiintelectualismo. Muitas pessoas que crêem na Bíblia nunca a leram. Os evangélicos precisam entender o motivo dessas críticas e deixar que sua fé se aprofunde e amadureça. Apesar dessas desavenças, os tradicionalistas muitas vezes serão os aliados mais próximos dos evangélicos. Eles quase sempre respeitarão a posição dos cristãos ortodoxos mais do que o fazem os liberais.

Por outro lado, de uma perspectiva bíblica, o tradicionalismo pode causar problemas. Os tradicionalistas, às vezes, confundem religião com cultura. Eles são tentados a avaliar a Teologia em termos de cultura ou até mesmo dos padrões estéticos. Que a Idade Média desfrutou de uma visão unificada e ordenada do mundo não é nenhuma evidência de que o seu sistema religioso era em todos os pontos teologicamente correto. As glórias artísticas do Vaticano não são nenhum argumento para a primazia do Papa. Os cristãos tradicionalistas, às vezes, olham mais as realizações e instituições humanas do que dão atenção à Palavra de Deus.

Quanto aos tradicionalistas não-cristãos, eles criticam os cristãos bíblicos por serem muito limitados e contemplativos. Eles nos culpam por

ligar a salvação muito exclusivamente a Cristo. "E Sócrates?", eles perguntam. "E as glórias da antiga civilização chinesa? Eles não tinham nenhuma sabedoria religiosa? Eles foram todos condenados?" Para eles, os cristãos tendem a subestimar a nossa herança cultural. Nós não apreciamos suficientemente as artes. Nós, às vezes, nos opomos a outras culturas. A nossa mente é estreita.

É importante, entretanto, que o Cristianismo mantenha o seu radicalismo inerente. O Cristianismo não é simplesmente uma outra instituição cultural. O Cristianismo, às vezes, é assimilado pela cultura e transformado em simplesmente outra mitologia que existe para dar uma aura divina a instituições humanas. A Bíblia deixa claro que todas as instituições deste tipo – culturas, leis, sistemas políticos, obras de arte, autoridades humanas – estão sob o julgamento de Deus.[1]

A cultura e as instituições humanas são valiosas. Elas são dádivas de Deus aos seres humanos que, criados à imagem de Deus, têm poderes e responsabilidades incríveis e são capazes de realizações notáveis. O próprio Deus trabalha por intermédio das instituições e vocações humanas para conter o mal e prover o pão de cada dia e as outras necessidades físicas dos seres humanos que ele criou e com quem ele se preocupa.[2]

Contudo, nós não devemos cultuar as nossas próprias criações ou a nossa própria cultura. Para os babilônios, a cultura e a religião eram uma coisa só. Fazer oposição ao rei era fazer oposição aos deuses. Foi o fato de Daniel ter rejeitado essa idéia, ter-se recusado a orar ao rei, que o levou para a cova dos leões (Dn 6).

Jesus nos ordena "Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (Mt 22.21). Assim, ambos os reinos estão abertos ao cristão. Também, ambos os reinos são mantidos separados. Quando as coisas de Deus e as coisas de César se confundem entre si, ambos os reinos são ameaçados. Os reinos humanos em si não são santos. César não deve ser adorado. Justamente por isso, o que é santo não deve ser identificado com o reino humano. A Igreja não deve governar politicamente. O Cristianismo não deve ser transformado em outra religião civil. Se a Igreja se tornar indistinguível de uma cultura particular, ela perde até mesmo a sua influência sobre essa cultura.

Embora os tradicionalistas façam um bom serviço ao preservarem os valores e as idéias do passado, que inclui o Cristianismo, eles devem se precaver para não deslizarem para a idolatria. A Bíblia define a idolatria como adorar e servir à criatura em vez do Criador (Rm 1.25). Dizendo isso

de outro modo, a idolatria é a pessoa basear sua fé em criações humanas, por mais nobres que sejam, em lugar de na Palavra de Deus.

Eu tenho colegas e amigos que empregam os grandes textos e artefatos de nossa civilização exatamente como os cristãos usam a Bíblia. Ao buscarem orientação, ou quando confrontados com alguma dificuldade, ou ao procurarem respostas às questões da vida, voltam-se para Shakespeare ou Whitman ou Yeats. Eles tratam esses grandes poetas como tendo autoridade e como sendo perfeitos. Shakespeare realmente transmite grandes significados e idéias profundas. Muitas vezes, os seus escritos são saturados com as Escrituras. Contudo, é vital lembrar que as obras de Shakespeare – por todas as concordâncias, e os comentários, e as controvérsias quase teológicas que elas trouxeram à existência – são palavras de um homem, não a Palavra de Deus.

Os tradicionalistas têm de ter cuidado para não invalidarem "a palavra de Deus, por causa da vossa tradição" (Mt 15.6). Eles não devem guardar "a tradição dos homens" de tal modo que negligenciem "o mandamento de Deus" (Mc 7.8). Quando essa distinção é mantida, porém, as tradições, as palavras e as obras de seres humanos através dos tempos podem ser valorizadas nas suas corretas dimensões.

O Progressivismo

As universidades e as vocações intelectuais existem não apenas para conservar e perpetuar o conhecimento do passado. Elas existem também para questionar esse conhecimento, para desenvolver idéias novas e tecnologias revolucionárias. Essa é a função do progressivismo.

O ceticismo é um importante recurso intelectual. A sabedoria aceita e as respostas testadas e verdadeiras devem ser sujeitas a escrutínio crítico. Novas descobertas devem ser sempre procuradas. Caso contrário, a aventura intelectual pára. Os progressistas enfatizam o processo dinâmico do aprendizado. Eles dão ênfase às mudanças no conhecimento, à reinterpretação das provas, à descoberta de fatos novos e hipóteses novas para os explicar. Os progressistas provavelmente são os críticos mais severos do Cristianismo, o qual eles tendem a considerar como uma das idéias antigas que eles buscam desacreditar. No entanto, os cristãos podem aprender com eles, e podem até mesmo adotar os seus métodos de um modo bíblico.

Os progressistas, pela sua própria natureza, tendem a se opor a religiões tradicionais como o Cristianismo. Eles preferem credos revolucionários, como o marxismo. É interessante observar que parte do problema deles

com o Cristianismo é a hostilidade ao que eles chamam de "dogma estático". O Cristianismo tem a pretensão de ser uma religião revelada, que afirma verdades absolutas encontradas nas Escrituras. Para muitos progressistas, aceitar uma religião assim seria suicídio intelectual. Eles não a rejeitam porque suas doutrinas podem não ser bem fundamentadas – os progressistas também não têm a lógica estática em grande estima. Para eles, qualquer resposta decisiva, o próprio princípio de aceitar alguma verdade como absoluta e final, encerra a investigação livre da mente e coloca um ponto final no questionamento e na busca, os quais eles contemplam como a essência da vida intelectual.

Muitos teólogos progressistas, como Paul Tillich, foram mais adiante, insistindo que o questionamento e a busca são a essência da vida espiritual. Para eles, quaisquer respostas finais, incluindo aquelas afirmadas pela ortodoxia cristã clássica, são idólatras. A vida da fé é caracterizada pela abertura e pela incerteza. As defesas tradicionais do Cristianismo que são projetadas para provar que o Cristianismo é verdadeiro terão pouco impacto em pessoas com esse tipo de mente.

Outra tendência anti-racional do progressivismo é o que C. S. Lewis chama de "esnobismo cronológico".[3] De acordo com essa visão, qualquer coisa nova é preferida a qualquer coisa que seja antiga. As idéias são avaliadas não de acordo com a lógica ou a comprovação, mas pelo calendário. As idéias novas ou frescas são assumidas como de natureza superiores às idéias antigas ou tradicionais. A pior coisa que pode ser dita sobre qualquer idéia é que ela é antiquada. Se qualquer coisa é rotulada *avant garde*, ou a onda do futuro, ou revolucionária ou moderna, ou, melhor ainda, pós-moderna, não só será aceita de modo não-crítico, mas quase que ingenuamente.

Pela lógica, uma idéia tem de ser verdadeira ou falsa (ou qualificada como parcialmente verdadeira ou parcialmente falsa). O tempo no qual a idéia foi formulada pode não ter nada que ver com sua validade. Como observou Chesterton, uma idéia abstrata não pode ser verdadeira na segunda-feira e falsa na terça-feira. Que as idéias mais recentes dificilmente poderiam ter sido testadas ou examinadas minuciosamente ou que a prova do tempo seja a mais rigorosa das provas não ocorre a muitos progressistas.

Assim, a divindade de Cristo é rejeitada como uma noção helênica do século 3º. Os Dez Mandamentos são minimizados como refletindo uma fase inicial de desenvolvimento moral. A crença em Deus é criticada como uma superstição primitiva. Que a imagem deles de Jesus como um subversivo visionário e a crença deles em éticas relativísticas sejam tão notoriamente determinadas pela época em que *eles* vivem, com os seus modelos e

as suas tendências particulares, não importa muito para os progressistas. No mínimo, o progressivismo envolve a mesma disposição de mente encontrada por Paulo nos atenienses que "outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades" (At 17.21).

Contudo, há um sentido no qual o ceticismo, a iconoclastia e o revisionismo dos progressistas podem ser especialmente apropriados ao cristão. Às vezes até mais do que o tradicionalismo.

Não há dúvida de que os cristãos têm de se lembrar que "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13.8). Com o Deus eterno "não pode existir variação ou sombra de mudança" (Tg 1.17). A lei moral não muda (Mt 5.17-19). Nem a Palavra de Deus (Dt 12.32; Ap 22.18,19). A teologia liberal e a "nova moralidade" têm pouco a oferecer a um cristão ortodoxo.

A Bíblia enfatiza, entretanto, que do mesmo modo que Deus é absoluto e eterno, a ordem humana e até mesmo a ordem criada são transitórias:

> Uma voz diz: Clama;
> e alguém pergunta: Que hei de clamar?
> Toda a carne é erva,
> e toda a sua glória, como a flor da erva;
> seca-se a erva, e caem as flores,
> soprando nelas o hálito do SENHOR.
> Na verdade, o povo é erva;
> seca-se a erva, e cai a sua flor,
> mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente.
>
> Isaías 40.6-8

> Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.
>
> Marcos 13.31

A Palavra de Deus não muda, mas todo o resto muda.

Insistir que a Palavra de Deus é absoluta não é insistir que todo o conhecimento seja absoluto. Pelo contrário, uma visão elevada das Escrituras assegura que o conhecimento humano, à parte da Palavra de Deus, é caído, limitado e parcial ("Agora, conheço em parte" [1Co 13.12]). As instituições humanas, os governos, as leis, os monumentos, as religiões e os costumes estão todos debaixo do julgamento de Deus e "cessarão" (v. 8). Ao próprio Daniel é dada uma visão de tão grande extensão que abarca a elevação e a queda das civilizações – o império babilônio, o império persa, o império greco-romano – todos os quais são esmagados pela Rocha que é o Cristo (Dn 2.31-45).

Os cristãos podem e devem sujeitar qualquer criação e instituição humana ao escrutínio mais cético e crítico. Eles não ousam transformar

nada que tenha sido feito por seres humanos pecadores num absoluto sagrado. A função progressista está conseqüentemente aberta aos cristãos de modo profundo.

Herbert Schneidau argumenta que a abertura da civilização ocidental à mudança, a sua recusa em aceitar instituições ou idéias como eternas e o próprio espírito de investigação crítica nutrida pela nossa herança intelectual devem-se diretamente à influência da Bíblia.[4] As culturas mitológicas, diz Schneidau, são completamente integradas e sancionadas pelos seus sistemas religiosos. Na Babilônia o rei era divino; as leis da sociedade eram iguais às leis dos deuses; a vida econômica e social das pessoas era regulamentada pelas castas e pelos ciclos religiosos deles. Nessas sociedades, é literalmente impossível criticar o governo. Não há nem mesmo o conceito de uma lei moral transcendente pela qual julgar o rei e suas leis.

Essas sociedades são notavelmente resistentes à mudança quando entregues a si própria. Certas tribos da Nova Guiné ainda estão praticando hoje a cultura dos seus antepassados da Idade da Pedra. Sua coesão "mitológica" lhes permite serem conservadoras assim. Jericó, a mais antiga cidade do mundo, permaneceu por milhares de anos um monumento estático e invariável do conservantismo mitológico do homem, até que os seus muros foram derrubados pelas trombetas de Josué.

Em contraste, a nossa cultura ocidental mudou enormemente em apenas dois mil anos, em apenas um século, em uma década. A razão disso, diz Schneidau, é a Bíblia. Para as sociedades tocadas pela Bíblia, é impossível acreditar que o governo é sagrado, que a sociedade é santa. As instituições humanas não devem se passar por divinas. Há uma lei moral que transcende o sistema social. Até mesmo o rei tem que obedecer à Lei de Deus. Somente o único Deus é eterno e santo. Todas as outras coisas, sendo transitórias, mudam; e quando estiverem em conflito com a Lei de Deus, devem ser mudadas.

Não há nada semelhante nas culturas não-bíblicas. Quando os profetas denunciaram os ídolos dos cananeus e insistiram que os adoradores do único Deus nunca devem se conformar aos modos das culturas mitológicas que os cercavam, quando eles insistiram que o próprio rei do Israel tem de mudar os seus modos ou tem de sofrer a ira de Deus, eles estavam estabelecendo o pensamento crítico, a iconoclastia e a mudança ativa como uma parte vital da mente ocidental.[5]

Os crentes na Bíblia podem então ser progressistas, não por rejeitarem absolutos bíblicos, mas precisamente por aplicá-los à cultura humana. A Palavra de Deus tem um efeito cáustico e corrosivo sobre ídolos de todos

os tipos. Qualquer pretensão humana de ter construído a verdade absoluta – quer seja um modelo científico, um sistema filosófico, uma interpretação histórica ou um programa político – fracassa quando exposta à crítica radical oferecida pela verdade absoluta da Bíblia. É fácil para monumentos do passado ou práticas culturais, embora extremamente valiosos nos seus limites, serem transformados em ídolos. Os profetas e iconoclastas da Bíblia são modelos para uma função importante da vida intelectual, e os cristãos podem seguir o exemplo deles em criticar idéias aceitas e abrir o edifício do conhecimento à revisão e mudança.

Na verdade, os cristãos de hoje são especialmente chamados a desempenharem esse papel. Embora tenha havido um tempo em que as suposições bíblicas eram o ponto de vista estabelecido, a ser desafiadas pelos progressistas, hoje a situação é exatamente inversa. A ciência, o materialismo, o relativismo e o niilismo compõem o mundo intelectual de hoje. Esses movimentos, que foram radicais e chocantes, são agora as posições ortodoxas, geralmente aceitas. Os cristãos são agora os hereges. Eles são os estranhos, aqueles que têm que levantar dúvidas e desafiar as ortodoxias prevalecentes.

Na teologia, na arte e em muitas outras esferas de conhecimento, os rebeldes tomaram a fortaleza. Embora eles persistam em se chamar de revolucionários, eles se tornaram tão repressivos, dogmáticos, de mentes estreitas e hostis à mudança quanto os seus antigos oponentes. Hoje, um acadêmico que duvida da evolução, que rejeita o relativismo moral, que não declara a religiosidade do humanismo, com freqüência enfrenta oposição violenta e furiosa. Essa pessoa permanece, entretanto, onde o verdadeiro progressista sempre esteve, fora do círculo do pensamento aceito. Dessa posição privilegiada, idéias novas se tornam possíveis, e o círculo de conhecimento pode ser expandido.

~ 7 ~

AS QUESTÕES MORAIS

O Cristianismo é criticado de muitos ângulos diferentes e por muitas razões diferentes. Sob as questões intelectuais, porém, existe algo muito mais profundo. Do mesmo modo que somente argumentos racionais não bastam para levar alguém à fé em Jesus Cristo, os argumentos racionais provavelmente não bastam para levar alguém a rejeitar a fé em Jesus Cristo. A Bíblia diz que a verdadeira causa da incredulidade é o pecado.

A natureza humana está tão deformada pelo pecado que a nossa própria capacidade para argumentar, discernir e agir com base na verdade está distorcida. O nosso problema é mais profundo do que a mera ignorância dos fatos, um lapso mental ou um engano sincero. Nós estamos mortos em nossos pecados. Ninguém pode ser levado à fé apenas por meio da razão – a nossa mente fugirá e se esconderá da realidade de Deus. Antes, nós devemos ser completamente transformados pelo Espírito Santo, que nos leva à fé em Cristo por meio do evangelho. Justamente por isso, uma pessoa que rejeita a Cristo não faz isso somente por causa de análise intelectual. Não há dúvida de que a convicção da mente é importante em ambos os casos, mas mais essencial é a convicção do pecado.

Os cristãos que tentam manter o seu equilíbrio num mundo hostil precisam perceber isso, tanto para compreender por que os seus argumentos freqüentemente têm tão pouco efeito, como para ficar de guarda para que a sua própria fé não seja corroída de um modo não imaginado por eles. Às vezes, os cristãos convencidos são bem capazes de defender a sua fé em termos intelectuais, mas são menos capazes de defender esta fé contra tentações morais que muitas vezes podem ser mais cáusticas ao relacionamento deles com Deus do que qualquer idéia com que eles possam deparar.

Hoje, o problema pode ser mais sutil do que no passado. Naquela época, as pessoas pecavam com o mesmo desembaraço de sempre, mas pelo menos reconheciam que o comportamento delas era pecador. Hoje, o próprio conceito de moralidade individual está sendo desafiado.

Os especialistas pós-modernos em ética não olham para absolutos, como fazem os cristãos, nem para considerações empíricas, como fazem os modernistas, mas somente para a escolha da pessoa. A moralidade também é relativa, uma construção da cultura ou da pessoa. Aqueles que são a favor do aborto não se consideram como pró-aborto, mas "pró-escolha". O conteúdo da decisão é irrelevante. Se uma mulher escolhe ter o bebê, isso é correto *para ela*. Se ela decide abortar o bebê, isso é correto *para ela*. Os da "pró-escolha" não querem que *nenhum* critério objetivo, nem mesmo fatos científicos – tal como informações médicas sobre o desenvolvimento do feto – interfiram no direito da mulher de construir a sua própria moralidade. Em questões da moralidade sexual, da engenharia genética, da eutanásia e de todos os outros assuntos, os pós-modernistas acreditam que *qualquer* que seja a escolha, ela é correta para a pessoa que a faz, e somente a intolerância e "a imposição da própria moralidade a outra pessoa" estão moralmente erradas.

E, no entanto, ainda existe muito zelo moral e até mesmo hipocrisia. Isso tende, entretanto, a ser projetado para a periferia do controle humano, focalizando as questões sociais em vez das pessoais. O mundo, a carne e o Diabo, nossos velhos inimigos, parecem exercer um fascínio especial nos dias de hoje, às vezes se disfarçando de virtudes. Os cristãos que estão envolvidos na corrente principal do pensamento contemporâneo precisam entender muito claramente as suposições morais da cultura contemporânea e a dinâmica espiritual do pecado e da incredulidade.

O Pecado e a Incredulidade

"Aquele que se afasta busca pretextos para insurgir-se contra todos os juízos sadios" (Pv 18.1, RSV). De acordo com esse texto, uma pessoa em primeiro lugar "se afasta" – ou seja, uma relação íntima se quebra, de modo que o amor é substituído pelo ódio ou pela indiferença. A pessoa que se afasta então procura por "pretextos" – desculpas, racionalizações, argumentos e outras máscaras que escondem o verdadeiro problema. A pessoa aplica esses "pretextos" para "insurgir-se" contra a verdade. Isso é evidente nos nossos relacionamentos com outras pessoas. Quando um amigo nosso fere os nossos sentimentos, seus defeitos objetivos, que antes nunca tinham nos aborrecido, se salientam muito nitidamente. Isso também é verdade quanto ao

nosso relacionamento com Deus. Quando nós "nos afastamos" de Deus (ou seja, quando pecamos), começamos a produzir com freqüência uma série completa de desculpas pelas quais nós podemos "nos insurgir" contra a verdade da sua Palavra. Na realidade, parece haver um padrão de incredulidade, um ciclo que pode ser visto na vida de muitos incrédulos. É mais ou menos assim:

Um jovem é criado num lar cristão e tem certo grau de crença em Cristo. Então ele se envolve com algum tipo de pecado evidente. Este pode ser qualquer pecado – orgulho, cobiça, hábito, desonra aos pais, mundanismo. Muitas vezes trata-se de um pecado sexual. Ele tem a honestidade e o raciocínio para perceber que esse seu pecado favorito é incompatível com a fé cristã. Ele tem a sensibilidade moral de sentir a culpa.

Há duas maneiras que ele pode responder. Ele pode se arrepender do pecado e se voltar para Cristo a fim de receber o perdão completo e gratuito. Ou ele pode se apegar ao pecado, entesourá-lo e se recusar a abandoná-lo aberta ou emocionalmente. Ele começa a centralizar a sua vida em volta do pecado, buscar dele consolo, ajuda e fuga, a encontrar nele, efetivamente, o significado para a sua vida.

O que acontece, porém, com a culpa? Se ele não estiver interessado em se arrepender e ser perdoado, então só há uma maneira de acabar com o tormento: rejeitar tudo o que rotula a sua vida como mal. Se o que eu estou fazendo não estiver de fato errado, então eu posso "me sentir bem". Se não houver um padrão objetivo de direito e injustiça, eu posso viver como eu quiser. Se não houver nenhum Deus, então eu não sou um pecador.

Nesse momento, os "pretextos" são descobertos. Há muitas razões para não acreditar em Deus. Elas se tornam extremamente persuasivas a alguém que não quer que Deus exista. Os argumentos com mais força se tornam aqueles que jogam os próprios fracassos morais de alguém contra o Juiz, de modo que a própria pecaminosidade da pessoa é projetada sobre o próprio Deus: "Nunca vou poder crer em Deus porque ele permite muito mal no mundo". Ela começa a imaginar Deus não como a fonte do bem, mas sim como a fonte do mal.

Essa cruzada moral é dirigida contra os cristãos em geral – um grupo de mente estreita, intolerante, hipócrita – e contra a Igreja em particular. Esse zelo moral cria um sentimento de autojustificação, um sentimento precioso para alguém que era atormentado pela culpa.

Mas essa confiança não está totalmente segura. O próprio cheiro do Cristianismo ou a própria menção de Jesus Cristo ativa as suas defesas. Ele reage violentamente a qualquer coisa ou a qualquer um que represente a

antiga crença, que é ainda tão acusadora. Ele "insurge-se" com emoção e agressividade surpreendente contra algo que, supostamente, ele nem mesmo acredita existir. Ele pode se perder em causas humanitárias. Ele pode desenvolver novas teologias. Ele pode se tornar um desses professores universitários que sentem muito prazer em demolir a fé dos seus alunos. Mas há uma presença que não irá embora, alguma coisa que assoma no fundo com que ele sempre tem de lutar ou então se render.

Esse padrão psicológico pode ser quebrado a qualquer ponto pela Palavra de Deus, pela verdade devastadora da Lei de Deus e pela graça penetrante que são oferecidas no evangelho de Jesus Cristo, que morreu para salvar os pecadores. O incrédulo não está participando de um jogo intelectual, mas é pego na complexa dinâmica espiritual do pecado em guerra contra o amor de Deus. Para o cristão, esse padrão ilustra o declive escorregadio do pecado não arrependido e racionalizado.

Suprimindo a Verdade

No primeiro capítulo de Romanos, Paulo aprofunda a análise da relação entre o pecado e a incredulidade como ela se aplica mais amplamente ao cenário intelectual do seu tempo e do nosso:

> A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.
>
> Romanos 1.18-23

A injustiça suprime a verdade (1.18). "Tudo o que é verdadeiro...", diz Paulo em outro lugar, "seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Fp 4.8). Os cristãos nunca têm que temer nada que seja verdadeiro, mas eles precisam temer o pecado. O pecado não pode destruir uma pessoa apenas espiritualmente, mas também intelectualmente. O pecado é antiintelectual.

A passagem em Romanos ressalta que a nossa rebelião contra Deus não é devida a uma falta de conhecimento, nem mesmo para os membros das tribos da Nova Guiné, que nunca ouviram falar da Bíblia. Por causa da

criação – ou seja, pelo fato de termos sido criados à imagem de Deus e pela nossa experiência com a criação de Deus – nós conhecemos o nosso Criador. O problema é que nós nos recusamos a glorificá-lo "como Deus". Quando Deus o Criador é excluído, o nosso próprio pensamento se torna "nulo". A nossa mente, projetada para compreender a criação, torna-se insensata, "obscurecida". Contudo, esse mesmo ponto de cegueira mental é quando inculcamos-nos "por sábios". Nós transferimos a nossa submissão ao Deus imortal para coisas que são tão mortais quanto nós. Nós rejeitamos a Deus e nos voltamos para coisas que são inferiores a Deus. Não querendo honrar qualquer coisa superior a nós mesmos, honramos o que é humano, ou até mesmo menos que humano ("pássaros e animais e répteis").

Deus castiga essa rebelião de um modo horrível. Ele nos deixa fazer o que nós queremos:

> Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!
>
> Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro.
>
> E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.
>
> Romanos 1.24-32

Deus nos castiga nos deixando pecar. Ele nos "entrega" às luxúrias do nosso coração. Esse é realmente um julgamento implacável. Quanto mais pecamos, mais degradados e corrompidos nos tornamos. O afastamento de Deus leva à confusão mental – para preferir as mentiras à verdade, para acreditar em falsas religiões, para nos tornarmos "nulos no nosso próprio raciocínio" que traz a ilusão da sabedoria. Essa alienação, esse pecado original, leva, por sua vez, ao comportamento imoral aberto – homossexualidade, assassinato, crueldade e a toda lista de ações e desejos pecadores.

Paulo nos mostra que não somos "indesculpáveis" (Rm 2.1), que todas as culturas e todas as pessoas são parte desta rede e conspiração do pecado e da incredulidade, esse círculo vicioso do qual ninguém pode escapar, a não ser que o próprio Deus provesse o remédio: "porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé" (Rm 3.22-25). O ponto é que nós somos *todos* culpados dessa degeneração mental por causa do pecado. Quando percebemos a nossa culpa e a nossa condenação sob a Lei – e abandonamos a nossa máscara de hipocrisia – então, e apenas então, podemos descobrir a magnitude da graça de Deus e a "dádiva" gratuita do perdão no sangue de Cristo.

A Moralidade Individual e a Moralidade Social

Para Paulo, uma coisa é cometer esses pecados que foram apresentados na lista; o que é até mesmo mais perverso é aprová-los (Rm 1.32). Nós, pobres pecadores, podemos estar presos na escravidão dos pecados que ele descreve, mas se pelo menos reconhecemos que eles estão errados, podemos nos arrepender e receber o perdão. O que é monstruoso para Paulo é que nós podemos chegar a aprovar de fato essas coisas, dizendo que não há nada errado com a homossexualidade, o assassinato, a crueldade e o resto. Quando justificamos esse tipo de comportamento em nós mesmos ou em outros, tornamos o arrependimento e a libertação impossíveis. O que Paulo está culpando é o tipo de tolerância moral agora amplamente tido como uma das vantagens da mente instruída.

A tolerância ainda pode ser uma das poucas virtudes pessoais premiadas e exigidas nos círculos das elites intelectuais de hoje. O estigma contra a imoralidade sexual há muito tempo desapareceu. O sexo extraconjugal passou a ser a norma, de modo que a castidade é o que faz com que as pessoas se sintam culpadas. Beber demasiadamente ou usar drogas ilegais são tidos como normais. A linguagem profana e obscena não chega nem mesmo a ser notada.

Contudo, não é verdade que as pessoas nesses círculos não tenham preocupação pela moralidade. Elas freqüentemente exibem um zelo moral fantástico e compromissos morais apaixonantes e custosos. Elas se dedicam a causas. Elas se envolvem com a política; elas organizam manifestações. Elas sacrificarão o seu dinheiro, o seu tempo, os seus confortos, e até mesmo a sua liberdade por uma causa em que acreditam. Esse tipo de idealismo e envolvimento é louvável; o problema é que essa preocupação com a

moralidade social e a indiferença para com a moralidade pessoal podem resultar numa esquizofrenia moral. Eu tenho ouvido de pessoas que se recusam a tolerar substâncias químicas na comida, mas não têm nada contra injetar substâncias químicas no próprio corpo. Tenho ouvido de pessoas que entregaram o próprio corpo a disciplinas rigorosas de abnegação em nome da boa forma física, mas que não sonhariam em negar ao seu corpo os prazeres sexuais. Eu soube de pessoas que ficam sinceramente enfurecidas em relação à matança de filhotes de foca, mas que apóiam com bastante entusiasmo o aborto, a matança de bebês humanos.

A tendência hoje em muitos círculos bem-educados é ver a moralidade em termos sociais em vez de individuais. De acordo com essa visão, a ética tem a ver com o comportamento da sociedade. A justiça social, os direitos humanos, a preocupação pelo pobre, o envolvimento no processo político para fazer mudanças benéficas na ordem global estão no cerne da vida moral. O que uma pessoa faz é visto como insignificante diante dos principais males sociais da atualidade. Na verdade, a vida particular de uma pessoa, por mais desordenada que seja, pode até ser considerada como uma questão de direitos humanos que é necessário proteger.

Isso parece ser verdadeiro tanto nos círculos conservadores como nos círculos liberais. Qualquer que seja a ideologia política, tanto o certo como o errado são avaliados em termos de ordem política. Promoveríamos melhor a paz no mundo recusando-nos a guerrear ou lutando com vigor? Ajudaríamos mais os pobres se lhes oferecêssemos pagamentos assistenciais ou fazendo com que deixem de receber essa ajuda? Promoveríamos melhor a justiça reabilitando os criminosos ou executando-os? As pessoas discordam quanto à ideologia e aos meios de realizá-la, mas ambas as partes tendem a concordar que a paz do mundo, o interesse pelos pobres e a justiça social são os objetivos da ação moral. Ao mesmo tempo, as políticas conservadoras são muitas vezes tão indiferentes à moralidade individual quanto as políticas liberais. Os romances escritos por escritores conservadores têm freqüentemente os mesmos tipos de fantasias sexuais e descrições pornográficas que os dos seus contrapartes liberais. As festas fraternais das alas direitistas podem ser tão selvagens e debochadas como as dos seus colegas mais liberais. Para ambos os lados, "votar certo" tende a ser a prova máxima de retidão moral.

A Bíblia, ao contrário, ensina que tanto a moralidade individual como a moralidade social são importantes. Os livros dos profetas estão cheios de condenações contra os males da sociedade e exigências quanto à justiça social (veja, por exemplo, Is 58 e Jr 22). Os cristãos não devem se esquecer

do que a Bíblia diz sobre a opressão do fraco e o nosso dever para com o pobre. A ética cristã tem uma dimensão social. Nesse sentido, os cristãos podem e devem se envolver em assuntos políticos e sociais. Eles podem se unir com seus amigos e colegas em se comprometerem com uma causa. Porém, eles insistirão tanto na moralidade pessoal quanto na moralidade social. Por se apegarem aos absolutos bíblicos, eles terão uma vantagem até mesmo como reformadores sociais.

Por alguma razão, as pessoas de hoje têm a noção de que a crença em padrões morais absolutos inibe a reforma social. A crença em éticas circunstanciais e no relativismo moral parece de alguma maneira mais humanitária e liberal que a crença em absolutos transcendentes como os Dez Mandamentos. A ironia é que a visão pós-modernista de que "o que é certo para uma pessoa não é necessariamente certo para outra pessoa" na verdade mina a crítica social e a mudança social benéfica. Como observa Chesterton, querer mudar a sociedade pressupõe um ideal para o qual nós queremos trabalhar. Se os ideais não forem estabelecidos, então nada será mudado. "Que as convicções enfraqueçam rápida e freqüentemente, se você deseja que as instituições não mudem."[1]

Ao fornecer princípios morais transcendentes, a Bíblia torna possível a crítica social. A Babilônia, como outras sociedades pagãs, não tinha um conceito de nenhuma autoridade moral superior à ordem social existente. O rei não era simplesmente um líder político, mas um deus (veja Dn 6.6-13). Assim, nas sociedades mitológicas, a ordem social, os ciclos naturais e o reino religioso formam um todo. Criticar o rei, questionar as leis e as práticas estabelecidas, era, literalmente, inconcebível aos babilônios. Eles não eram capazes de tais pensamentos. Foi a Bíblia que introduziu na civilização ocidental a idéia de uma lei moral que transcende a ordem social. Porque estas são as leis de Deus, até mesmo os reis estão sujeitos a elas (veja Jr 22.1-3). A própria sociedade deve mudar se ela violar a lei superior. A crítica social e a mudança social do tipo que é tomado por certo no Ocidente são desconhecidas em outras culturas. A diferença é o impacto profundo da Bíblia, do qual nem mesmo os incrédulos podem escapar.[2]

A visão prevalecente é que a moralidade bíblica é opressiva e que atrapalha o progresso da mudança social. Não há nada mais distante da verdade. O Cristianismo pôs um fim aos jogos sangrentos de Roma, bem como acabou com a matança de crianças não desejadas, que tinha sido algo praticado por muito tempo. (Ao rejeitar a moralidade bíblica, a presente era está trazendo de volta os pesadelos do passado ignorante, como é evidente na

violência e na degradação do nosso entretenimento e da política social impiedosa do aborto facilitado.) Os bárbaros que conquistaram Roma foram eles mesmos conquistados pela Palavra de Deus, que desmantelou os códigos elaborados de vingança e feudos de sangue que estavam bem no coração do sistema social teutônico. A estrutura social aristocrática do final da Idade Média foi esmagada pelo impacto da Palavra de Deus como reenfatizada na Reforma. Foram cristãos crentes na Bíblia que aboliram o tráfico de escravos na Inglaterra e desafiaram os piores abusos do industrialismo – o trabalho infantil, as condições de trabalho subumano, com longas horas e salário de subsistência.[3]

Nos Estados Unidos, o agitador abolicionista John Brown e o populista William Jennings Bryan eram cristãos evangélicos. Os grandes movimentos sociais do século 19 – a abolição, o voto das mulheres, o populismo, e, claro, a lei seca (que era na época estreitamente ligada aos outros três) – foram todos vitalizados por cristãos que tinham uma visão elevada das Escrituras e do seu impacto na sociedade. O movimento de direitos civis nasceu na igreja dos negros com o apoio de cristãos de toda a América. Hoje os cristãos estão quase sozinhos ao defender a vida e os direitos daqueles que estão sendo mortos nos úteros de suas mães. Os cristãos sempre se preocuparam com os pobres, os doentes e os oprimidos. Apesar de métodos e ideologias diferentes, eles lutaram sempre pela paz e justiça.

Deve ser ressaltado, entretanto, que esse tipo de ativismo social tem algumas vezes acontecido à custa do evangelho. Quando os cristãos se envolvem com a política, há sempre o perigo de confundir o Reino de Deus com os reinos terrestres. O ativismo social é mais bem desempenhado na vocação de cada pessoa, em vez de ser trabalho da igreja como tal, cuja missão é espiritual. Os erros, o legalismo e o uso impróprio do poder podem obscurecer o evangelho. Não obstante, os cristãos sempre foram sal e luz nas suas sociedades.

Na verdade, a verdadeira moralidade social só pode ter significado no contexto de moralidade individual. Observou-se que a Bíblia não diz: "Amarás a raça humana"; em vez disso, ela ordena: "Amarás o teu próximo" (Lv 19.18; Mt 22.39). Existe nisso uma grande diferença. É mais fácil amar a humanidade de modo teórico ou abstrato do que amar a pessoa real e particular com quem você tem de lidar diariamente. Eu conheço pessoas que zelam por muitas causas sociais, que estão muito preocupadas com as massas oprimidas do mundo, mas que são gritantemente insensíveis aos reais seres humanos ao seu redor, e até mesmo cruéis. Por outro lado, tenho conhecido pessoas com idéias políticas incorretas e insensíveis, mas

que são pessoalmente afetuosas, generosas e sensíveis em relação às pessoas com quem de fato lidam.

É muito fácil empurrar os nossos impulsos morais para os limites mais distantes da nossa vida. Nós podemos ter as visões "corretas" em questões sociais e políticas (quaisquer que sejam) e nos sentir justificados sobre elas e moralmente indignados contra aqueles que não compartilham essas visões. A Bíblia, entretanto, está interessada na moralidade concreta, não na moralidade abstrata. Ela não exige simplesmente que votemos do modo certo, mas que vivamos do modo certo. Não basta apoiar programas do governo que ajudam os pobres; a Bíblia ordena que nós mesmos ajudemos os pobres.

Quando a nossa consciência se preocupa com questões que estão na periferia da nossa experiência, podemos freqüentemente nos permitir fazer quase tudo o que queremos. Até pior, podemos inventar princípios para justificar tudo o que queremos fazer. O sexo promíscuo pode ser justificado quando é admitido como expressão sexual ou liberdade sexual. Quando um homem deixar a sua esposa e os seus filhos para se unir a uma mulher com a metade da sua idade, isso pode ser classificado como quase nobre se ele pensar nisso em termos de crescimento pessoal ou de sua auto-satisfação. A psicologia contemporânea tende a encorajar esse tipo de pensamento, enfatizando a satisfação do ego como o objetivo mais elevado. Quando os vícios são transformados em virtudes, e existem facilidades para que as virtudes sejam satisfeitas, nós começamos a cultivar o pecado mais condenado, o mal que é pior que qualquer perversão sexual, e que ameaça até mesmo os cristãos: o farisaísmo.

A Lei e o Evangelho

A moralidade, os cristãos têm de admitir, não é suficiente. Os cristãos podem concordar com outras filosofias e visões de mundo quando se trata de questões morais. A Bíblia ensina que a lei moral de Deus é universal, inscrita nos corações dos seres humanos e é acessível até mesmo pelo raciocínio natural (Rm 2.14-16). Quando se opõem ao aborto ou à homossexualidade, os cristãos não estão tentando impor a sua religião a outros. A moralidade não tem nada a ver com as nossas convicções religiosas distintas, mas concorda com as éticas ensinadas por todas as religiões e, até recentemente, por todas as ideologias seculares sérias. A convicção distinta dos cristãos é que nós não somos salvos pelo nosso comportamento moral, visto que temos pouco disso para oferecer a um Deus santo e somos intrinsecamente pecaminosos. Antes, somos todos salvos pela morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Atualmente, o cinismo está na moda. Há um cinismo cristão que devemos cultivar. Embora nós tenhamos de agir de modo moral nos níveis individuais e sociais, temos de permanecer profundamente céticos a respeito dos seres humanos, da sociedade e de nós mesmos. A sociedade e as pessoas não podem ser aperfeiçoadas. As pessoas sempre pecarão, e as instituições sempre falharão. A ação cristã não resultará numa utopia na qual a reforma moral abstrata pode cessar. A ação cristã sempre tem de continuar no que Chesterton descreve como uma "revolução perpétua".[4] As políticas sórdidas de um movimento social, sua degeneração em lutas pelo poder e metas distorcidas, não precisam esmagar os ideais cristãos. Novamente, a doutrina do pecado original impede que sejamos desiludidos. Para começar, não devemos ter nenhuma ilusão.

A ilusão mais perigosa de todas é o farisaísmo. Essa é a verdadeira barreira a Jesus Cristo. Toda a rejeição da graça de Deus toma essa forma. Aqueles que recusam o perdão gratuito de Deus por meio de Cristo fazem assim porque acham que não precisam desse perdão. Eles não admitem que são pecadores. Eles negam que estejam desesperadamente perdidos. A Lei de Deus em sua pureza não só opera para moldar a sociedade e nos mostrar como devemos viver, mas também revela a nossa pecaminosidade e desperta em nós a nossa necessidade de um Salvador (Rm 7; Gl 3). E ainda tentamos nos convencer, mesmo em meio aos nossos pecados, que nós somos basicamente bons, na verdade, melhor que a maioria das pessoas. Nós nos justificamos, e em nossa complacência e orgulho auto-suficiente nós excluímos a graça de Deus.

A moralidade automática e abstrata da nossa cultura contemporânea ajuda a nos proteger da percepção horrível e fascinante de que nós somos pecadores que necessitam de Cristo. O mal sempre se apresenta como algo bom. Ninguém diz: "Vamos fazer algo mau hoje". O mau se associa com uma causa nobre ou com palavras altissonantes. O aborto se associa com a emancipação das mulheres. O sexo ilícito se associa com o amor. A crueldade para com um amigo se associa com a honestidade. O egoísmo se associa com a integridade e a honra. Assim, até mesmo os pecadores manifestos agarram-se de modo imperturbável à sua própria justiça. Uma moralidade abstrata coletiva e social ou uma retidão de obras legalista de um sistema religioso podem isolar uma pessoa da verdade, acalmando a consciência e criando o prazer primoroso do farisaísmo.

Os absolutos morais das Escrituras, porém, são tão puros e tão corrosivos ao orgulho humano que eles expõem os nossos fracassos morais pelo que são: o pecado condenável contra Deus e contra o nosso próximo. Quan-

do percebemos que somos pecadores, que apesar de todos os nossos melhores esforços nós não fazemos o que sabemos que é certo, então o evangelho de Jesus Cristo, que levou os nossos pecados, e que nos oferece a sua justiça, se torna realmente em novas muito boas, e o Espírito Santo penetra na nossa vida. Os cristãos que confrontam o pensamento contemporâneo e a cultura têm de preservar a Lei de Deus contra todas as tentações e pressões. Mas, ao evitar tanto pecado quanto o farisaísmo na própria vida, eles devem, acima de tudo, preservar o evangelho, proclamando a mensagem de perdão e vida nova de Cristo para um mundo confuso e fútil.

≈ 8 ≈

O COMBATE INTELECTUAL

Sob as aparências do debate intelectual, das discussões gerais sobre o café, das trocas de idéias numa discussão durante a aula, da publicação de livros e de artigos eruditos, estão questões da vida e morte. Paulo mostra tanto as questões espirituais em jogo quanto as táticas que os cristãos devem usar:

> Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós, sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.
>
> 2 Coríntios 10.3-5

Os cristãos que estão envolvidos com a cultura e o pensamento contemporâneos realmente estão no reino da "carne" e "no mundo" (Jo 17.15-18). A guerra em que eles estão comprometidos, entretanto, é mais do que secular. A existência de Deus, a natureza dos valores morais, a historicidade da Bíblia – todas essas questões são mais do que controvérsias interessantes ou exercícios intelectualmente estimulantes. Nas salas de aula, nos dormitórios, nas bibliotecas, nas salas de estar, onde quer que sejam discutidas essas coisas, almas podem ser destruídas ou salvas.

Armas

Os cristãos ocupados com esses debates podem estar confiantes. Do mesmo modo que o combate intelectual é, no fundo, espiritual, suas armas não são meramente intelectuais mas espirituais também. "Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas." Essas armas são a Lei de Deus, que traz a convicção do pecado, e o evangelho de Jesus Cristo, que pode penetrar o mais duro dos corações para criar a fé e trazer a vida.

Em outras palavras, a arma do cristão é "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6.17). A Palavra de Deus é o meio pelo qual o Espírito Santo opera no coração e na mente dos seus ouvintes. Quando uma pessoa lê a Bíblia ou ouve suas verdades num sermão – ou até mesmo numa discussão pessoal ou ao ler um livro ou um artigo –, o Espírito Santo está trabalhando de modo poderoso, destruindo as fortalezas da racionalização e do pecado que os seres humanos erguem para excluir Deus.

Uma pessoa fundamentada na Escritura e que explica a sua mensagem tem "poder divino". Um calouro de faculdade balbuciando a doutrina da Encarnação numa aula de filosofia da Ivy League (associação de universidades do nordeste dos Estados Unidos, de elevada posição acadêmica e prestígio social – N.T.) pode perder o manejo da espada verbal para um professor sofisticado e perspicaz. Mas a efetividade do seu testemunho não depende da habilidade da sua apresentação, mas somente do Espírito Santo, que está trabalhando por meio dela.

Isso era verdadeiro até mesmo com Paulo, que dizia que não era eloqüente, nem usou "linguagem persuasiva" ao proclamar a assim chamada loucura do evangelho, "para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus" (1Co 2.4,5). Um estudante cristão, todavia, fustigado por argumentos que se oponham aos seus, pode ter a confiança do salmista: "Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos" (Sl 119.99). Os cristãos que falam da própria fé podem ter a confiança de que a Palavra de Deus não voltará a eles vazia, mas realizará os seus propósitos (Is 55.11).

Destruindo Fortalezas

É significativo que o método da argumentação de Paulo descrito na passagem em 2 Coríntios 10 seja essencialmente negativo. Ele não está tão interessado em argumentar positivamente a favor das verdades da fé – ele deixa isso para a eficácia da Palavra. Antes, ele destrói argumentos e opiniões altivas, derrubando os obstáculos que as pessoas erguem contra o conhecimento de Deus. A apologética pode ser útil para a apresentação do Cristianismo. Fomos aconselhados a estar sempre "preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós" (1Pe 3.15). Contudo, o combate como Paulo o descreve aqui não é defensivo, mas ofensivo. É uma questão de desafiar e refutar as idéias "altivas" atrás das quais os pecadores se escondem do seu Deus.

Esse método negativo é especialmente adequado ao cristão no mundo acadêmico. Uma pessoa pode não provar a existência de Deus de modo

a satisfazer a um cético, mas ela pode examinar a filosofia do cético e revelar as limitações e os erros dela. ("Você realmente acredita que a vida é caótica e sem sentido? Onde está o caos na biologia, por exemplo? Talvez você esteja querendo dizer caos emocional ou moral...") Pode ser difícil defender o criacionismo científico de modo que seja convincente para os cientistas seculares. É muito mais fácil citar alguns problemas verdadeiros na teoria da evolução de Darwin que os próprios cientistas seculares estão descobrindo.[1]

Todos os ensinos seculares que se opõem ao Cristianismo – o pós-marxismo, o darwinismo, o pós-modernismo, para não mencionar as teologias e psicologias populares da lista dos *best-sellers* – são vulneráveis à análise crítica. Não é sempre necessário atacá-los de uma perspectiva explicitamente religiosa. Pode ser mais efetivo se a religião for deixada de lado. Você pode simplesmente revelar as contradições lógicas, as provas contrárias, as tolices evidentes que essas visões normalmente envolverão.

O objetivo é "destruir argumentos", derrubar "toda opinião altiva", demolir "fortalezas". Para fazer isso, o cristão pode empregar os métodos de análise crítica que são, na verdade, ensinados como uma parte importante da especulação intelectual de hoje. Os cristãos que se envolvem na guerra intelectual com freqüência se sentirão sitiados e defensivos. É muito mais divertido estar na ofensiva.

Levando Cativo Todo Pensamento

Além de "destruir argumentos", Paulo nos recomenda com insistência a levar "cativo todo pensamento à obediência de Cristo". A sua metáfora militar, que lembra a guerra dos israelitas contra os cananeus, retrata uma investida contra uma fortaleza murada. Os muros são derrubados, e "todo pensamento" é capturado e submetido a Cristo, o Rei. Aqui a Bíblia traz toda a atividade intelectual sob o Senhorio de Cristo. "Todo pensamento" – e isso inclui desde as abstrações matemáticas às fantasias da imaginação – é reivindicado por Jesus Cristo.

É claro que é muitas vezes difícil capturar os fugitivos. Eles correm e se escondem e, quando encurralados, eles lutam. O processo de capturar pensamentos é descrito em termos de luta violenta. Contudo, essa Escritura claramente implica que todo pensamento *pode* obedecer a Cristo. Cada idéia, cada fato, cada descoberta pode ser transformada de um obstáculo orgulhoso encontrado em um servo obediente. Esse é o desejo de Cristo, e ele equipa com "poder divino" os que ele chamou para esse combate.

A passagem de 2 Coríntios abarca ambas as funções do processo intelectual, conforme descrito anteriormente. "Destruir argumentos" corresponde à vocação dos progressistas, à necessidade de questionar, criticar e mudar. "*Levar* cativo todo pensamento" é o que fazem os tradicionalistas. Os cativos devem ser vigiados e guardados. A obediência a Cristo é sustentada como o princípio absoluto. O tradicionalismo guarda e preserva os pensamentos que foram capturados.

Assim, as Escrituras tornam acessível ao cristão todo o campo da vida intelectual. Como Canaã e Babilônia, esse reinado é normalmente território hostil. Daniel, entretanto, era portador da Palavra de Deus. Essa Palavra lhe deu estabilidade. Ele a levou para o mundo acadêmico e para as cortes do império mundial. Essa Palavra finalmente trouxe julgamento, convicção e, até mesmo, como insinua a Bíblia, a conversão do próprio Nabucodonosor (Dn 4.34-37).

Muitas vezes, os cristãos se sentirão como os israelitas, sitiados pelos exércitos babilônios, atacados por todos os lados, derrotados, humilhados. Os cristãos também podem ser como Josué e o exército de Israel, que demoliram os muros de Jericó pelo poder da Palavra de Deus. O que os cristãos não devem fazer é fugir da luta, recusando-se a pensar sobre as idéias adversárias ou a confrontá-las. Fazer isso é deixar o campo para o inimigo e negar a Cristo a total extensão do seu reinado.

PARTE III

A MENTE CRISTÃ

~ 9 ~

A COMUNHÃO DOS SANTOS

Tendo explorado algumas das discordâncias intelectuais e morais entre o Cristianismo e o pensamento contemporâneo, podemos passar do negativo para o positivo. A vida cristã e a visão de mundo bíblica não apenas podem *resistir* à investigação crítica, mas podem *inspirar* essa investigação crítica. O Cristianismo é uma vantagem para a pessoa que busca o conhecimento e a verdade. Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego provaram ser "dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores" na Universidade da Babilônia (Dn 1.20). Daniel e os outros não só receberam permissão para estudar na Babilônia, mas eles se mostraram superiores. Pode ser que os cristãos de hoje não consigam atingir a mesma proporção em relação aos seus colegas descrentes, mas o princípio parece ser que aqueles que são fiéis ao Deus da Bíblia contam com uma vantagem real na busca do conhecimento.

Os recursos intelectuais do Cristianismo são vastos e ricos. Os cristãos, entretanto, têm de aprender a usar esses recursos; se não o fizerem, será difícil para eles resistirem aos furiosos ataques de uma mente descrente.

Um dos recursos mais preciosos, e freqüentemente menos usado pelo cristão, é a Igreja. A Bíblia ensina que um grupo de cristãos fica maior que a soma de suas partes. "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.20). Quando até mesmo dois cristãos se juntarem no nome de Cristo, o próprio Jesus está lá. Na verdade, grupos de cristãos comuns compõem nada menos que o Corpo de Cristo (1Co 12.12-27).

É difícil ser um cristão sozinho, especialmente num ambiente hostil. Cristo ordenou que o cristão fosse nutrido e apoiado por outros cristãos.

A igreja local, a comunhão com outros crentes da mesma profissão ou área, a solidariedade com a Igreja cristã através dos anos, com seu suprimento de sabedoria e com sua grande tradição – todas essas manifestações da Igreja mundial podem ser um baluarte contra as tentações intelectuais e morais vigentes. A Igreja também pode oferecer apoio, direção, inspiração e uma fonte rica e complexa de idéias que podem fornecer um contexto e uma base para o julgamento da pessoa. Os cristãos precisam tirar proveito da interação espiritual e intelectual que pode ser encontrada no que os credos se referem como "a comunhão dos santos".

Mundanismo

Ser uma parte da comunidade que é a Igreja é extremamente útil na batalha contra o que pode ser a tentação mais sutil e prejudicial de todas nos círculos acadêmicos, profissionais ou intelectuais: o mundanismo. O desejo de ser aceito pelos colegas e iguais, de estar na moda, de encaixar-se no círculo social ou intelectual dominante, é muito poderoso. No início, esses desejos podem ser inocentes, mas depois de certo tempo eles podem fazer com que a fé cristã pareça embaraçosa e, então, um obstáculo para a aceitação total por parte do grupo. O desejo de ser intelectualmente respeitável pode produzir híbridos de secularismo e Cristianismo, como visto na teologia liberal, ou levar à total incredulidade. O desejo de ser socialmente respeitável pode corroer a severidade da moralidade bíblica para uma tolerância livre e fácil que pode chegar a justificar, tanto em outros como em si mesmo, a imoralidade mais chocante. O desejo de ser popular pode se tornar um pretexto para atenuar ou abandonar verdades bíblicas em favor de crenças que estejam mais em voga.

Essa pressão dos colegas (que, a propósito, é tão comum nos adultos quanto nos jovens) é do que a Bíblia fala quando adverte contra as tentações do "mundo". A Igreja pode oferecer um contrapeso, uma pressão positiva dos colegas, por assim dizer, que pode impedir uma pessoa de deslizar para a conformidade a um mundo descrente. Essa conformidade não somente pode ser cáustica à fé, mas é também intelectualmente sufocante.

Uma forma de pressão de colegas comum nos meios intelectuais e em outras profissões é a da classe social. Peter Berger, o grande sociólogo contemporâneo, argumenta que há uma nova elite na sociedade americana, uma classe social baseada não na riqueza, como nas antigas classes sociais, mas na informação e na manipulação de símbolos e conhecimento. Essa nova classe social de elite é composta de pedagogos, jornalistas, artistas,

membros das profissões de ajuda, cientistas sociais, tecnólogos de computadores e funcionários do governo. Essa nova classe tende a dar ênfase aos valores liberais sociais, intelectuais e morais. Portanto, está em conflito com a antiga classe empresarial, com seus valores mais conservadores, orientados para os negócios. Como os acadêmicos e os intelectuais se encontram nessa classe social particular, eles serão pressionados para se conformarem às suas convicções e aos seus símbolos.

Berger ressalta, por exemplo, como é difícil para um membro do corpo docente de uma universidade moderna típica admitir ter valores conservadores. Amigos, colegas e as próprias instituições acadêmicas pressionam o membro para que exiba os valores do relativismo moral e as teorias sociais progressistas da classe. Essa aculturação é casual e informal, mas os mexericos no pátio da faculdade, as piadas e a atmosfera social tendem a reforçar uma ideologia particular. Certas opiniões e atitudes tornam-se símbolos do pensamento correto, da solidariedade com o mundo dos intelectuais e dos eruditos. Como declara Berger,

> Os símbolos da cultura de classe são importantes. Eles permitem que as pessoas "identifiquem" quem pertence ou não a ela; eles fornecem critérios facilmente aplicáveis de "saudável". Assim, um jovem professor que solicita emprego numa universidade de elite é apropriadamente aconselhado a esconder visões "insalubres", como a adesão política à ala direita do partido Republicano (talvez até à ala esquerda), a oposição ao aborto ou a outras causas do movimento feminista, ou um forte compromisso com as virtudes da corporação.[1]

Ser a favor do aborto conseqüentemente se tornou uma senha para a nova elite. O jovem professor pode nunca conseguir um emprego nessa universidade de elite se essas visões "insalubres" forem detectadas. Se ele conseguir o emprego, em alguns anos de aculturação na universidade, essas visões "conservadoras" podem muito bem ser substituídas pelas que são mais socialmente aceitáveis. O mesmo padrão está, sem dúvida, por trás do fenômeno político de funcionários públicos conservadores que se tornam mais liberais a ponto de se envolverem no cenário social de Washington, D.C.

Essa luta de classes, como Berger a descreve, também é vista nas igrejas contemporâneas. O sistema teológico mais importante – os teólogos nas universidades de prestígio, os líderes de igreja que administram grandes burocracias e ministros fundamentados nas ciências sociais ou em profissões que prestam ajuda – também faz parte da "nova classe". Berger acrescenta:

> Um dos procedimentos empíricos mais fáceis para determinar rapidamente qual é o programa da nova classe em qualquer determinado momento é observar os pronunciamentos mais recentes do Conselho Nacional das Igrejas e, numa medida um pouco menor, das organizações denominacionais da linha principal do Protestantismo.[2]

Ao mesmo tempo, Berger acredita que "a Nova Direita Cristã representa o programa da classe empresarial (e de outras camadas interessadas na produção material) com a qual a nova classe está entrelaçada na batalha religiosa".[3]

É provavelmente inevitável e, até certo ponto, teologicamente indiferente para as crenças políticas que elas sejam moldadas pela classe social, por interesses especiais e outras preocupações seculares. As convicções morais e religiosas de um cristão, por outro lado, precisam ser moldadas pela Palavra de Deus, não pelo mundo. Os cristãos precisam ser pensadores críticos e usar de discernimento para formar a sua própria ideologia baseando-se nas Escrituras e não na classe social à qual eles aspiram pertencer. Os cristãos não deveriam ser tão facilmente rotulados. "Assim", diz Berger, "alguém pode concluir, com base na ética cristã, que a nova classe é "mais cristã" no seu antagonismo resoluto ao racismo, mas "menos cristã" na sua adesão não-crítica à causa do aborto."[4]

O fato é que as pressões sociais podem e de fato corroem a ortodoxia cristã, provavelmente mais que qualquer verdadeiro argumento intelectual. De modo irônico e trágico, as tentações do mundo aumentam em proporção direta ao sucesso da pessoa. Quando um cristão começa a ter sucesso – academicamente, financeiramente, politicamente ou profissionalmente – o mundo lhe fica cada vez mais sedutor. Com o prestígio vem a dependência da opinião alheia. Com o *status* vem o convite para fazer parte dos "círculos internos".[5] Com a alimentação do orgulho, vem a autodeificação. Eu acredito de fato que os cristãos podem ser bem-sucedidos, mas eles devem ficar alertas a respeito das tentações que enfrentarão. Eles também precisarão do ministério da Igreja.

Daniel e a Comunhão Cristã

Quando Daniel estava na Babilônia, ele confiou no apoio dos seus irmãos de fé. Quatro hebreus ligados em comunhão e oração puderam resistir à tentação de se conformar ao *status* e à glória da Babilônia Imperial. A experiência de Daniel, conforme descrita na Escritura, apresenta um modelo de como um cristão num ambiente hostil pode usar a força espiritual de outros crentes.

Depois que a educação formal de Daniel foi concluída, toda a comunidade acadêmica à qual Daniel passou a pertencer quase foi passada a fio de espada. Tudo começou quando Nabucodonosor teve um sonho ruim. O rei teve a sensação de que o sonho era importante, mas, como acontecia com a maioria dos sonhos, ele nem mesmo conseguia se lembrar deste. Ele convocou a comunidade acadêmica e insistiu que seus integrantes lhe contassem qual tinha sido o sonho dele e o que ele significava. "Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação", eles responderam. O rei não estava disposto a facilitar assim as coisas:

> Respondeu o rei e disse aos caldeus: Uma coisa é certa: se não me fizerdes saber o sonho e a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas monturo... Responderam os caldeus na presença do rei e disseram: Não há mortal sobre a terra que possa revelar o que o rei exige; pois jamais houve rei, por grande e poderoso que tivesse sido, que exigisse semelhante coisa de algum mago, encantador ou caldeu. A coisa que o rei exige é difícil, e ninguém há que a possa revelar diante do rei, senão os deuses, e estes não moram com os homens. Então, o rei muito se irou e enfureceu; e ordenou que matassem a todos os sábios da Babilônia.
>
> Daniel 2.5, 10-12.

Nabucodonosor estava pedindo o impossível. Seus "homens sábios", por mais discernimento que pudessem ter, não poderiam ler o seu pensamento. Nabucodonosor explodiu: "Por que estou lhes pagando se não podem responder a uma pergunta simples que está me atormentando?".

Mesmo nos dias de hoje, as pessoas ficam enfurecidas quando os intelectuais não conseguem responder a perguntas que são impossíveis para eles responderem: Como podemos fazer com que a taxa de crimes diminua? Por que os nossos filhos estão se comportando tão mal? O que devemos fazer a respeito da clonagem, da engenharia genética, da pobreza e do terrorismo? Como podemos estabelecer a sociedade perfeita? Essas perguntas sobre os valores e os mistérios da condição humana sempre frustram respostas confiantes da sabedoria humana, e nos sentimos desconcertados quando os nossos grandes "pensadores" ficam, como é natural, tão desorientados com tudo isso quanto qualquer outra pessoa.

O resultado da frustração de Nabucodonosor foi a ameaça de um banho de sangue antiintelectual. No frenesi da Guarda Vermelha na China dos anos 70, os estudantes e professores eram rotineiramente reunidos e brutalizados simplesmente por serem intelectuais. No Camboja, em certa ocasião, o Khmer Vermelho matava qualquer pessoa que usasse óculos porque isso era uma evidência de que aquela pessoa sabia ler. De tempos em tempos, irrompe o mesmo tipo de antiintelectualismo. Geral-

mente, os cristãos são também vítimas nessas cruzadas contra qualquer pessoa que pense.

> Saiu o decreto, segundo o qual deviam ser mortos os sábios; e buscaram a Daniel e aos seus companheiros, para que fossem mortos. Então, Daniel falou, avisada e prudentemente, a Arioque, chefe da guarda do rei, que tinha saído para matar os sábios da Babilônia. E disse a Arioque, encarregado do rei: Por que é tão severo o mandado do rei? Então, Arioque explicou o caso a Daniel. Foi Daniel ter com o rei e lhe pediu designasse o tempo, e ele revelaria ao rei a interpretação.
>
> Daniel 2.13-16

Daniel era um dos "homens sábios" condenados à morte. Ele respondeu com cortesia e respeito até mesmo ao seu executor, outro exemplo notável da sua submissão à autoridade. Isso deu a ele algum tempo. Daniel marcou a entrevista com o rei antes que tivesse qualquer idéia sobre qual era o sonho ou o que ele diria. Ele agiu em fé.

Imediatamente ele procurou seus irmãos de fé:

> Então, Daniel foi para casa e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros, para que pedissem misericórdia ao Deus do céu sobre este mistério, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios da Babilônia. Então, foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite.
>
> Daniel 2.17-19

Daniel orou, uma arma poderosa no arsenal do crente. Ele não simplesmente orou sozinho, entretanto. Ele pediu aos seus três amigos que orassem por ele. Ele lhes suplicou "para que pedissem misericórdia ao Deus do céu sobre este mistério". Certamente Deus responde à oração solitária, mas parece haver poder especial na oração de um grupo. "Se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai" (Mt 18.19). De qualquer modo, o próprio Daniel sentiu a necessidade do apoio do grupo. Imediatamente depois de ter sido confrontado com esse problema insolúvel, ele procurou "seus companheiros" de fé.

Naquela noite Deus revelou a Daniel exatamente o que ele precisava saber. Essa crise levou à grande profecia de Daniel acerca de Cristo triunfando sobre os reinos do mundo (Dn 2). O resultado foi uma oportunidade de dar testemunho do Deus verdadeiro de tal modo que fez o próprio Nabucodonosor reconhecer o Deus de Israel (2.47). O que parecia ser um desastre levou ao progresso do povo de Deus, pelo que Daniel foi feito líder sobre todos os sábios pagãos, e seus companheiros tornaram-se líderes na Babilônia.

A aplicação aqui parece ser que cristãos num ambiente hostil precisam buscar outros cristãos no mesmo ambiente hostil para se apoiarem em comunhão e oração. Estudos bíblicos, grupos de oração e amizade cristã podem servir como âncoras espirituais. Na universidade, isso pode significar o envolvimento com ministérios organizados, grupos de estudos bíblicos informais ou simplesmente conhecer outros cristãos que residam no mesmo alojamento ou estudam na mesma classe. No trabalho, isso pode significar encontrar outros cristãos da mesma profissão ou vocação.

Encontrar-se com outros cristãos para estudar a Bíblia e orar é fazer ligação com um enorme poder espiritual. Isso se mostrará especialmente verdadeiro quando confrontado com hostilidade à fé. Encontrar oposição espiritual pode fazer com que um cristão anseie pela Palavra de Deus, tirando dela alimento que é constantemente renovado e vivificante. Quando uma pessoa está envolvida num combate espiritual, a Bíblia parece falar de modo mais claro e íntimo. Às vezes, um texto quase saltará da página. A minha Bíblia dos tempos em que eu era estudante universitário está quase rasgada pelos sublinhados, pelas anotações e pelas datas referentes a situações e problemas que eram diretamente declarados quando da leitura da Bíblia e nos discernimentos dos meus amigos quando estudávamos as Escrituras.

Orar com outros cristãos, assim como orar por eles, é também um recurso espiritual incomensurável. Poucos cristãos têm a consciência do poder da oração. Compartilhar uma necessidade e aceitar a oração de outros é sentir verdadeira intimidade espiritual. De modo inverso, levar não apenas uma necessidade própria, mas a de uma outra pessoa diante de Deus em oração é experimentar altruísmo e amor verdadeiro por outra pessoa. Deus responde a essas orações e, ao fazer isso, edifica a solidariedade do seu corpo, a Igreja.

Ainda mais importante e mais poderoso é se reunir para adorar, entrar na presença de Deus coletivamente, receber suas dádivas em palavra e sacramento. A vida cristã deve ser vivida nas nossas vocações – no local de trabalho, na família, na nossa posição na cultura –, mas é na adoração da Igreja que o cristão é preparado e recebe energia para esse serviço.

É um fato misterioso da História que a Igreja está sempre no seu melhor quando ela enfrenta a maior oposição. Quando o império romano estava matando cristãos aos milhares, a Igreja parecia mais real, mais pura. A Idade dos Mártires é sempre a Era Dourada da Igreja. Durante a Reforma, as pessoas podiam escolher entre renunciar à fé ou serem queimadas vivas. Sob o comunismo da antiga União Soviética, na China hoje e em

outros lugares de repressão religiosa, os cristãos que se encontram secretamente, tendo como tesouro fragmentos gastos da Bíblia e arriscando suas vidas para adorar a Cristo, são heróis da fé. No campo das missões, muitos missionários foram mortos por causa da sua mensagem. No mundo islâmico, ser batizado pode acarretar uma sentença de morte. Sob esse tipo de pressão, o Cristianismo parece ser mais real. Sempre que a Igreja é perseguida, o poder verdadeiro do Espírito Santo se manifesta.

A oposição, naturalmente, não é tão claramente rigorosa nas universidades de hoje ou nos círculos da "nova classe" social. Mesmo assim, a hostilidade do mundo intelectual moderno ao Cristianismo ortodoxo pode gerar uma comunhão cristã, e de fato gera, que é mais pura e mais viva do que a que é encontrada com freqüência em ambientes menos perigosos. Nas irmandades universitárias existem alguns poucos que são cristãos apenas nominalmente. Aqueles que se juntam diante da oposição são altamente comprometidos com sua causa. Os cristãos nominais não se importarão. Como resultado, a comunhão cristã que se tem nas faculdades, por exemplo, tende a ser vital, rica e inspiradora de um modo incomum.

Os universitários cristãos muitas vezes passam por uma crise quando se formam e deixam o câmpus. Eles estavam acostumados com um tipo de comunhão intensa, estudo bíblico e apoio mútuo que em geral é difícil encontrar na igreja. A questão é que a Igreja prospera num ambiente hostil, não simplesmente apesar da oposição que ela encontra, mas por causa dessa oposição.

A Igreja Local

A comunhão informal experimentada na amizade cristã, nos estudos bíblicos e em grupos de oração não substitui, todavia, a igreja local. Os cristãos de hoje freqüentemente preferem se reunir com pessoas iguais a eles em ambientes informais, desprezando a Igreja institucional. Isso pode ser um erro perigoso. A melhor proteção contra o elitismo, que é certamente uma marca do mundanismo, é envolver-se intensamente com a igreja local. A maioria das igrejas tem pessoas com as quais nós nunca nos associaríamos por nossa própria iniciativa. Contudo, na Igreja, algo maravilhoso e profundo acontece. Pessoas de todas as faixas etárias, todas as profissões e classes sociais se juntam no domingo pela manhã para se unirem em adoração ao seu Deus: o rico banqueiro, o agricultor, a velha viúva, a criança de 4 anos; o instruído, o analfabeto; o altamente sofisticado, o ingênuo e o inculto. Na igreja, uma variedade infinita de seres humanos – todas as idades, ocupações, interesses e personalidades – está unida em Jesus Cristo.[6]

É natural e desejável nos associarmos com pessoas com quem temos coisas em comum, formar grupos homogêneos baseados na idade, nos interesses, no campo acadêmico, na classe social ou história de vida. Isso pode ter o seu valor, contanto que as relações com a estrutura rica da humanidade não sejam negligenciadas. As pessoas "comuns" da igreja local nunca devem ser menosprezadas.

O Cristianismo chama à existência uma comunidade variada de crentes. A ética cristã é baseada no amor, e amor implica relacionamentos. Embora seja mais fácil amar se nunca tenhamos que lidar de fato com uma pessoa, o amor bíblico é aquele tipo complicado que significa se envolver com pessoas reais. Isso requer que as pessoas se encontrem e compartilhem suas vidas e fé com outras pessoas que são tão diferentes umas das outras quanto um pé é diferente de um olho (1Co 12.14-26). O problema de estar com o grupo particular de estudo bíblico é que pode haver uma tendência de que ele seja composto apenas de pés ou de olhos.

A igreja comum da esquina, se ela se baseia na Bíblia e proclama Cristo, foi estabelecida por Deus para o bem do seu Reino. A adoração ao Deus vivo não deve ser feita apenas individualmente, mas em corporação, quando o corpo inteiro de crentes, em toda a sua diversidade, se junta para ouvir a Palavra de Deus ser proclamada e para cantar louvores a Deus. Na adoração corporativa, os cristãos também participam dos rituais de batismo e da Santa Ceia ordenados por Cristo, em qual a nossa união com Cristo e entre nós mesmos é manifesta intimamente. Os cristãos, não importa quão intelectualmente sofisticados eles possam ser, devem se submeter à disciplina e à comunhão de uma congregação local e, ao fazer isso, eles encontrarão um fundamento espiritual precioso.

A Igreja Mundial

O Corpo de Cristo não inclui somente os nossos amigos cristãos e a nossa igreja local. Ela inclui todos os crentes em Cristo em todo o mundo. Também se estende para trás no tempo, para incluir os crentes em Cristo que viveram e morreram há centenas de anos. Alguém que crê em Jesus Cristo está unido com todos os outros cristãos, vivos e mortos. Como membros orgânicos do Corpo de Cristo, nós nos tornamos parte do grupo de todos os santos. Paulo de Tarso, Agostinho, Francisco de Assis, John Hus, Martinho Lutero, John Wesley, William Wilberforce, Madre Teresa, os cristãos que morreram nos campos de prisioneiros de regimes totalitários – todos esses cristãos, com toda a sua diversidade, participam do mesmo Espírito Santo que também nos atraiu para a fé cristã. Esta Igreja universal, com a sua rica

tradição intelectual e sua herança de sabedoria e exemplo espiritual, é um forte aliado para aquele que está tentado fazer parte do mundo acadêmico secular.

De acordo com a Bíblia, cada crente individual torna-se parte do grupo total de santos:

> Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.
>
> Efésios 2.19-22

> Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito... De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam.
>
> 1 Coríntios 12.12,13,26

Não há dúvida de que existe variedade na Igreja mundial – personalidades diferentes, culturas diferentes, tradições diferentes. A unidade bíblica não é nenhuma uniformidade monótona, como também não é o nada das religiões orientais, que erradicam a individualidade e a singularidade, e também não é um burocrático denominador comum inferior. Em vez disso, a Bíblia dá ênfase a uma unidade de coisas que são muito diferentes uma das outras. Essa unidade na diversidade é representada pelo corpo humano. Os pulmões não são nada parecidos com um dedo do pé, o baço nem mesmo se aproxima de um globo ocular, mas, no entanto, todos esses órgãos individuais trabalham juntos e compõem um corpo.

O mesmo é verdadeiro quanto à Igreja. O introdutor que entrega os boletins na porta do templo pode não ser muito parecido com Justino, o Mártir, que foi morto por causa da sua fé no século 2º, mas essas diferenças não devem obscurecer a unidade muito real que eles têm em Jesus Cristo. Até mesmo nas discórdias e divergências teológicas que arruínam a unidade externa da igreja, há uma unidade fundamental entre os verdadeiros crentes em Cristo.[7]

Os cristãos do passado constituem uma herança de espiritualidade e perspicácia que pode ser especialmente útil para os cristãos atuais que lutam contra as idéias anticristãs num clima cultural hostil. Por intermédio

do grande dom de Deus de escrever, as idéias podem ser armazenadas e passadas para as gerações seguintes. Mesmo depois da morte da pessoa, a sua mente e perspicácia podem ser mantidas vivas, preservadas para sempre nas páginas de um livro. Quando lemos, nós podemos adentrar a mente de um grande cristão, compartilhar a fé, a experiência e a sabedoria dele. Ler as obras de cristãos através dos tempos – Agostinho e Eusébio, Tomás de Aquino e Dante, Lutero e Calvino, Herbert e Milton, Wesley e Johnson, MacDonald e Chesterton, Eliot e Lewis – é semelhante ao intercâmbio de mentes e fé que podemos encontrar num estudo bíblico que seja vívido e diversificado de um modo incomum. O mesmo tipo de nutrição, o mesmo tipo de "comunhão dos santos", é possível, trabalhando não apenas verticalmente por meio de pessoas em nossos próprios círculos, mas horizontalmente através do tempo.

Os cristãos modernos são os herdeiros de uma grande tradição intelectual cristã. Essa tradição de pensamento ativo e solução prática de problemas é uma aliada vital dos cristãos que lutam contra as tendências intelectuais do mundo contemporâneo. O uso das perspicácias do passado pode fornecer uma perspectiva valiosa sobre as questões atuais. Podemos, assim, livrar-nos da tirania do presente, a suposição de que a maneira que as pessoas pensam hoje é o único modo possível de pensar.[8]

Se você estiver confuso com a filosofia ateísta e niilista moderna, leia alguns filósofos cristãos clássicos. Por qualquer critério que seja, quem é melhor filósofo, Nietzsche ou Santo Tomás de Aquino? Se você está se sentindo perturbado pelos teólogos modernos que negam as verdades da Bíblia, dê uma olhada nos Pais da Igreja, os teólogos dos primeiros séculos depois de Cristo. Descubra junto com C. S. Lewis como as "novas" teologias se revelaram ser simplesmente antigas e batidas heresias, que foram rejeitadas pelos verdadeiros teólogos há muito tempo.[9]

Se você estiver interessado nas artes e na literatura, mas transtornado porque os seus amigos artísticos menosprezam a sua fé, sature-se de Bach, Rembrandt e Milton. Ou, se você precisa de alguém mais atual, estude Poulenc, Roualt e T. S. Eliot. Qual é o nível desses artistas cristãos? Eles não são muito impressionantes, até mesmo para os seus amigos não-cristãos?

Se você está interessado na ciência, mas tem dificuldades para reconciliar a ciência com a Bíblia, leia quase qualquer um dos fundadores da ciência moderna, que eram também cristãos normalmente devotos. Leia Sir Isaac Newton. Ou, para um agito real de energia espiritual, leia Blaise Pascal. Observe como a fé religiosa e o conhecimento científico podem, na verdade, se alicerçarem mutuamente.

Qualquer que seja o seu campo de estudo ou interesse, faça alguma pesquisa extra e encontre cristãos que também estejam envolvidos nesse campo. Quase sempre há alguns; muitas vezes eles são os pioneiros, os gigantes intelectuais da disciplina.

Além dos pensadores do passado, estabeleça contato com os pensadores cristãos do presente. Durante algum tempo pareceu que os protestantes crentes da Bíblia tinham abandonado o campo de batalha, deixando o debate acadêmico e as grandes questões do mundo moderno para os secularistas. Esse não é mais o caso.

Quando eu estava na universidade, lembro-me de ter procurado uma resposta cristã ao existencialismo e a outras idéias com as quais eu estava sendo confrontado naquele tempo. O melhor recurso que eu pude encontrar foi *The Catholic Encyclopedia.* Ela me foi genuinamente útil. A rica tradição intelectual do Catolicismo foi colocada lado a lado com as idéias modernistas e as sujeitou a uma crítica cristã. Como protestante, desejei que os meus colegas protestantes fizessem mais. Posteriormente, descobri o mundo de erudição evangélica que está crescendo continuamente em vigor e sofisticação. Fazer assinaturas de jornais cristãos ajudou-me a ter contato com esse tipo de pensamento. Comecei também a freqüentar uma boa livraria cristã. Encontrei escritores como Francis Schaeffer, que considera toda a tradição ocidental do ponto de vista do Cristianismo bíblico. Descobri teólogos que magistralmente responderam às minhas perguntas sobre a filosofia e os teólogos modernos. Eu já estava familiarizado com C. S. Lewis, este mais indispensável dos escritores cristãos modernos, mas encontrei uma seqüência de autores e livros que tratavam de uma maneira bíblica os tópicos e as questões que eu estava enfrentando no mundo acadêmico.

Eu descobri editoras totalmente dedicadas a explorar a relação entre a fé cristã e todas as áreas da vida – Crossway, InterVarsity Press, Baker, Zondervan, Eerdmans, Concordia Publishing House, etc. Existem também publicações eruditas que relacionam as diversas especialidades à fé cristã. Periódicos cristãos especializados existem para quase todas as profissões e campos de estudo. Também há organizações nas quais cristãos da mesma profissão – cientistas, enfermeiras, advogados, executivos empresariais – podem fazer contato entre si para comunhão e apoio.

Hoje é possível encontrar um ponto de vista cristão sobre quase todos os tópicos de debate, em quase todos os campos do conhecimento. As ciências sociais e as ciências exatas, as ciências humanas e as profissões têm sido todas exploradas de modo sensível por escritores cristãos. Assuntos como a psicologia clínica, criacionismo *versus* evolução, a dinâmica das artes, as

bases da ação política, os problemas éticos nos campos da medicina ou dos negócios têm sido todos tratados de um modo útil por pessoas que aplicam a Palavra de Deus ao pensamento e à prática contemporâneos.

Uma manifestação especial da Igreja envolvida com a procura do conhecimento é a escola cristã e a universidade cristã. Ali os professores cristãos e os alunos cristãos podem se unir numa comunhão que é tanto intelectual quanto espiritual. Ali a integração do Cristianismo com todas as áreas do conhecimento e da vida é o trabalho diário e a pressuposição básica de toda a instituição. Ali a erudição cristã e o pensamento cristão são encorajados e nutridos. As fortes e excelentes universidades cristãs são um braço importante da Igreja como um todo.

Ainda há muito que fazer. Tendo elogiado as editoras cristãs, os periódicos cristãos e as escolas cristãs – que foram certamente úteis para formar o meu pensamento cristão –, tenho a dizer que, às vezes, eles quase não são tão sofisticados ou tão ortodoxos quanto precisariam ser. Há uma necessidade lamentável de mais pensadores cristãos que desenvolvam as implicações e as aplicações da verdade bíblica na profundidade que elas merecem.

A tradição intelectual cristã precisa ser passada para as novas gerações de pensadores. Ela precisa ser revigorada. Ainda há muitas perguntas que não foram respondidas completamente. Há erros que precisam ser desafiados e verdades que precisam ser defendidas. A comunidade cristã precisa do apoio de pensadores cristãos, e o pensamento secular precisa de aplicações persuasivas e efetivas das verdades bíblicas.

O cristão pode encontrar nutrição e apoio na Igreja. Num clima hostil, a companhia de irmãos crentes é essencial. Os cristãos de hoje podem fazer uso da tradição intelectual cristã, como também podem se tornar uma parte dela, que exerceu um tremendo impacto no mundo. Uma das chaves para solucionar os dilemas que um cristão enfrentará no mundo contemporâneo é perceber que nenhum cristão precisa encarar nenhum problema sozinho.

≈ 10 ≈

OS MAGOS E OS ENCANTADORES

No final do relato a respeito dos três anos que Daniel e seus amigos passaram na universidade da Babilônia, a Bíblia conclui com um versículo que é muito importante para uma visão bíblica da instrução acadêmica: "Ora, a estes quatro jovens Deus deu o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria" (Dn 1.17). *Deus* lhes deu o conhecimento, como ele já lhes tinha dado a habilidade. A Bíblia aqui claramente afirma que Deus é a fonte do conhecimento, até mesmo do assim chamado conhecimento secular ou pagão. "*Toda* a literatura e a sabedoria" são aqui descritas como dádivas de Deus.

Ao término do seu programa de três anos, Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram submetidos a um exame final. Eles foram levados à presença do próprio rei e interrogados sobre o que eles sabiam.

> Vencido o tempo determinado pelo rei para que os trouxessem, o chefe dos eunucos os trouxe à presença de Nabucodonosor. Então, o rei falou com eles; e, entre todos, não foram achados outros como Daniel, Hananias, Misael e Azarias; por isso, passaram a assistir diante do rei. Em toda matéria de sabedoria e de inteligência sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino.
>
> Daniel 1.18-20

Esse exame oral era abrangente. "Em *toda* matéria de sabedoria e de inteligência" os quatro crentes que tinham se recusado a contaminar-se provaram ser "dez vezes mais doutos" que os seus colegas pagãos.

Por que isso? Os quatro tinham sido iniciados no clima intelectual sofisticado da Babilônia. Porém, eles também estavam cheios da verdade da Palavra de Deus. "Os magos e encantadores" não contam com essa vantagem extra.

Os intelectuais babilônios eram brilhantes, contudo limitados. Eles eram grandes engenheiros e matemáticos. Eles tinham feito grandes descobertas em astronomia e nas outras ciências. Eles tinham criado grandes artes e tinham uma rica literatura. No entanto, a visão de mundo incorreta e as suas superstições pagãs eram obstáculos concretos na sua busca da verdade.

Eles poderiam predizer um eclipse da Lua – pense nas observações sofisticadas e matemáticas complexas que isso envolve, tudo sem a ajuda de telescópios ou computadores. Eles elaboravam essa verdade com grande precisão e perspicácia. Contudo, embora seus cálculos fossem verdadeiros, a verdade que eles descobriam também era torcida e parcial. Eles viam a Lua e o Sol em termos de deuses e deusas. Eles acreditavam que as estrelas determinavam o destino humano. Eles também acreditavam que o eclipse que prediziam com perfeita precisão era um presságio de destruição.

Daniel e os outros puderam aprender as matemáticas e outras ciências dos babilônios e eles fizeram isso. No entanto, eles não estavam presos às superstições babilônias ou limitados às suas visões estreitas. Eles aprenderam a predizer um eclipse lunar sem levar isso com tanta seriedade. Justamente por isso, os cristãos contemporâneos podem se apropriar da erudição da nossa cultura secular sem ser tomado pelas suas superstições e visões estreitas.

Na realidade, eu gostaria de arriscar uma comparação entre a elite intelectual da Babilônia antiga e a elite intelectual do nosso próprio tempo. A Bíblia descreve "os sábios" da corte de Nabucodonosor como "os magos e encantadores". As visões de mundo contemporâneas também tendem a avaliar o conhecimento em termos do que é, na prática, a magia e o encanto. Os magos são aqueles que manipulam a natureza, algo semelhante aos modernistas. Os encantadores são os que acreditam que a realidade é imaginada pela mente humana, algo parecido com os pós-modernistas. Apesar do risco de exagerar e forçar a analogia, explorar os paralelos pode nos ajudar a enxergar as limitações peculiares do pensamento contemporâneo, bem como o motivo pelo qual os cristãos podem aspirar ser "dez vezes mais doutos" que os magos e encantadores de hoje.

Os Magos

Os magos babilônios aprendiam a manipular objetos físicos para criar efeitos impressionantes e ilusões que deslumbravam e mistificavam os seus espectadores. Hoje muitos cientistas – e especialmente os seus seguidores modernistas – são do mesmo modo focalizados no domínio tecnológico sobre a natureza. Os cientistas e engenheiros desenvolvem

técnicas complicadas de controlar a natureza e fazer com que atendam às suas ordens. O que eles conseguem é certamente fascinante, despertando um pasmo supersticioso naqueles que não são cientistas e que chegam a acreditar que somente a ciência pode resolver todos os problemas humanos. Daniel e os cristãos modernos sabem, diferentemente dos magos babilônios e muitos cientistas contemporâneos, que existe mais na verdade que técnica e domínio.

Os magos babilônios também acreditavam que a natureza é divina. O Sol, a Lua, a Terra, o céu, como também todos os processos necessários à vida – produzir safra, ter filhos, obedecer às regras – eram identificados com as pessoas e as atividades dos deuses. Nós já observamos como essa visão sagrada e mitológica da natureza inibiu o desenvolvimento da ciência ocidental e como foi o impacto da Bíblia que tirou a santidade da natureza e assim possibilitou para o mundo a investigação humana objetiva.

Contudo, hoje está de volta a visão babilônia de que a natureza é divina. Muitos cientistas acreditam que o mundo físico é tudo o que existe e é tudo o que alguma vez existiu. Em outras palavras, eles acreditam que a natureza é eterna. Eles acreditam que a natureza é completa em si mesma, que ela é auto-suficiente. Eles acreditam que tudo o que existe – desde átomos a planetas, das espécies de animais a civilizações humanas – foi chamado à existência pelos processos da natureza. Eles até determinam os valores morais de acordo com o que é "natural".

Falar de algo como sendo eterno e auto-suficiente, a fonte da existência e da moralidade é, claro, apresentar uma definição de Deus. Para os cristãos, é "o Deus de Abraão e Isaque", o Deus pessoal, trino, apresentado nas Escrituras, que é eterno e auto-suficiente, e a fonte da existência e da moralidade. Para muitas pessoas de hoje, é o mundo físico descrito pelo método científico que é compreendido como sendo eterno, auto-suficiente e a fonte da existência e da moralidade. Conseqüentemente, a natureza assume todos os atributos de Deus. Nós vemos isso na emoção extasiada e no linguajar religioso do falecido astrônomo e divulgador científico Carl Sagan. ("O Cosmo é tudo que há, que havia e que haverá" – Aquele que é, que era, e que há de vir, o mundo sem fim, Amém.) Se o mundo físico é a única realidade última, se apenas a natureza é a base da nossa existência, se não houver nenhum Criador transcendente e que dá significado, então nós estamos, efetivamente, de volta às religiões primitivas da natureza.

O processo não é completo – a secularização bíblica da natureza ainda está conosco. Porém, se a natureza toma o lugar do Deus de Abraão, Isaque, e Jacó, a própria ciência, segundo a História, pode ser uma das primeiras

vítimas. O movimento ambiental, em geral, é uma tentativa louvável para controlar a exploração "mágica" da natureza pelo homem. No entanto, observe as implicações religiosas de muitos ecologistas, a idéia de que a natureza é sagrada e que por isso certas ações devem ser interrompidas para que não violemos algo na natureza. Isso é um ressurgimento do antigo modo proibido de pensar, que é extremamente comum nas sociedades mitológicas e que frustrou a investigação científica da natureza durante séculos. Um modo semelhante de investir a natureza de poderes religiosos, como a cura e a salvação, pode ser visto em algumas das reivindicações mais extremas dos adeptos da "alimentação natural". Tudo o que é último será compreendido como sagrado, e o que é sagrado será cercado de restrições, rituais e advertências contra a blasfêmia. Aqueles que adoram a natureza, paradoxalmente, tendem a resistir ao estudo dela.

Se a adoração da natureza tende a ser, em última análise, contra o conhecimento, suas outras vítimas, como a liberdade humana e os ideais morais, podem ser vistas de modo mais imediato. Uma vez que a visão de que a natureza é absoluta se tornou a ortodoxia dominante no pensamento ocidental, nós testemunhamos várias sociedades organizadas com base nesse princípio.

O marxismo está baseado numa suposição rigorosa do materialismo dialético no qual os processos da História, vistos como o desdobramento de lutas evolutivas naturais, são compreendidos como a fonte de toda a ideologia e política. Em última análise, essa sociedade naturalista é a fonte dos valores e o que determina o destino do homem – novamente, outro deus. Nas sociedades pós-revolucionárias, o estado se torna divino, exatamente como, na Babilônia, suas terras, seu rei e suas leis eram tidos como literalmente divinos. O que isso significava na extinta União Soviética está claro: opressão política, violações dos direitos individuais, militarismo, supressão da investigação científica independente (com exceção da tecnologia de armas e outras pesquisas a serviço do Estado) e censura das artes. Não pode haver liberdade na natureza, nem nas sociedades naturalistas. Conceitos como individualismo e direitos humanos não têm significado quando não há valores objetivos que transcendem o Estado, a sociedade e a própria natureza.

O fascismo é uma manifestação especialmente dramática do restabelecimento de uma visão de mundo distintamente pagã.[1] Apoiado pelas teorias de biólogos raciais, cujas idéias darwinistas eram consideradas muito respeitáveis e científicas na ocasião, o fascismo desenvolveu um culto "da Terra", "dos Povos" e "da Nação" que se tornou, como acontece facilmente

com o paganismo se lhe for dada uma chance, um frenesi religioso. Hitler invocava os antigos deuses germânicos da guerra; Mussolini invocava os espíritos da Roma pagã. Esses deuses voltaram. Até mesmo pessoas sofisticadas, como Ezra Pound, o padrinho de literatura modernista, e Martin Heidegger, o grande sistematizador do existencialismo moderno, foram pegos nessa onda de sentimento primitivo e especificamente demoníaco. Isso aconteceu também com muitos teólogos liberais (alguns daqueles que desenvolveram uma crítica científica da Bíblia o fizeram para lançar dúvida sobre o Antigo Testamento pelo fato de este ser judeu).[2] Essa reação contra o pensamento bíblico e esse reavivamento descarado do paganismo era direcionado especificamente contra o povo da Bíblia, tendo culminado na blasfêmia do Holocausto.

As democracias de hoje também têm que se precaver contra o clima neopagão. Se o mundo físico é a única realidade e não existe nenhuma realidade moral transcendente, então decisões serão tomadas somente com base na eficiência ou no que funciona. Planos e políticas serão feitos num vazio moral. A sobrevivência do mais forte, um dogma dos evolucionistas, torna-se um dogma dos economistas. Sem um consenso moral, a ideologia se mostra simplesmente uma questão de grupos de interesse em competição.

Até mesmo uma sociedade livre pode ser opressiva e cruel. Os babilônios consideravam que não havia nada de mais em assassinar um bebê que eles não queriam. O aborto não é uma descoberta nova da tecnologia moderna, mas era praticado extensivamente no mundo antigo.[3] Nas culturas mitológicas, a criança é valorizada apenas na medida em que ela pode contribuir para o bem-estar da família e da comunidade. Ele ou ela não tem nenhum valor intrínseco ou direito individual, conceitos não evidentes apenas na natureza. Algumas décadas atrás o aborto era inconcebível na cultura ocidental. Hoje, é muito difícil para as pessoas considerarem-no como algo errado. Finalmente, o que nós agora tomamos por certo como valores intrínsecos e direitos individuais pode ficar literalmente inconcebível. Ou seja, podem se tornar conceitos absolutamente estranhos para mentes que foram totalmente reorientadas e moldadas de acordo com as estruturas pagãs de pensamento. É importante que a cultura resista às ilusões dos magos.

Os Encantadores

Se os magos babilônios são semelhantes, quanto ao seu domínio da técnica e à veneração da natureza, à mentalidade científica moderna, "os encantadores" – o outro grupo ao qual Daniel era superior – podem ser semelhan-

tes àqueles que forjam realidades na própria mente. Se a visão de mundo dos magos é relacionada ao modernismo, a visão de mundo dos encantadores pode ser associada ao pós-modernismo.[4]

O encantador enfeitiça uma audiência pelo poder das suas palavras ou dos seus gestos. Ele pode manipular as pessoas e os acontecimentos à sua vontade. Ele cria ilusões ou até mesmo realidades. O encantador é o criador e manipulador do significado.

O pós-modernismo tem suas origens numa escola de pensamento conhecida como existencialismo. Enquanto muitas filosofias e religiões têm dado respostas à pergunta: "Qual é o significado da vida?", o existencialismo resolve o problema de um modo atrevido: a vida não tem nenhum significado. De acordo com o existencialismo, a vida não tem sentido, é inútil e absurda. Há um padrão e uma ordem na natureza, mas isso não significa nada. Não há nenhum propósito. Não há nenhum valor externo. Nada.

Todavia, o existencialismo não é totalmente desesperador. O significado é possível. Não há nenhum significado já pronto, objetivo, mas os seres humanos podem criar os seus próprios significados pessoais. Os seres humanos, à deriva neste mundo caótico, são radicalmente livres. Por meio de suas escolhas, eles podem criar significados. Por meio da própria mente e das ações, eles podem tomar a amorfia da experiência e transformá-la em algo ordenado. Eles podem escolher os seus próprios valores e viver e morrer por eles. Uma pessoa pode escolher o Cristianismo; outra pode escolher o marxismo; outra pode inventar uma nova religião. Dizer que uma posição é verdadeira ou falsa é irrelevante num mundo sem estruturas objetivas já prontas. Cada uma pode ser uma forma autêntica de atribuir significado à vida de uma pessoa, desde que seja auto-escolhida e autoconstruída.

Os pós-modernistas desenvolveram ainda mais essa visão de mundo. De onde vêm as estruturas objetivas ilusórias, os valores e as crenças já prontas, que as massas, na sua maneira não-autêntica, simplesmente aceitam? Esses significados objetivos são construções culturais. Assim, culturas diferentes têm verdades diferentes. Indo além dos marxistas "modernistas" – que acreditam que todas as expressões culturais nada mais são que a infra-estrutura materialista do sistema econômico de classe – os "pós-marxistas" pós-modernos consideram as expressões culturais como a imposição de poder. Qualquer que seja o grupo dominante, ele constrói ideologias e crenças para se manter no poder e oprimir os outros grupos. Os brancos oprimem os negros, os homens oprimem as mulheres, os heterossexuais oprimem os homossexuais, os seres humanos oprimem os animais – e os cristãos oprimem os incrédulos tentando "impor sua crença" sobre outras pessoas. Essa

é a interpretação pós-modernista, pós-marxista. A liberdade vem somente ser "subversora" de todas as convenções culturalmente construídas, para construir significado próprio.

O pós-modernismo não é simplesmente uma teoria excêntrica encontrada somente nas torres de marfim do mundo acadêmico. Ele está em todos os lugares. Declarações semelhantes a esta ficaram comuns: "Isso pode ser verdade para você, mas não é verdade para mim". Em outras palavras, a verdade não é objetiva e obrigatória, aplicável a todas as pessoas. Em vez disso, ela varia de pessoa para pessoa de acordo com as escolhas singulares de cada uma. Esse conceito filosófico muito difícil se tornou um truísmo, algo tomado por certo pelo homem comum das ruas. Ele não parece contraditório ou incomum. Nós ouvimos isso nas novelas. As pessoas declaram isso quando encontram outras das quais elas discordam.

Em discussões morais, considere declarações como esta: "Eu pessoalmente não sou a favor do aborto, mas acredito que as pessoas têm o direito de fazer sua própria escolha". A posição "pró-escolha", portanto, considera a moralidade como uma construção pessoal. Se uma mulher decide não fazer um aborto, isso é ótimo. Se ela decide fazer um aborto, isso também é ótimo. O conteúdo objetivo da sua decisão não faz diferença. Isso não quer dizer que tudo seja moral. "Impor suas convicções a outra pessoa" é imoral, um ato de poder, um modo de oprimir as mulheres.

Os argumentos "pró-escolha" – que também podem ser ouvidos em discussões sobre a eutanásia, as drogas, sexo e outras controvérsias – são um modelo da ética existencialista e pós-moderna. A moralidade foi retirada do reino da verdade. A ética não tem nada a ver com a comunidade humana maior, com a solidariedade de todos os seres humanos, nem com uma lei moral que transcende as pessoas e as culturas porque é fundamentada no caráter de Deus. Os moralistas tradicionais, por outro lado, falam em termos de absolutos morais objetivos. Como os dois lados na controvérsia sobre o aborto têm pressuposições completamente diferentes em relação à posição da moralidade, não é difícil entender por que é tão complicado existir uma comunicação entre eles.

Os educadores já não se sentem confiantes sobre ensinar as verdades morais, as quais eles agora consideram religiosas em vez de serem a propriedade comum de todas as religiões e civilizações (conforme é ensinado em Rm 2.14,15). Em vez de ensinar a moralidade, eles ensinam o "esclarecimento de valores", no qual os alunos exploram os seus "valores" já existentes (ou seja, suas preferências pessoais), aprendem a fazer "escolhas" responsáveis sobre a própria sexualidade, e assim por diante.

De acordo com o pós-modernismo, o ser humano é o criador da verdade. O ser humano é a fonte da moralidade. Em outras palavras, o ser humano é deus. Esse tipo de paganismo é tão antigo quanto o Éden. A serpente lançou dúvida sobre a Palavra de Deus, questionando tanto a moral absoluta como também o amor justo e a autoridade do verdadeiro Criador. Satanás prometeu a Eva que, se ela comesse do fruto proibido por Deus, ela conheceria a ciência do bem e do mal, "e seria como Deus" (Gn 3.4,5). Esse, de acordo com Bíblia, é o pecado original.

Para os pós-modernistas, toda realidade é uma realidade virtual, programada por outra pessoa ou pelas suas próprias imaginações. De qualquer modo, a verdade é uma quimera, uma ilusão. Um hábil pensador é nada mais que uma pessoa persuasiva hábil em retórica, alguém que pode manipular ou hipnotizar outros, mas na verdade não há nada lá.

A Morte do Conhecimento

As pessoas sérias hoje em quase todos os campos estão dizendo: "não há absolutos" e "a verdade é relativa". Se elas realmente acreditam que a verdade é apenas um encanto, então a vantagem do cristão na busca do conhecimento fica clara.

Se você examinar qualquer coisa com extrema atenção, esta parecerá dissolver-se nas suas mãos. Uma pedra parece ser totalmente sólida. Mas se você observar mais de perto, ela se torna uma coleção de cristais, uma coleção de moléculas, uma espécie de quebra-cabeça de átomos, uma massa de elétrons giratórios, uma dança frenética de partículas subatômicas que não se mostram nada sólidas. Em vez disso, eles são fases de energia compreensíveis apenas em fórmulas matemáticas abstratas. O que aconteceu com a pedra? A física contemporânea nos faz perceber o mistério da criação e a incapacidade da mente humana para compreender as obras de Deus.

Hoje, muitas pessoas levaram o conhecimento tão longe que elas ficaram céticas em relação ao próprio conhecimento. Nós percebemos a pedra como sendo sólida. Isso é só por causa da construção do nosso sistema nervoso. Nós interpretamos várias impressões dos sentidos segundo os canais dos nossos cérebros. A realidade sempre nos iludirá. Se a mente humana constrói suas percepções, então é a mente humana que é a fonte de qualquer verdade que nós podemos conhecer. Hoje algumas pessoas estão duvidando do instrumento, questionando a própria possibilidade do conhecimento externo.

Nas ciências humanas, o que significa falar de valores humanos? Se o significado estiver somente na mente dos observadores, como podemos

falar de qualquer significado objetivo num romance, numa pintura ou num poema? Não é o processo todo de ensinar essas ciências humanas um esforço para impor um padrão socialmente aceito a esses estudantes individualmente, de doutriná-los de acordo com padrões sociais opressivos? Com que direito podemos dizer que uma idéia é melhor que outras? Se a verdade é relativa, o que há para ensinar? O que há para aprender?

Nós testemunhamos essa paralisia do conhecimento no que todos admitem ser uma crise na educação contemporânea. Se a verdade é relativa, ainda é possível ser um educador sob tais suposições. O que acontece é que a abordagem à instrução é radicalmente alterada. Um curso já não mais enfatiza o conhecimento objetivo específico que é passado e explicado e estudado. Em vez disso, os estudantes são treinados em processos e encorajados a criar significados por eles mesmos. Assim, aos alunos não é ensinada a história da filosofia; antes, eles são ensinados a fazer perguntas e formular suas próprias crenças. Em vez de estudar os clássicos numa aula de literatura, eles aprendem a se expressar e a ler o tipo de literatura que é pertinente às suas próprias experiências admitidamente limitadas. Aqueles que se encontram numa sala de aula onde não se aprende nada definido, mas que, em vez disso, entram em contato com os seus próprios sentimentos e constroem os seus próprios currículos não devem ter medo. Eles estão no fio da navalha da educação acadêmica pós-moderna.

Isso apresenta um problema, entretanto, para a instituição intelectual como um todo. Se não há nenhum significado objetivo, e se uma pessoa pode escolher qualquer significado que ela queira, o conhecimento objetivo pode ter pouca importância e será pouco interessante para qualquer um. Muitas universidades deixaram de lado o seu currículo porque não há mais qualquer consenso sobre o que uma pessoa instruída deveria saber. Além do mais, muitas universidades estão dizendo: "Quem somos nós para decidir o que é importante para uma outra pessoa? Isso não é opressivo? Os alunos deveriam ser autorizados a estudar qualquer disciplina que queiram". O que eles querem, na verdade, é normalmente algo atraente e fácil. As salas de aula mais populares são com freqüência as mais divertidas e as menos exigentes. Como resultado, matérias "enfadonhas" e difíceis, como os idiomas estrangeiros, a Matemática e as Ciências, têm dificuldade em achar adeptos.

Embora tenha começado uma reação contra alguns dos experimentos educacionais do último século, as universidades ainda reclamam da preparação medíocre dos seus alunos. Muitos deles não têm nenhum conhecimento sobre o qual construir mais conhecimento. As habilidades para a

leitura são ruins. As habilidades para escrever são piores. O conhecimento de Matemática e das Ciências é inexistente. A instrução orientada por processo dos estudantes na escola primária e na escola secundária pode ter aberto a mente deles, mas não conseguiu pôr nada dentro.

Esses problemas apontam para a verdadeira questão: os modos contemporâneos de pensar trabalham contra a procura da verdade. Se o mundo material é tudo o que existe, por que eu deveria estudar as ciências humanas? Se o mundo material não tem sentido, por que eu deveria estudar Ciências? Se, como você diz, eu tenho que criar os meus próprios significados e formar os meus próprios valores, por que você não me deixa sozinho?

A ampla extensão do conhecimento possível é reduzida aos estreitos limites do objeto material pelos modernistas (magos), exagerando assim a extensão da natureza. Os pós-modernistas (encantadores) reduzem toda a verdade ao que a mente pode criar por si própria, exagerando assim a capacidade dos seres humanos. Seguramente há mais na existência do que pode ser observado na natureza. Isso exclui muito, inclusive a criatividade da mente humana. E seguramente há mais na existência do que a mente cria. Isso também exclui muito, inclusive as realizações da ciência.

Havia uma razão pela qual Daniel e seus companheiros hebreus eram dez vezes melhores nos seus estudos que os magos e os encantadores. É a mesma razão pela qual os cristãos de hoje podem superar os seus colegas não-cristãos na universidade. A visão de mundo dos magos e dos encantadores atrapalhou a sua procura da verdade. Do mesmo modo, o modernismo e o pós-modernismo conduzem a becos intelectuais e educacionais sem saídas. Por outro lado, uma visão de mundo bíblica, como mostrarão os próximos capítulos, está aberta à verdade de todos os tipos – tanto verdades naturais quanto humanas – e fornece um modo de atribuir propósito, valor, contexto e coerência a essa verdade.

≈ 11 ≈

CRIAÇÃO E CRIATIVIDADE

Se os magos distorcem a natureza e os encantadores distorcem a humanidade, tanto as ciências exatas quanto as ciências humanas sofrem. Em contraste, a visão bíblica da natureza e do ser humano oferece uma visão de mundo na qual o conhecimento de todos os tipos pode florescer.

De acordo com o Cristianismo, Deus criou o universo. Além disso, Deus na verdade entrou neste universo, encarnado em Jesus Cristo para resgatar um mundo caído. Por causa da doutrina da Criação, os cristãos nunca podem dizer que alguma coisa no mundo físico é intrinsecamente inútil. Por causa da doutrina da Encarnação, os cristãos nunca podem dizer que os seres humanos são intrinsecamente inúteis. Ao contrário, o Cristianismo apresenta uma visão elevada da natureza e do ser humano. Enquanto no pensamento popular as ciências exatas e as ciências humanas têm mostrado tendência de conflitarem entre si, assim como o modernismo e o pós-modernismo não podem ambos estar certos, o Cristianismo oferece uma estrutura conceitual para afirmar tanto o que é natural como o que é humano. Nas doutrinas da Criação e da Encarnação, o cristão pode encontrar uma base conceitual para avaliar e buscar toda a amplitude do conhecimento humano e natural.

Modelos da Criação

A doutrina bíblica de que Deus criou o mundo e tudo que nele há nos é tão familiar que tomamos esta idéia por certo. Também assumimos que outras religiões acreditam que seus deuses criaram o mundo de modo semelhante. Na verdade, isso não acontece. O conceito bíblico da Criação é uma idéia radical. É quase sem igual nas religiões e filosofias mundiais.

O conceito da Criação teve uma influência muito grande no direcionamento das pressuposições da erudição ocidental. À medida que a nossa cultura perde as pressuposições bíblicas, porém, não há dúvida de que essa erudição sofre. Apreciar a visão bíblica da Criação ajudará a examinar as alternativas. É interessante, por exemplo, estudar a visão da Criação com a qual Daniel teve de contender. Os babilônios e outras culturas mitológicas tinham histórias sobre o começo dos tempos, mas estas realmente não eram histórias da Criação no sentido cristão. Aqui está a história da criação babilônica (Tiamate é a deusa do Caos, Mãe de tudo; Marduque é o Campeão dos Deuses):

> Como um homem divide um peixe, Marduque dividiu o corpo de Tiamate. Ele colocou uma metade dele acima como uma coberta para os céus; ele a fechou com ferrolhos de modo que as inundações acima não se derramassem sobre a terra, e ele determinou um guarda para vigiar os ferrolhos. Da outra metade do corpo de Tiamate, ele fez a terra. Ele dividiu tudo o que foi feito entre Anu, Bel e Ea – os Céus, a Terra e o Abismo – ele fixou as estrelas nos seus lugares; ele ordenou o ano e o dividiu; ele fez brilhar o Deus da Lua, e ele lhe deu a noite como sua porção.
>
> Depois disso, Marduque projetou um plano. Ele abriu sua boca e falou com Anu, Bel e Ea. "Meu sangue tomarei e osso formarei; farei o homem para habitar a terra de modo que o serviço dos Deuses nunca falhará." Assim falou Marduque, e o homem começou a viver na terra.[1]

Para os babilônios e outras culturas míticas, o mundo físico, inclusive o homem, é uma parte do corpo de um deus. Como nas filosofias orientais, a natureza e os deuses são eternos. Conseqüentemente, nas culturas mitológicas, a natureza é sagrada e freqüentemente um tabu, que não deve ser tocada, para que não seja violado algo santo e os deuses fiquem irados.

As religiões mitológicas são muitas vezes cíclicas, descrevendo um mundo que é seguido por um mundo novo, que dá lugar a um outro mundo. Nos relatos babilônicos, algo sempre havia existido antes. Para os gregos, até mesmo os deuses vão e vêm em ciclos, com os deuses originais, os Titãs, tendo sido completamente substituídos pelos deuses do Monte Olimpo. Os seres humanos, por sua vez, foram criados e destruídos e criados novamente em vários ciclos sucessivos à medida que a Idade Dourada ia se deteriorando na Idade do Ferro.[2]

Muitos cientistas contemporâneos estão voltando a essa visão cíclica das origens. Eles falam do universo se expandindo até que a força da gravidade o faça contrair-se, desabando então sobre si mesmo até se transformar numa massa branca e quente. Finalmente, essa massa condensará até que seja explodida num outro *big-bang*, e o universo tomará forma novamente.

Esse processo, muitos especulam, tem acontecido e continuará para todo o sempre. O universo nasce e é destruído e nasce novamente num ciclo sem começo e nem fim.

As religiões orientais, agora crescentemente na moda na nossa cultura, são um pouco semelhantes. Elas também falam de tais ciclos. A reencarnação é uma manifestação da sua visão de mundo cíclica que também responde pelas eras da história humana e, como com os cientistas, a criação e destruição interminável do cosmo. Os hindus e os budistas concordam com os modernistas científicos de que toda a realidade é "uma", mas, enquanto os modernistas acreditam que tudo é material, as religiões orientais acreditam que tudo é espiritual.

Especificamente, os hindus e os budistas acreditam que o mundo físico é uma ilusão maligna da qual nós temos que fugir. O universo objetivo como nós o percebemos não é real. O mundo de aparências é descrito como um feitiço lançado por um demônio – chamado Maya no Hinduísmo – para enganar e atrair os seres humanos que estão agora emaranhados na irrealidade. Os seres humanos percebem diferenças nas coisas; na verdade, a realidade é toda uma coisa só, um tecido sem costura no qual a natureza, os seres humanos e Deus são idênticos. A salvação, segundo essa visão, é fugir deste mundo de meras aparências no qual as coisas são diferentes e separadas umas das outras, para se fundir na Unidade cósmica.

"Nós somos todos um." "Há uma única consciência global." "Nós temos de lutar pela unidade." Hoje, muitas pessoas são atraídas por esses jargões do movimento da Nova Era, que tem suas raízes nas religiões orientais. Elas rejeitam o materialismo e o racionalismo modernista em favor de um misticismo harmonioso que parece muito positivo e amoroso.

Na verdade, sob as aparências criadas por suas generalidades brilhantes e sua retórica de tom positivo, esse tipo de filosofia é radicalmente negativo e até mesmo desesperador. Se levado a sério, a visão de que "todos são um" impossibilita o amor.[3] O amor pressupõe um relacionamento entre pessoas que são diferentes umas das outras; caso contrário, se nós somos todos um, amar alguém não significa nada mais do que amar a si mesmo. Se Deus, as outras pessoas, os pedaços de quartzo, os golfinhos, os diferentes planetas e a própria alma da pessoa são tudo uma coisa só, então amar a Deus, a outras pessoas e a natureza se torna apenas uma maneira gloriosa de amar a si mesmo. Todo o universo é tragado no buraco negro da introversão e do egoísmo.

Dizer que todos e tudo formam uma coisa só significa que toda a singularidade individual deve desaparecer. Sempre me pareceu muito glorioso que cada floco de neve, de acordo com os cientistas e matemáticos, seja,

na realidade, diferente de todos os outros flocos de neve. O misticismo do Oriente e da Nova Era tem de se concentrar na sua unidade – isto é, no espaço branco de todo o campo de neve. Por outro lado, os cristãos têm como foco a singularidade de cada unidade. Eles acreditam na imortalidade da alma e na ressurreição do corpo. Isso significa que identidades individuais sobrevivem depois da morte, não que elas se fundam numa unidade impessoal. O Cristianismo estima a individualidade, ao passo que o misticismo da Nova Era, apesar de toda a sua retórica não-conformista, tem de terminar numa uniformidade cósmica.

O misticismo não-ocidental tende a olhar para dentro, não para fora. Esse tipo de visão tem implicações importantes na procura pelo conhecimento. Está claro por que a ciência e a pesquisa objetiva como nós as conhecemos no Ocidente não surgiram nas culturas dos hindus ou dos budistas. Não lhes faltaram inteligência ou habilidade analítica. Eles simplesmente não estavam interessados no mundo físico como tal. Para eles, o mundo físico que nós percebemos não é real. Na medida em que se pode dizer que ele existe, trata-se de uma coisa ruim. Para aqueles que têm uma visão de mundo oriental, as impressões dos sentidos não são confiáveis. O mundo é algo do qual se deve fugir, não estudar. Os herdeiros da Nova Era, que têm essa visão, podem se agrupar no recinto da universidade, mas a sua desconfiança da ciência, da tecnologia e da razão os coloca diretamente em conflito com a tradição do aprendizado ocidental.

O Modelo Bíblico do Universo

A Bíblia ensina uma visão da Criação que é conceitualmente bem diferente das visões de mundo mitológica, mística e materialista. De acordo com as Escrituras, Deus criou tudo do nada. Ele então proclamou que tudo era "muito bom".

Assim, o universo não é obra de um demônio nem o trabalho de processos naturais impessoais. Tudo o que existe depende da ação e do desígnio de um Deus pessoal. Atrás de tudo está uma Mente. Os cristãos vão mais adiante: Esta Mente é Cristo. "No princípio", diz João, no seu evangelho, "era o Verbo", o *logos*, o princípio da ordem cósmica discutida na filosofia grega. Esta Palavra se fez carne em Jesus (Jo 1).

> Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.
>
> Colossenses 1.15-17

Isso significa que todas as coisas, "visíveis e invisíveis", dependem de Cristo para a sua existência. Todas as coisas também são radicalmente compatíveis com Jesus Cristo, em quem "tudo subsiste". Desse modo, há um certo misticismo na afirmação cristã do universo físico. Há uma confiança de que tudo o que é descoberto está de conformidade com Jesus Cristo e é uma manifestação da sua vontade.

Uma vez que a mente de Deus projetou o que ele criou, tem de haver uma certa racionalidade no universo. Embora a mente de Deus esteja infinitamente acima da nossa (o que quer dizer que a sua obra em algum ponto se provará incompreensível ao nosso raciocínio limitado), podemos esperar que o mundo físico seja ordenado, consistente e, em certa extensão, compreensível para nós, visto que, como ele, que nos criou à sua imagem, nós também temos uma mente.

Deus, porém, é diferente da sua criação. Sua criação não é, no sentido exato, uma parte dele, nem que Deus e todas as coisas compõem uma vasta Unidade descaracterizada. Deus transcende a sua criação, o que dá a ela uma existência própria. Nós não devemos adorar e servir "a criatura em lugar do Criador" (Rm 1.25). O mundo físico, por mais precioso que seja, não é sagrado em si mesmo. Nós podemos estudá-lo sem restrições, confiantes de que ele é real e que não desaparecerá nem se transformará diante de nós como um sonho ou uma miragem.

Além do mais, Deus deliberadamente criou as coisas diferentes umas das outras. O Salmo 104 celebra a complexa variedade da ordem criada. Mencionando coisas como água, jumentos selvagens, aves, ramagem, vinho, óleo, cedros, cegonhas, cabras montesinhas, arganazes, a Lua, o Sol, leões, baleias, e "o mar vasto, imenso, no qual se movem seres sem conta, animais pequenos (uma alusão aos microorganismos?) e grandes" (v. 25), o salmista conclui,

> Que variedade, SENHOR, nas tuas obras!
> Todas com sabedoria as fizeste;
> cheia está a terra das tuas riquezas.
>
> – v. 24

Essa qualidade "multiforme" da criação de Deus – sua diversidade e variedade incrível – é um importante ensino bíblico. Ele não só ressalta a visão de mundo bíblica da insistência oriental na unidade, mas também estabelece o valor de cada objeto e de cada pessoa individualmente, todos diferentes e apreciados por Deus por sua singularidade.

A Criação não é apenas ordenada e variada, mas também é "boa". Esse também é um ensinamento crucial e extensamente negligenciado da Bíblia. Depois de cada ato da Criação, a Bíblia repete o refrão: "e viu Deus que ... era bom" (Gn 1.4,10,12,18,21,25). Finalmente Deus olha para toda a sua Criação: "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom" (Gn 1.31). Não apenas bom, mas muito bom.

Deus não está aqui declarando a Criação valiosa simplesmente porque ele a fez e porque ela estava de acordo com a sua vontade. A Bíblia vai além: Deus "viu" que era bom. Em outras palavras, há alguma coisa na Criação que é boa em si mesma. Deus pôs a bondade lá, na sua obra, mas ela está objetivamente presente. O próprio Deus reconhece a bondade que vê e responde a ela.

Não há dúvida de que o pecado deteriorou essa bondade criada e tragicamente corrompeu toda a Criação. A Queda não afeta só os pecadores humanos, mas toda a ordem natural sobre qual o homem tinha sido ordenado a dominar. No entanto, ainda há uma bondade original que é inerente a todas as coisas que Deus fez.

Isso é ressaltado numa passagem muito importante em 1 Timóteo 4. Ao fazer uma advertência a respeito dos falsos mestres que surgirão, Paulo diz que eles proibirão o casamento e insistirão na abstinência de certas comidas. (Ele estava se referindo aos hereges gnósticos que basicamente compartilhavam a visão de mundo oriental com a sua rejeição do mundo físico.) Ele descreve essa rejeição da sexualidade e dos prazeres da mesa como "hipocrisia" e como "ensinos de demônios" (vs. 1,2). Por que Paulo reagiu tão fortemente contra essas renúncias da carne? Porque "Deus criou" essas coisas "para serem recebidas, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade" (v. 3).

> Pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado.
>
> vs. 4,5

"*Tudo* o que Deus criou é bom." O que isso exclui? Somente o pecado que, como Santo Agostinho explica, é uma falta, uma vacuidade, uma ausência de Deus e da bondade que ele criou. O que é real, entretanto, o é porque Deus o fez dessa maneira. Então, é bom.

A sexualidade, por exemplo, é projetada por Deus e é por isso boa em si mesma. As pessoas podem usar a sexualidade de maneiras ilegais para cometer pecados sexuais. Isso é mau precisamente porque viola o bom desígnio de Deus. Os pecadores transformam algo que dá vida em algo estéril

e infrutífero; eles alteraram algo projetado para o amor em algo que faz com que as pessoas se tornem objetos e vítimas de exploração. O problema não é a sexualidade, mas a falta da sexualidade completa como Deus a pretendia, em sua integridade criada, a ser encontrada no casamento. Os seres humanos podem manipular e corromper a ordem criada para que ela sirva aos seus próprios egos pecadores, e de fato fazem eles isso, só que a pecaminosidade não reside no mundo criado externo, mas no coração humano (veja Mt 15.10-20).

Além do mais, por causa dessa doutrina da Criação, Paulo ressalta que "*nada* é recusável". Nada. Que uma pessoa que crê na Bíblia não ouse rejeitar nada. O barro, as pedras, as larvas; a ameba, os elétrons, as galáxias; o nitrogênio, a energia, a genética; a música, os idiomas, as cores – tudo deve ser afirmado. Além do mais, isso permite que uma pessoa que crê na Bíblia não rejeite o estudo de quaisquer das criações de Deus. A Biologia, a Geologia, a Física, a Astronomia, a Lingüística e todas as outras ciências simplesmente examinam o que Deus fez e dão testemunho disso.

É certo que os cientistas modernos tendem a excluir Deus. Há outras visões de mundo além da oriental, mitológica e bíblica, e elas são apresentadas como sendo mais adequadas à procura do conhecimento. No entanto, até mesmo o materialismo científico moderno pode ser visto como uma aberração, um abandono da visão de mundo bíblica da qual ainda depende. O próprio materialismo pressupõe uma grande parte das suposições bíblicas. Ninguém poderia ter sequer sonhado que o mundo físico era conhecível e consistente se não fosse a doutrina bíblica da Criação. Ninguém teria se importado em passar tanto tempo analisando as trivialidades da natureza se não houvesse uma crença de que elas têm algum valor em si mesmas.[4]

À medida que muitos se afastam progressivamente da herança bíblica da nossa cultura, minha suspeita é que haverá um declínio correspondente na ciência. Já os pós-modernistas estão questionando se o mundo objetivo é, afinal de contas, conhecível. Muitas pessoas estão questionando o valor da pesquisa pura, como se somente o conhecimento que as pessoas possam usar como mágica para proveito próprio merece ser procurado. Enquanto isso, a mente popular está voltando à mitologia – horóscopos e magia com ervas, antigas superstições e ocultismo, freqüentemente disfarçados de ciência, como com os OVNIs e a PES. Como os não-cristãos estão abandonando a ciência, é tempo de os cristãos reivindicarem o seu interesse pela criação de Deus.

A Imagem de Deus

Uma outra parte da doutrina da Criação merece uma ênfase especial. Os seres humanos, de acordo com a Bíblia, são criados à imagem de Deus (Gn 1.26). Assim, os seres humanos têm valor e poderes enormes.

Dizer que os seres humanos são feitos à imagem de Deus tem muito significado. Deus é pessoal; portanto, os seres humanos são pessoais. Deus tem uma mente, uma consciência, a habilidade de argumentar e distinguir entre o certo e o errado. Deus tem uma personalidade. Nós também. Todas essas faculdades e esses poderes que nós desfrutamos e tomamos por certo vêm de Deus e apontam para ele. Nele, eles são perfeitos. Eles são infinitos, sem limites. Em nós, eles estão altamente limitados e, pior, distorcidos pelo pecado. Alguns dizem que a imagem divina é totalmente apagada pelo pecado primitivo. Não obstante, a nossa natureza humana criada por Deus não foi totalmente apagada pela Queda. Na verdade, a Bíblia considera o fato de termos sido criados à imagem de Deus como a razão pela qual a vida humana é sagrada. O ensino bíblico sobre o assassinato é que ele é uma blasfêmia tanto quanto uma crueldade, uma agressão à imagem do próprio Deus (Gn 9.6).

Os cristãos têm de honrar a imagem divina em todas as pessoas que eles vêem. As visões de mundo não-bíblicas populares hoje tendem a avaliar as pessoas com base na sua utilidade para sociedade, ou pela aparência física delas, ou na sua habilidade para raciocinar, ou sua habilidade para buscar uma vida significativa. Como resultado, temos as tendências incomuns populares do movimento da eutanásia e as afrontas contra os deficientes físicos, os idosos, os muito doentes e os ainda não-nascidos. Se uma criança não é desejada, ou tem um QI extremamente baixo, ou tem uma aparência repugnante, muitas pessoas hoje assumem que é melhor que ela não viva. Se uma pessoa não tem dignidade humana ou é vista como um vegetal (nenhum cristão deve falar de um ser humano dessa maneira), então é dito que é melhor acabar com o sofrimento dela.

Essas opiniões são outros exemplos da restauração do neopaganismo. A eutanásia e o aborto eram muito comuns no mundo antigo e pelas mesmas razões de hoje. Por outro lado, os hebreus e a Igreja primitiva se opunham vigorosamente a essas práticas.[5] Para eles, o valor da vida humana não dependia do fato de a pessoa ser um benefício ou um fardo para a sociedade ou se ela tinha boa aparência ou não, ou se era inteligente ou mentalmente deficiente. Como portador da imagem divina, exclusivamente criada e amada por Deus, cada pessoa tem valor, importância e estatura

que nunca podem ser tirados. Essa estatura não está nas circunstâncias e nas aparências deste mundo mutável, mas é transcendente, fundamentada no próprio Deus.

Essa visão dos seres humanos floresceu na civilização ocidental, produzindo frutos em conceitos como individualidade e direitos inalienáveis. À medida que a visão bíblica declina na nossa cultura, a rejeição dos direitos humanos e a decadência da individualidade já podem ser vistas entre nós. Os regimes marxista e fascista autoconscientemente suprimiriam esses conceitos. Nas democracias ocidentais, eles estão sendo banalizados. A individualidade agora significa a disposição para seguir uma outra moda popular, comercializada e coletiva. Uma pessoa é agora individualista por causa da pressão dos seus pares. O individualista de hoje tende a ter menos interesse pela identidade e pela integridade do que pela exigência consumista de fazer o que ele quer, o que significa, na prática, seguir os seus piores instintos e desejos estimulados pela massa. O termo *direitos* se tornou outra generalidade resplandecente, um jargão a ser ligado a qualquer e toda causa a fim de coagir aceitação não-crítica – direitos ao aborto, direitos sexuais, direitos dos animais. A nobreza do "direito à livre expressão" é usada agora principalmente para proteger aquele que produz pornografia. Divorciado do seu contexto teológico, o termo está se tornando um absurdo como é usado e invocado com uma tenacidade supersticiosa. A essa velocidade, a verdadeira individualidade e os direitos humanos verdadeiros não vão durar muito tempo.

Por outro lado, o pensador bíblico tem uma base para insistir no valor do ser humano. Cada pessoa é preciosa. Além disso, por possuir uma alma imortal, cada pessoa é eterna. O destino eterno de cada pessoa, se no céu ou no inferno, significa que cada pessoa, não importa quão humilde, sobreviverá às sociedades e civilizações, que passarão.[6] Existem mistérios em cada pessoa – o mistério da iniqüidade e o mistério da justiça. Cada pessoa, conhecida a fundo, é inesgotável. Que o próprio Deus tenha se tornado um ser humano no mistério da Encarnação dá à vida humana um significado ainda maior.

O estudo dos seres humanos – sua formação, sua história, suas realizações – sempre deve ter uma fascinação especial para o cristão. Como a criação mais valiosa e mais complexa de Deus, os seres humanos possuem tanto a imagem de Deus como a maldição do pecado. Os mistérios da mente humana são um campo vasto, quase inexplorado. A psicologia explora os modos que essas criaturas pensam. A filosofia explora o conteúdo dos pensamentos delas. As ciências sociais exploram o modo em que elas

vivem. A História explora o registro dos afazeres dos seres humanos na terra, os seus crimes monstruosos e as suas realizações deslumbrantes.

As doutrinas da criação e da imagem de Deus são especialmente esclarecedoras ao considerar as artes – a música, a pintura, a escultura, a literatura e todas as outras. Como observaram muitos cristãos sábios, ser criado à imagem de Deus significa que os seres humanos também têm habilidade para criar.[7] Assim como Deus pode criar um universo, os seres humanos, numa escala menor, é claro, podem criar sons agradáveis, estruturas físicas, imagens e mundos imaginários. O desejo humano para criar tanto aponta para o Artista Divino quanto vem dele, que é o modelo e a fonte de toda criatividade.

O estudo e a prática das artes são, assim, uma vocação particularmente valiosa para o cristão. Os materialistas têm problemas em justificar a arte pela arte. Isso porque eles têm pouca base para conceitos como beleza, forma objetiva e criação. Então, por que se importar com algo que não tem aplicação prática? É verdade que os neopagãos estão transformando a arte numa religião, como nos tempos antigos. A arte é freqüentemente descrita como "a fonte de valores" e é tratada como algo totalmente sagrado e esotérico. A arte idólatra, entretanto, sempre teve a tendência de ser sufocante, pretensiosa e até mesmo conservadora, tanto quanto tenta ser radical. A visão bíblica da arte é de longe mais liberal.

Deus deu a um artesão chamado Bezalel os dons necessários para criar a arte do tabernáculo. Estes dons – o Espírito Santo, a habilidade, a inteligência, o conhecimento, a destreza e o ensino (Êx 35.30–36.1) – juntos compõem a capacidade de um artista. Os cristãos devem reivindicá-los pelo que eles são. Os cristãos devem compor e executar músicas; eles devem pintar quadros e desenhos abstratos; devem escrever poesias e romances. Eles também devem estudar as artes porque, ao fazer isso, estarão contemplando o cerne do mistério da Criação.[8]

Atualmente, tem havido muito discussão sobre o humanismo secular, a exaltação de seres humanos junto com a rejeição da fé religiosa. O humanismo secular está destinado a desaparecer. A fé na natureza humana ou no espírito humano é certamente uma crença supersticiosa e fanática.[9] Há poucas provas, baseadas apenas em observações, de que os seres humanos sejam tão maravilhosos quanto os humanistas seculares dizem que eles são. O humanismo secular ignora o pecado e com isso ignora uma grande parte do que significa ser humano. Ironicamente, ele promove a liberdade sexual, o aborto, a eutanásia e o suicídio, tudo em nome da dignidade humana. O humanismo exalta a humanidade de modo tão superficial ape-

nas para arrastá-la para baixo e até mesmo matá-la, porque falta qualquer ponto de referência transcendente, a única coisa que pode estabelecer verdadeiramente o valor humano. O problema com o humanismo secular é que ele pode com muita facilidade se tornar desumano. Por outro lado, o humanismo cristão é humano porque é cristão.

Os cristãos nas ciências humanas, com o seu conceito da imagem de Deus, e os cristãos nas ciências, com o seu conceito da Criação de Deus, devem ser "dez vezes mais doutos" que aqueles nas ciências humanas e nas ciências exatas de hoje, que estão tropeçando por não contarem com uma base firme. A doutrina da Criação une tanto um interesse pelo mundo objetivo pela natureza quanto um interesse pelo mundo subjetivo dos seres humanos, exaltando tanto a Criação como ela é quanto todo o princípio da criatividade.

O Cristianismo vai mais longe: o mistério da Encarnação junta a doutrina da natureza e a doutrina da humanidade. Também estabelece tanto os limites quanto a glória da natureza e da natureza humana. Porque os seres humanos, por causa do seu pecado, transformaram a imagem de Deus numa monstruosidade, e porque a própria Criação está deformada pela sua queda, o próprio Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, adentrou a sua Criação e se tornou um homem, experimentando toda a extensão da condição humana, inclusive a própria morte (Hb 2.14; 4.15), a fim de restaurar o que ele tinha criado. O mundo material e a vida humana parecem bem diferentes aos cristãos, agora que o Filho de Deus esteve aqui. Por causa de Cristo, os cristãos devem ter "dez vezes" mais amor pela vida e amor pelo mundo físico do que aqueles que estão mortos nos seus pecados. Eles devem ter "dez vezes" mais interesse pelos detalhes do que Deus fez pela Criação e pelo que os seres humanos são capazes de fazer. Eles devem ter "dez vezes" mais o zelo de aprender e pensar.

≈ 12 ≈

O CRISTIANISMO COMO UMA ESTRUTURA INTELECTUAL

Uma das críticas mais comuns contra os cristãos na arena intelectual é que a crença deles em dogmas inibe a procura imparcial pela verdade. Você já sabe no que você acredita, eles dizem. Você já pensa que tem todas as respostas. Por que se ocupar com estudo e pesquisa? Será que você não tentará simplesmente ajustar às suas convicções predeterminadas tudo o que encontrar? Mesmo se você for honesto demais para fazer isso, a sua procura intelectual não vai terminar antes de começar? Será que a sua crença em dogmas religiosos estabelecidos não sufoca a investigação imparcial, que é o ponto central da pesquisa intelectual?

Essas são perguntas importantes, e os cristãos no mundo acadêmico têm de encará-las continuamente. Porém, eu argumentaria que a teologia cristã dogmática, longe de sufocar a busca pelo conhecimento, pode de fato fornecer uma estrutura para a aquisição e a integração de novos conhecimentos. Na verdade, o modo cristão de pensar é bem melhor ("dez vezes mais") do que o relativismo secular como uma estrutura para estar aberto a novas idéias.

Ambos/e: Os Paradoxos do Cristianismo

Um paradoxo é uma declaração que contém duas idéias aparentemente contraditórias, ambas as quais tomadas como verdadeiras. "Eu estava tão feliz que isso me fez chorar." "Você só odeia aqueles a quem ama." "Ela era tão popular que ninguém gostava dela." Esses são paradoxos aparentemente contraditórios da emoção humana, mas todos sabem o que eles querem dizer e provavelmente os aceitam como verdadeiros. O ser humano tende a ser paradoxal. A realidade física também é paradoxal, como têm descoberto

os cientistas contemporâneos. "A luz é tanto uma partícula como uma onda." "Os objetos estão tanto em repouso quanto em movimento constante." "Os seres humanos são determinados pelo seu ambiente, mas eles também são livres para tomar as suas próprias decisões."

Essas idéias contrariam o bom senso, mas isso é por causa da inabilidade da lógica humana. Elas não violam de fato a lei da contradição. São idéias coerentes, racionais. Elas são só muito complexas e difíceis de serem compreendidas pela limitada mente humana. A verdade, quando nós a compreendemos profundamente, freqüentemente resulta num paradoxo.

O Cristianismo sempre apresentou suas doutrinas-chave como uma série de paradoxos. Jesus Cristo é Deus verdadeiro e homem verdadeiro. Deus é uma unidade de três Pessoas distintas. Os seres humanos são pecadores caídos, depravados; contudo, eles têm grande valor por terem sido feitos à imagem de Deus, que enviou o seu Filho para redimi-los. A amplitude e a complexidade da fé cristã são expressas em termos de polaridades não-contraditórias: lei e evangelho, julgamento e perdão, pecado e graça, fé e boas obras, pão e vinho/corpo e sangue. Ser ortodoxo é aceitar o paradoxo.

O racionalismo tende a pensar em termos de ou/ou. Os gregos e seus herdeiros intelectuais tendem a pensar em meio-termo, um acordo entre dois opostos. O Cristianismo tende a pensar em termos de ambos/e.

Por exemplo, considere a questão da identidade de Jesus Cristo. Os racionalistas dizem que ele tem de ser ou Deus ou homem, um ou outro. Os gnósticos acreditam que ele é Deus, mas não homem; os arianos acreditam que ele é homem, mas não Deus. Ambos trabalham com categorias racionalistas – ou/ou, um ou outro – escolha uma alternativa. Outro modo, familiar ao paganismo grego, seria forjar um meio-termo, um acordo entre os extremos. De acordo com essa visão, Jesus Cristo é meio-deus e meio-homem, um semideus como Hércules. Porém, a Igreja Primitiva rejeitou tanto a filosofia grega quanto a mitologia grega e insistiu que Jesus é *ambos* – Deus *e* homem. Nas palavras maravilhosamente precisas dos antigos credos, Jesus é "verdadeiramente Deus" e "verdadeiramente homem". Qualquer outra visão nega os mistérios da Redenção e da Encarnação nas quais Deus se tornou um ser humano, compartilhando a nossa humanidade completa para carregar os pecados do mundo, sendo nosso mediador, substituto e defensor.

Os mesmos padrões de pensamento são evidentes nos debates sobre a Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três seres separados, nem são simplesmente nomes diferentes para uma única deidade. Antes, são três Pessoas separadas que constituem uma unidade absoluta. O Pai é

diferente do Filho que é diferente do Espírito Santo e, contudo, a unidade deles é tão íntima e absoluta que eles são um Deus. A própria Divindade é uma relação pessoal, de modo que é possível dizer: "Deus é amor" (1Jo 4.8). O Pai, o Filho e o Espírito Santo são distintos e, mesmo assim, eles são um. De acordo com as Escrituras, como explicado no Credo atanasiano, tanto "misturar as pessoas" (negando a singularidade de cada uma das três) quanto "dividir a substância" (separando as três pessoas em três deuses separados) são desvios da fé cristã.

O mesmo padrão é inerente à doutrina do ser humano. Os seres humanos são pecadores irremediáveis, totalmente corrompidos, que merecem somente o castigo eterno no inferno. Ao mesmo tempo, eles são feitos à imagem de Deus, que os ama tanto que o Pai entregou o seu Filho para levá-los para o céu. Os seres humanos são radicalmente limitados e, mesmo assim, são radicalmente dotados. Um cristão é, ao mesmo tempo, pecador e santo, uma criatura do pó e filho de Deus, um animal miseravelmente depravado capaz dos crimes mais brutais e um herdeiro da justiça chamado à abnegação e ao amor.

O Cristianismo é otimista ou pessimista? Ambos! Pode ser mais pessimista que o cínico mais insensível ao denunciar os males do mundo, a queda das civilizações, a futilidade da luta humana e o destino da raça humana no inferno. Ao mesmo tempo, pode ser mais otimista que o maior sonhador em sua insistência de que "todas as coisas cooperam para o bem" (Rm 8.28), que Cristo triunfará, que uma eternidade de alegria nos espera, que os mortos ressuscitarão e nós viveremos alegremente para todo o sempre. Os cristãos ensinam tanto o julgamento de Deus quanto a sua misericórdia, a sua santidade e o seu amor, a sua severidade e a sua graça.

G. K. Chesterton explorou de modo provocante essa qualidade paradoxal do Cristianismo. Ele observou como o Cristianismo sempre desprezou os suicidas, mas honrou os mártires; como incentivou tanto o celibato quanto as famílias; como às vezes parece bélico e algumas vezes parece pacifista; como tem sempre incentivado tanto o jejum quanto a festa. Ele toma dois opostos extremos e exalta a ambos. "Nós não queremos nem um amálgama nem um compromisso", conclui Chesterton, "mas ambas as coisas no máximo da sua energia; amor e ira – ambos ardentes."[1] Essa qualidade do Cristianismo o torna libertador, flexível e dinâmico:

> São Francisco, ao elogiar todo o bem, pode ser um otimista mais gritante que Walt Whitman. São Jerônimo, ao denunciar todo o mal, pode pintar o mundo com cores mais escuras do que Schopenhauer. Ambas as paixões eram livres porque ambas foram mantidas nos seus lugares... Ao definir sua doutrina prin-

> cipal, a Igreja manteve não só lado a lado coisas aparentemente incompatíveis, porém, mais ainda, lhes permitiu irromperem num tipo de violência artística... coisas que eram para a virtude o que os crimes de Nero eram para a depravação. Os espíritos da indignação e da caridade tomaram formas terríveis e atraentes, variando daquela ferocidade monacal que açoitou como um cachorro o primeiro e maior dos Plantagenetas à piedade sublime de Santa Catarina, que, na carnificina oficial, beijou a cabeça sangrenta do criminoso...
>
> É verdade que a Igreja histórica enfatizou ao mesmo tempo o celibato e a família; que ao mesmo tempo (se isso pode ser colocado assim) foi furiosamente a favor de ter filhos e furiosamente a favor de não ter filhos. Ela os têm mantido lado a lado como duas cores fortes, vermelho e branco, como o vermelho e o branco no escudo de São Jorge. Ela sempre teve um saudável ódio da cor-de-rosa. Ela odeia essa combinação de duas cores que são o fraco expediente dos filósofos. Ela odeia a evolução do preto em branco que é equivalente ao cinzento sujo... Não é uma mistura, como o castanho-avermelhado ou o púrpura; é antes como uma seda furta-cor porque uma seda furta-cor sempre está nos ângulos certos e tem o padrão de uma cruz.[2]

O Cristianismo é, assim, radicalmente inclusivo. Ele abraça tudo, de um ponto a outro da experiência. Ele também é dinâmico. Resiste à resposta simplista conveniente que os secularistas estão sempre procurando. O que o Cristianismo afirma e o que rejeita freqüentemente surpreendem o mundo. Ele dança através da história do pensamento ocidental.

Sim/Mas: A Flexibilidade da Mente Cristã

Como o Cristianismo é tão compreensivo e aberto ao paradoxo, ele é intelectualmente muito flexível. Isso não significa fazer concessões quanto aos absolutos da doutrina bíblica. Antes, ao aceitar essas doutrinas, é possível acomodar e fazer sentido de uma vasta extensão de idéias, evidências e experiências.

Esse jogo paradoxal da mente, que o Cristianismo encoraja, está aberto à verdade onde quer que ela possa ser encontrada, mas ele se recusa a aceitar uma percepção limitada como um absoluto. Ele aceita a razão sem fazer da razão humana limitada o juiz de toda a verdade. Ele aceita a metodologia científica sem reduzir o universo ao que pode ser posto num tubo de ensaio. Como ele ensina que os seres humanos podem conhecer o mundo, mas que eles são muitíssimo limitados, o Cristianismo pode aceitar as descobertas da razão e da ciência (até mesmo aquelas que parecem se contradizer) sem vê-las como respostas finais.

A doutrina cristã fornece um modo muito útil de alinhar o conhecimento, de ver como os discernimentos e as descobertas diferentes se encaixam. Observe como o Cristianismo pode aceitar e pode qualificar as trivialidades do pensamento contemporâneo:

Os seres humanos são insignificantes. Nós estamos à deriva num universo infinito, ocupando brevemente um planeta minúsculo que gira ao redor de uma estrela secundária num canto de uma galáxia insignificante. Sim. "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres e o filho do homem, que o visites?" (Sl 8.3,4). O livro de Eclesiastes e o livro de Jó afirmam a vaidade e futilidade do esforço humano, a pequenez da vida humana e o absurdo das nossas pretensões. "Porque nós somos de ontem e nada sabemos; porquanto nossos dias sobre a terra são como a sombra" (Jó 8.9).

Os cristãos entendem a verdade da insignificância humana e sabem como relacionar esse conhecimento à visão de mundo dos cientistas e filósofos contemporâneos. Nós, de fato, não somos nada comparados à infinidade de Deus. Mas essa não é toda a história. A meditação no Salmo 8 sobre a pequenez dos seres humanos em comparação com as galáxias é seguida imediatamente por uma meditação sobre a grandeza humana pela graça de Deus: "Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste" (vs. 5,6). A astronomia pode apontar para a pequenez física dos seres humanos, mas ela mesma exemplifica a imensidade da mente humana que compreende o universo, que é parte do incrível "domínio" que Deus escolheu dar a essas criaturas aparentemente insignificantes. Sim, nós somos insignificantes, mas também somos coroados "de glória e honra". Sim, nós somos pequenos, mas também somos grandes. Sim, a nossa vida é curta, mas a nossa alma é imortal.

Se um ramo do secularismo enfatiza a insignificância da humanidade, outro ramo dá ênfase ao oposto: *Os seres humanos são a fonte de todos os valores e significado. A liberdade, a dignidade e a individualidade do homem devem ser nutridas. As pessoas devem ser livres para crescer, desenvolver-se e expressar-se até que encontrem a satisfação perfeita, tendo saciado todos os seus desejos numa sociedade que se baseia no amor e na harmonia.* Sim. Os cristãos, como os humanistas, valorizam a humanidade e concordam com a grandeza e a realidade dos direitos, das realizações e dos valores dos homens. Nós também somos visionários, ansiando por um Reino em que o leão se deita com o cordeiro e todos os nossos anseios sejam satisfeitos.

Nós, porém, pensamos que os humanistas negligenciam a realidade e a enormidade do pecado humano. Satisfazer a todos os desejos humanos, buscar cumprimento individual e fazer de si a fonte de todos os valores têm resultado historicamente em guerras, egoísmo, conflito, brutalidade e opressão. As realizações humanas incluem Buchenwald como também as gran-

des obras de arte. Uma utopia baseada somente na natureza humana será uma paródia grosseira do inferno. Na verdade, a utopia futura na qual o eu autônomo achará cumprimento perfeito *é* o inferno. Para os cristãos, o verdadeiro humanismo deve ser baseado na única Pessoa que era verdadeiramente humana, da mesma maneira que era verdadeiramente divina. O caminho para a utopia passa por ele e encontra-se além deste mundo. Não é o Reino do Homem – temos tido bastante disso –, mas o Reino de Deus.

Os seres humanos são determinados pelo seu meio ambiente e pelos seus genes. A liberdade individual é uma ilusão. Não podemos escapar da influência da nossa família e da nossa sociedade. Sim. Os cristãos podem concordar com os cientistas sociais que nós, num sentido, somos determinados por nossa composição inata ou pelas influências ambientais e que não somos tão livres quanto gostamos de pensar que somos. Nós acreditamos no pecado original. Voltando a Adão e Eva, o poço de genes e todas as comunidades humanas têm estado doentes. Não podemos fugir da nossa condição humana. Não podemos escapar da nossa tendência para pecar. Nós nascemos nisso. Fomos ensinados a pecar. Nossa própria vontade está escravizada. Nós também acreditamos no valor positivo das famílias e das comunidades. Deus estabeleceu as famílias humanas como o meio para ele criar e formar os filhos dele. Como somos criaturas sociais, ele nos une em sociedades e nos enxerta na sua Igreja.

Mas nós também acreditamos em responsabilidade moral. Nós pecamos, mas fazemos isso como agentes morais livres. Outras pessoas podem estar envolvidas na nossa pecaminosidade, mas nós somos co-conspiradores voluntários. Deus pode nos libertar da nossa escravidão ao pecado. É difícil, mas nós podemos resistir à nossa sociedade, a grupos de semelhantes e até mesmo à nossa própria educação e construção psicológica para fazer o que nós sabemos que é certo, uma vez que o nosso coração e a nossa vontade são transformados pelo Espírito Santo à medida que crescemos na fé. Nós existimos de fato em sociedades, mas também existimos como almas individuais, imortais, feitas exclusivamente por Deus que nos aprecia pelo que somos. Nós temos direitos humanos transcendentes. Visto que cada um de nós viverá para sempre, nós vamos sobreviver às instituições humanas, que nunca deveriam ser absolutas nem usurpar as liberdades individuais.

Observe o padrão: Sim... mas. Os cristãos podem afirmar várias alegações e evidências dos cientistas, dos humanistas e dos cientistas sociais. Nós podemos colocar esses conhecimentos no contexto maior da verdade bíblica e aprender deles. Porém, nós também os reconhecemos como parciais, qualificando-os e seguindo em frente.

A crença do cientista de que os seres humanos são muito insignificantes no universo contradiz as afirmações humanistas sobre a importância dos seres humanos. O determinismo do cientista social contradiz a ênfase do humanista no individualismo e na liberdade. Simplesmente, em seus próprios termos, eles todos não podem estar certos. Contudo, o Cristianismo oferece uma perspectiva que pode afirmar a verdade em cada posição, equilibrando-a numa visão mais abrangente.

O Ceticismo Cristão

Esse hábito mental do cristão combina a abertura à verdade com o ceticismo. Assim, é uma excelente disposição de mente para a procura do conhecimento.

A visão secularista comum de que a verdade é relativa cultiva o ceticismo, mas não é, em última análise, aberta à verdade. Ela nega que haja verdade. O aprendiz nunca está satisfeito com o conhecimento estático do passado, mas só pode adquirir discernimentos que devem ser suplantados como estáticos e conseqüentemente inválidos. O relativismo, com o seu ceticismo inerente, tem dúvidas a respeito de si mesmo. "Qual é o sentido de toda essa investigação se o que estou dizendo é tão relativo e mutável quanto o que estou criticando?" O ceticismo é importante para o aprendizado, mas, sem algum compromisso com a existência objetiva da verdade, torna-se como o "lobo universal" de Shakespeare, que devora o mundo inteiro e depois tem que devorar a si mesmo (*Troilus and Cressida*, I.iii.121-124).

Por outro lado, o ceticismo cristão vê o conhecimento em termos de círculos progressivamente maiores de significado, que finalmente se relacionam às verdades reveladas da Bíblia. Ele não se contenta com uma descoberta isolada de um pensador particular ou um critério de um século particular. Para Flannery O'Connor, "O que me manteve um cético na universidade foi precisamente a minha fé cristã. Ela sempre me dizia: Espere, não engula isto, consiga um quadro maior, continue a ler".[3] Numa carta a um estudante universitário que estava à beira de abandonar a sua fé, esse grande novelista cristão do século 20 mostrou que a fé "é mais valiosa, mais misteriosa, em tudo mais imensa do que qualquer coisa que você possa aprender ou possa decidir na universidade. Aprenda o que você puder, mas cultive o ceticismo cristão. Ele o manterá livre – não livre para fazer qualquer coisa que você queira, mas livre para ser formado por algo maior que o seu próprio intelecto ou o intelecto daqueles que estão ao seu redor".[4]

Desse modo, os cristãos serão freqüentemente intelectuais irritantes. Eles não aceitarão a sabedoria convencional num campo em particular, nem aderirão a todas as suposições dos teóricos populares. O modelo deve ser o

de Blaise Pascal, o gênio matemático e pensador cristão do século 17 cujas explorações dos paradoxos da alma humana mostram a mente cristã no seu melhor. Referindo-se à sua defesa planejada da fé cristã diante dos seres humanos em todas as suas contradições, Pascal faz a seguinte resolução: "Se ele se vangloriar, / eu o humilho. / Se ele se humilhar, / eu o vangloriarei, / e me oponho a ele sempre / até que ele compreenda / que ele é um monstro além do entendimento".[5]

Hoje, muitos pensadores vão "cobrir de vanglória" a humanidade, tentando construir uma fé nos seres humanos. Quando isso acontece, o pensador cristão deve "humilhar" a humanidade, revelando os seus limites e a monstruosidade dos seus pecados. Outros pensadores hoje "humilham" a humanidade ao negar a singularidade e o valor humanos, reduzir o homem a um animal e ofender a dignidade humana. Quando isso acontece, o pensador cristão deve "cobrir de vanglória" a humanidade, insistindo no valor infinito e no potencial de toda alma imortal. Cada ser humano é "um monstro" – não no sentido de Frankenstein ou Drácula, mas um monstro no sentido de ser extraordinário e antinatural. O pensador cristão deve levar as pessoas a "entenderem" o paradoxo de que eles estão "além da compreensão".

Pascal está defendendo o que Neil Postman chama de instrução "termostática". De acordo com Postman, a instrução bem-sucedida deve se opor às tendências dominantes numa sociedade e, com isso, equilibrá-las. Se uma sociedade for muito conservadora, fechada e estática, é função da instrução desafiar esse conservantismo e abrir seus alunos à mudança. Porém, se uma sociedade for muito dinâmica, aberta e inconstante (como é o caso hoje), é função da instrução desafiar esse dinamismo, afirmar a tradição e ser conservadora. Como um termostato que esquenta um quarto que está muito frio e liga o ar condicionado quando o quarto está muito quente, a instrução sempre deve se opor às tendências dominantes para poder manter uma civilização sadia.[6] De igual modo, os cristãos devem ser termostatos culturais e intelectuais, exultando em oposição, iconoclasmo e novas visões de equilíbrio.

É excitante ser cristão neste momento. Os velhos materialismos estão começando a cair. As pessoas estão repensando os seus pressupostos. Os radicais se tornaram tão radicais que estão duvidando do seu próprio radicalismo. No tumulto intelectual de hoje, os cristãos podem falar com lucidez e convicção, e haverá pessoas que escutarão.

O estilo do pensamento cristão, com sua tolerância ao paradoxo, com a sua combinação de abertura e ceticismo, parece especialmente apropriado às questões intelectuais da atualidade. A física contemporânea, por exem-

plo, exige a lógica do paradoxo. Refutando as hipóteses do materialismo do século 19, ela fala da luz como sendo tanto uma partícula como uma onda, da matéria como algo quase espiritual, de causa e efeito praticamente sendo virados de cabeça para baixo. Alguns estudiosos cristãos acreditam que essas descobertas são subversivas a uma visão bíblica da realidade. Eu não posso concordar. São os racionalistas seculares que precisam fugir dessas pesquisas perturbadoras, não os que crêem na Santíssima Trindade e na Luz do Mundo. São os materialistas que têm a mente estreita e fechada que precisam abri-la aos mistérios que existem ao redor deles.

Os teólogos sempre falaram dos limites da razão, ensinando que as realidades espirituais somente frustram o alcance da lógica humana, que nós devemos depender da revelação da Palavra de Deus – não da nossa mente deturpada e caída – para poder discernir as verdades de um Deus infinito. Os cristãos têm de tomar cuidado para não pôr muita confiança na sua própria compreensão. Também pode ser que a nova física esteja se chocando contra os limites da razão humana, descobrindo que a realidade é mais complexa e complicada do que a mente humana possa imaginar.

Nos termos da antiga controvérsia teológica, não devemos tentar "entender para crer"; antes, como Santo Anselmo, devemos "crer para entender". Quando a verdade da Palavra é aceita pela fé, todas as outras peças do conhecimento vão para o seu devido lugar, como as peças de um quebra-cabeça quando é descoberto o padrão, ou o volteador da fechadura que estala quando é introduzida a chave certa. Chesterton discute o paradoxo de que nós só podemos entender o mundo se aceitarmos a verdade de uma fé que desafia a nossa compreensão. Ele ressalta que nós não podemos fitar o Sol, contudo, é pela luz do sol que vemos todas as outras coisas. "A única coisa criada para a qual nós não podemos olhar é a única coisa à luz da qual olhamos para tudo."[7] Ele, então, volta-se para um símbolo que é até mais profundo:

> A cruz, embora tenha no seu cerne um conflito e uma contradição, pode estender os seus quatro braços para sempre sem que a sua forma seja alterada. Pelo fato de ter um paradoxo no seu centro, ela pode crescer sem mudar. O círculo [do racionalismo e das religiões orientais] volta para si mesmo e é fechado. A cruz abre os seus braços aos quatro ventos; é um poste sinalizador para os viajantes livres.[8]

~ 13 ~

CONCLUSÃO: AMAR A DEUS DE TODO O TEU ENTENDIMENTO

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (Dt 6.4,5). Cristo chama essa proclamação profunda feita por Moisés o maior de todos os mandamentos. Porém, de modo interessante, quando Jesus cita esta Escritura, ele acrescenta a ela uma outra maneira de amar a Deus:

> Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.
>
> Marcos 12.28-30

Jesus acrescenta "de todo o teu entendimento" à lista.

Amar a Deus com todo o seu coração deve se referir a amar a Deus com a vontade e as emoções. Amar a Deus com toda a sua alma deve se referir ao relacionamento pessoal com ele que vem pela fé. Amar a Deus com toda a sua força deve se referir a servi-lo com as nossas ações. O que envolve amar a Deus com todo o seu entendimento?

Simplesmente, deve significar pensar sobre Deus – estar consciente dele na vida cotidiana, contemplando a sua presença e sua bondade, saturando a mente com a sua Palavra. Isso está claro no restante da passagem de Deuteronômio que, sem dúvida, é ao que o nosso Senhor está aludindo:

> Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te.
>
> – 6.6,7

Esse texto, que ordena que a Palavra de Deus seja ensinada aos filhos e que seja discutida pelos adultos, é a base da instrução cristã. Amar a Deus com o entendimento está, assim, ligado ao ensino e ao aprendizado.

Jesus vai mais adiante. Ele nos diz para amar a Deus com "todo" o nosso entendimento. Em outras palavras, tudo o que a mente pode fazer deve ser dedicado a amar a Deus. Pareceria então que, se sua mente puder resolver cálculos matemáticos complexos, você deve amar a Deus na matemática. Se sua mente puder planejar um negócio, projetar um edifício, analisar um romance, entender um problema filosófico, ou imaginar uma história, você deve amar a Deus no seu planejamento, no seu projeto, na sua análise, no seu entendimento, ou na sua imaginação. Quando Jesus diz "todo" o entendimento, ele está reivindicando cada aptidão mental que possuímos.

Quando ele diz "todo o *seu* entendimento", ele está aplicando essa reivindicação de modo muito pessoal. Nem todo mundo tem a mesma habilidade. Alguém que é fisicamente incapacitado pode não ter a mesma "força" física que um grande atleta estrela. Isso não importa. Quer signifique servir a Deus numa cama de hospital ou num estádio olímpico, ambos são chamados para amar a Deus com toda a força que eles têm. Do mesmo modo, "todo o seu pensamento" abrange uma vasta extensão de talentos e habilidades. Algumas mentes são talentosas nas ciências, algumas nas artes. Algumas mentes são orientadas ao ensino acadêmico e superior; outras estão interessadas em esferas mais mundanas. Nenhum grupo de talento é melhor que outro, e toda vocação é igual diante do Senhor. O ponto é, qualquer que seja a nossa chamada, Deus exige tudo o que podemos fazer e tudo o que podemos pensar.

Todo o empreendimento educacional e intelectual, para um cristão, deve se resumir no desejo de amar a Deus "de todo o seu entendimento". Todo o processo de curiosidade, questionamento e descoberta pode ser uma viagem, cheia de maravilhas e louvores, à mente de Deus, que criou tudo. Qualquer coisa que possa ser estudada, seja a natureza humana ou o universo físico, é o que é porque Deus a determinou e criou. Descobrir as leis ocultas que governam a matéria, descobrir os padrões das partículas subatômicas, descobrir como os seres humanos crescem e interagem entre si, discernir um padrão subjacente na História ou na Astronomia – tudo isso significa nada menos que descobrir a vontade de Deus.

Assim como Deus é inesgotável, o conhecimento é inesgotável. Durante a nossa vida na terra nunca podemos satisfazer completamente a nossa curiosidade e compreensão. Como a sede evidencia a necessidade de

água, o nosso anseio pelo conhecimento aponta para o céu, onde todos os desejos serão completamente satisfeitos: "Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido" (1Co 13.12).

Louvor

Amar a Deus com todo o entendimento significa louvá-lo por tudo o que se aprende. Significa amar a Deus por todas as suas obras. Significa cultivar a sensibilidade e a exaltação do salmista que exulta "nas obras do Senhor":

> Louvai ao Senhor.
> Louvarei ao Senhor de todo o coração,
> na assembléia dos justos e na congregação.
> Grandes são as obras do Senhor,
> procuradas por todos os que nelas tomam prazer.
> Glória e majestade há em sua obra,
> e a sua justiça permanece para sempre.
> Fez lembradas as suas maravilhas...
> Mostrou ao seu povo o poder das suas obras,
> dando-lhe a herança das nações.
> As obras das suas mãos são verdade e juízo;
> fiéis, todos os seus mandamentos.
> Permanecem firmes para todo o sempre;
> são feitos em verdade e retidão...
> O temor do Senhor é o princípio da sabedoria;
> bom entendimento têm todos os que lhe obedecem;
> o seu louvor permanece para sempre.
>
> Salmo 111.1-4,6-8,10 ARC

Referindo-se tanto às ações de Deus na salvação quanto às suas atividades na Criação, o salmista vê as obras de Deus não apenas como harmônicas e dignas de confiança, mas também como "maravilhosas". São coisas para serem lembradas, passadas de geração a geração. O versículo 2 é o texto perfeito para qualquer estudante, erudito ou pensador cristão: "Grandes são as obras do Senhor, procuradas por todos os que nelas tomam prazer". O deleite de aprender, que impele as pessoas a estudarem cada vez mais profundamente as obras de Deus, é realmente encontrar prazer em Deus.

O versículo 10 também é um texto-chave: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (veja também Pv 1.7). Temer a Deus não é o fim da sabedoria, mas o começo. Uma pessoa que teme a Deus pode se abrir para as alturas vastas e vertiginosas do conhecimento. Aqueles que "praticam" esse temor de Deus podem ter um "bom entendimento" de tudo.

Preparar a Sua Mente

Essa compreensão é valiosa em si mesma, mas este é um mundo pecador e caído. Assim, os cristãos precisam usar a mente por outra razão.

Pedro dirigiu a sua primeira epístola aos "forasteiros da Dispersão" (v. 1). Os primeiros cristãos estavam na mesma posição que os hebreus depois da conquista babilônica. Nestes últimos dias, os cristãos estão espalhados num mundo que é hostil a Cristo e ao seu povo. O termo "Babilônia" foi aplicado ao império romano (1Pe 5.13) e foi estendido profeticamente ao sistema mundial do Anticristo (Ap 18).

Pedro lembra a seus leitores que a fé deles será testada e que eles experimentariam o sofrimento. Ele dá ênfase ao privilégio deles de ser o povo de Deus e de ter sua alegria em Cristo. Ele conclui que os cristãos precisam cultivar certas atitudes:

> Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo. Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento... Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação.
>
> 1 Pedro 1.13-15,17

Vivendo como exilados neste mundo pecador, os cristãos devem ser esperançosos e obedientes. Eles têm de encarar sua situação com seriedade. Sobreviver nesta nova Babilônia só é possível "cingindo o vosso entendimento". A expressão sugere preparar-se para a batalha, como quando um guerreiro veste a sua armadura e afivela a sua espada (cf. Ef 6.14). Pedro está dizendo que nós temos que preparar a nossa mente para usá-la. Essa mente "cingida" deve contrastar com "as paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância". A ignorância gera o pecado. O cristão tem de lutar contra o pecado e a incredulidade com uma mente completamente preparada.

Pedro não está escrevendo sobre a instrução em si, mas o princípio ainda se aplica. A instrução significa preparar a mente. Para um cristão, a busca da instrução pode ser um meio de cingir "o entendimento", exercitando, treinando e fortalecendo a própria mente para o serviço num mundo pecador e espiritualmente perigoso.

Isso é especialmente importante hoje. A nossa sociedade é muito instruída e sofisticada, mas perdeu os seus ancoradouros na verdade da Bíblia. Falando a um grupo de estudantes cristãos na Universidade de Oxford, C. S. Lewis falou da urgência de os cristãos participarem das batalhas intelectuais:

> Se o mundo todo fosse cristão, poderia não ser importante se mundo todo fosse instruído. Porém, sendo as coisas como são, uma vida cultural existirá fora da Igreja, quer ela exista dentro dela ou não. Ser ignorante e simplório agora – sem condições de enfrentar os inimigos na própria base deles – seria jogar as nossas armas ao chão e trair os nossos irmãos não-instruídos que não têm, abaixo de Deus, nenhuma outra defesa a não ser nós contra os ataques intelectuais dos pagãos. A boa filosofia tem que existir, se por nenhuma outra razão, porque a má filosofia precisa ser respondida.[1] Os cristãos com dons acadêmicos precisam usá-los para defender os cristãos que não os têm. É precisamente porque há tanto erro no mundo hoje que há uma necessidade tão grande da verdade. "Então, a vida erudita é, para alguns, um dever", conclui Lewis. "No momento parece ser o dever de vocês."[2]

Através da Era das Trevas

Depois que Roma, a segunda Babilônia, caiu por causa dos bárbaros e da sua própria imoralidade, a civilização ocidental passou por uma era de caos e ignorância. Essa Era das Trevas (que não deve ser confundida, como freqüentemente é, com a Idade Média) foi um tempo em que o conhecimento e a erudição pareciam quase eliminados. Os vândalos queimaram as bibliotecas. Ler tornou-se quase uma arte perdida. Os idiomas antigos foram esquecidos. As pessoas se preocupavam com muito pouco além do prazer e da sobrevivência. A Europa estava entorpecida pela apatia intelectual.

Contudo, a cultura sobreviveu. A herança da cultura grega e da lei romana não foi esquecida. As obras-primas da literatura e da filosofia e as grandes realizações, descobertas e histórias do passado foram preservadas, cuidadas e passadas para as gerações sucessivas, para a Alta Idade Média, para o Renascimento e, finalmente, para nós.

O que trouxe o conhecimento ao longo dessa Era das Trevas? Por que o conhecimento acumulado durantes milênios não foi perdido? Não existe muita coisa da Babilônia de Nabucodonosor, somente o que os arqueólogos desenterraram. Lingüistas modernos finalmente aprenderam a decifrar a escrita cuneiforme da Babilônia, mas até que isso tivesse acontecido, a linguagem e, com isso, a cultura desapareceram da História. Por que a mesma coisa não aconteceu com a civilização greco-romana? Por que não tivemos que começar tudo de novo?

A razão é simples: a cultura foi mantida viva pela Igreja Cristã. Nos monastérios, que foram construídos como fortalezas para se protegerem dos bárbaros saqueadores, os monges estavam copiando livros – a Bíblia e os de Santo Agostinho, mas também de História e Filosofia, Virgílio e Cícero, textos de Medicina e Biologia, poesia e engenharia. Todos eram copiados

por extenso, lidos e discutidos, preservados e armazenados para uma era mais assentada que viria e que poderia usá-los. Em paróquias espalhadas, o sacerdote e aqueles a quem ele ensinava mantiveram viva a arte de ler, pela sua devoção à Palavra de Deus.

Quando olho para o mundo de hoje, eu às vezes fico me perguntando se não estamos deslizando para uma nova Era das Trevas. Há novos vândalos que estão jogando fora os grandes valores e as realizações da nossa civilização. Há um novo barbarismo que parece odiar idéias e beleza, que desprezam a ordem e os valores objetivos. As pessoas se entretêm assistindo aos filmes de massacres com a serra elétrica. A desenfreada brutalidade é vista como grande diversão. Violências recreativas, antiintelectualismo e um desejo furioso pelo prazer estão se espalhando como óleo através da cultura ocidental. Até os nossos pensadores parecem desmoralizados e indisciplinados. Até mesmo a própria elite intelectual está decadente, indisciplinada e progressivamente superficial. Como diz Yeats,

> As coisas se desmancham; o centro não as pode segurar;
> Mera anarquia está solta no mundo,
> A maré de sangue obtuso está solta, e em todos os lugares
> A cerimônia da inocência é submersa;
> Ao melhor falta toda convicção, enquanto o pior
> É cheio de intensidade apaixonada.[3]

Se nós estivermos passando por outra Idade das Trevas, pode ser que a cultura seja preservada novamente, como sempre aconteceu, na Igreja Cristã. Eu tenho uma visão de cristãos se encontrando para discutir bons pontos de Teologia e outras idéias quando ninguém mais estiver interessado no pensamento abstrato. Eu visualizo as universidades cristãs – não falei muito sobre elas como alternativas para academia secular – como enclaves das artes liberais, enquanto todas as universidades públicas se transformaram em sofisticadas escolas de comércio. Eu imagino os cristãos lendo a Bíblia e outros livros, enquanto todo o mundo está assistindo à televisão.

Se Cristo atrasar a sua vinda, e se a Igreja se recusar a se conformar às tendências do mundo, pode ser que os cristãos, como fizeram no passado, ajudem a precipitar um novo Renascimento, um florescimento das artes e das ciências, uma renovação da cultura ocidental e um reavivamento da espiritualidade bíblica.[4]

NOTAS

PREFÁCIO

1. O pós-modernismo estava certamente no ar nos anos 80, e eu o tinha estudado um pouco na faculdade uma década antes. Porém, ele não foi detectado pelo radar da maioria dos escritores cristãos até os anos 90. Veja o meu livro *Postmodern Times: A Christian Guide to Contemporary Thought and Culture* (Wheaton, IL: Crossway, 1994).
2. Veja *Modern Fascism* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1993).
3. Veja *God at Work: Your Christian Vocation in All of Life* (Wheaton, IL: Crossway, 2002).

CAPÍTULO 2: A INSTRUÇÃO E A BÍBLIA

1. Veja E. G. Sihier, *Cicero of Arpinum* (Nova York: G. E. Stechert, 1933), pp. 267-295. Sobre o *status* e as obrigações do procônsul de uma província, veja Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (Nova York: Harper & Bros., 1900), 2:284ss.
2. Para as inferências sobre Apolo como modelo de pessoa instruída tanto nos clássicos como nas Escrituras, estou em dívida com o meu colega Dr. Walter Jennrich, professor emérito de grego na Concordia University Wisconsin.
3. Para o papel da alfabetização no Cristianismo – e o que acontece quando a alfabetização é perdida – veja Arthur W. Hunt, III, *The Vanishing Word: The Veneration of Visual Images in the Postmodern World* (Wheaton, IL: Crossway, 2003).
4. Veja o verbete "Clergy" em *The Oxford English Dictionary.*
5. Muitos estudiosos desenvolveram esses pontos de modo mais detalhado. Veja, por exemplo, Herbert N. Schneidau, *Sacred Discontent: The Bible and Western Tradition* (Berkeley, CA: University of California Press, 1977) e Thorleif Boman, *Hebrew Thought Compared to Greek,* trad. por Jules C. Moreau (Filadélfia: Westminster Press, 1960).

6. Historiadores contemporâneos, querendo ser seculares e não desejando ofender os não-cristãos, substituíram por "era comum" as referências a Cristo, resultando em A.E.C. (antes da era comum) e E.C. (era comum). Mas estes são exatamente equivalentes ao a.C. e d.C., o que deixa Cristo, afinal de contas, como o momento decisivo da História.
7. Para os detalhes de como a ciência originou-se de uma visão de mundo bíblica, veja Nancy Pearcey e Charles Thaxton, *The Soul of Science* (Wheaton, IL: Crossway, 1994).

CAPÍTULO 3: A UNIVERSIDADE DA BABILÔNIA

1. Uma versão deste capítulo foi publicada em *HIS Magazine,* março 1985, pp. 1-4.
2. Observe os paralelos do conhecimento, entendimento e serviço de Daniel com o *trivium* da tradição educacional clássica: gramática (conhecimento), lógica (entendimento) e retórica (aplicação pessoal).
3. A tradução dos nomes veio das notas sobre a passagem em *The New Oxford Annotated Bible* (Nova York: Oxford University Press, 1973).
4. Isso não exclui a desobediência civil naqueles raros casos em que as autoridades humanas exigirem alguma coisa que seja contrária à Palavra de Deus. Nesses casos, "Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5.29).
5. Veja também o incidente com Arioque em Daniel 2.14,24.

CAPÍTULO 4: OS ATAQUES CONTRA O CRISTIANISMO

1. G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Garden City, NY: Doubleday, 1959), p. 84.
2. *Ibidem*, pp. 85-89.
3. *Ibidem*, p. 90.
4. *Ibidem*, p. 15.

CAPÍTULO 5: A EXCLUSÃO DE DEUS

1. Flannery O'Connor, *The Habit of Being: Letters,* org. por Sally Fitzgerald (Nova York: Fartar, Straus, & Giroux, 1979), p. 149.
2. Flannery O'Connor, "The Displaced Person", em *The Complete Stories of Flannery O'Connor* (Nova York: Farrar, Straus, & Giroux, 1977), p. 226.
3. Veja Michael Behe, *Darwin's Black Box: The Biochemical Challenge to Evolution* (Nova York: The Free Press, 1996) e William Dembski, *The Design Inference* (Nova York: Cambridge University Press, 1998).

4. G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Garden City, NY: Douhleday, 1959), pp. 25-26.
5. Albert Einstein, "The Common Language of Science", em *The Living Language: A Reader,* org. por Linda A. Morris *et al.* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1984), p. 306.
6. *Ibidem.*
7. Para um relato abrangente do pós-modernismo, junto com uma crítica cristã sistemática, veja o meu livro *Postmodern Times: A Christian Guide to Contemporary Thought and Culture* (Wheaton, IL: Crossway, 1994).
8. Veja Thomas Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions* (Chicago: University of Chicago Press, 1970).

CAPÍTULO 6: OS TRADICIONALISTAS E OS PROGRESSISTAS

1. De acordo com o argumento de Herbert N. Schneidau em *Sacred Discontent: The Bible and Western Tradition* (Berkeley, CA: University of California Press, 1977).
2. Como Deus opera por meio da cultura tem a ver com a doutrina da vocação. Veja o meu livro sobre o assunto, *God at Work: Your Christian Vocation in All of Life* (Wheaton, IL: Crossway, 2002).
3. C. S. Lewis, *Surprised by Joy* (Nova York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1984), p. 306.
4. Schneidau, *Sacred Discontent,* n.p.
5. Veja o capítulo introdutório de Schneidau, "In Praise of Alienation: The Bible and Western Culture", pp. 1-49.

CAPÍTULO 7: AS QUESTÕES MORAIS

1. G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Garden City, NY: Doubleday, 1959), p. 107.
2. Veja Herbert N. Schneidau, *Sacred Discontent: The Bible and Western Tradition* (Berkeley, CA: University of California Press, 1977), pp. 15-16, 116-119.
3. Para a influência moral do Cristianismo, veja Alvin J. Schmidt, *Under the Influence: How Christianity Transformed Civilization*) Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001).
4. Chesterton, *Orthodoxy,* p. 107.

CAPÍTULO 8: O COMBATE INTELECTUAL

1. Para críticas não-criacionistas ao darwinismo, veja Gordon Rattray Taylor, *The Great Evolution Mystery* (Nova York: Harper & Row, 1983) e Tom Bethell, "Agnostic Evolutionists: The Taxonomic Case Against Darwin",

Harpers, fevereiro de 1985, pp. 49ss. Veja também Michael Denton, *Evolution: A Theory in Crisis* (Bethesda, MD: Adler & Adler, 1986) e David Stove, *Darwinian Fairy Tales* (Brookfield, VT: Aveburg,1995).

CAPÍTULO 9: A COMUNHÃO DOS SANTOS

1. Peter Berger, "The Class Struggle in American Religion", *Christian Century,* 25 de fevereiro de 1981, p. 198. Veja também B. Bruce-Briggs, *The New Class?* (New Brunswick, NJ: Transaction, 1979); Hansfried Kellner e Frank Heuberger, *Hidden Technocrats: The New Class and New Capitalism* (New Brunswick, NJ: Transaction, 1992); Alan Wolfe, "The New Class Comes Home", em *Our Country, Our Culture: The Politics of Political Correctness.* org. por Edith Kurzwell (Boston: Partisan Review Press, 1994); e Avrom Fleishman, *New Class Culture* (Westport, Cl: Praeger, 2002).
2. Berger, "Class Struggle", p. 198.
3. *Ibidem.*
4. *Ibidem,* p. 199.
5. Para uma boa discussão sobre os perigos espirituais dos círculos internos, veja C. S. Lewis, 'The Inner Ring", em *The Weight of Glory and Other Addresses* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1965), pp. 55-66.
6. Veja C. S. Lewis, *Screwtape Letters* (New York: Bantam Books, 1982), pp. 4-6, 46.
7. Não pretendo aqui minimizar a importância da discordância teológica. Não me refiro à "Igreja visível", que está desfigurada por divisões teológicas sérias, mas à "Igreja escondida", que está unida em Cristo.
8. Veja C. S. Lewis, "On the Reading of Old Books", em *God in the Dock* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970), pp. 200-207.
9. C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan, 1952), p. 120.

CAPÍTULO 10: OS MAGOS E OS ENCANTADORES

1. Para um desenvolvimento dos pontos deste parágrafo, veja o meu livro *Modern Fascism: Liquidating the Judeo-Christian Worldview* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1993).
2. Veja Raymond F. Surburg, "The Influence of the Two Delitzsches on Biblical and Near Eastern Studies", *Concordia Theological Quarterly,* 47 (1983): 234-236.
3. Veja Michael J. Gorman, *Abortion and the Early Church: Christian, Jewish, and Pagan Attitudes* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1982). Veja também Hermann Sasse, "The Early Church and Abortion", em *The*

Lonely Way: Selected Letters and Essays, trad. por Matthew Harrison (St. Louis: Concordia Publishing House, 2003), 2:347-353.

4. Veja o meu livro *Postmodern Times: A Christian Guide to Contemporary Thought and Culture* (Wheaton, IL: Crossway, 1994).

CAPÍTULO 11: CRIAÇÃO E CRIATIVIDADE

1. Padraic Colum, *Myths of the World* (Nova York: Grosser & Dunlap, 1959), p. 19.
2. Veja *ibidem*, pp. 61-67.
3. Veja G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Garden City, NY: Doubleday, 1959), pp. 128-134.
4. Não pretendo minimizar as realizações científicas dos antigos gregos, chineses e outros. Porém, cada um dos primeiros cientistas tinha primeiro que desmistificar a natureza e considerá-la digna de confiança, um processo que alguns, como Aristóteles e Confúcio, alcançaram até certo ponto em outras culturas, mas que foi alcançado imediatamente nos lugares em que a Bíblia foi aceita. Veja Herbert N. Schneidau, *Sacred Discontent: The Bible and Western Tradition* (Berkeley, CA: University of California Press, 1977), pp. 21-28.
5. Veja Michael J. Gorman, *Abortion and the Early Church: Christian, Jewish, and Pagan Attitudes* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1982).
6. Veja C. S. Lewis, "The Weight of Glory", em *The Weight of Glory and Other Addresses* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965), p. 15.
7. Veja Dorothy L. Sayers, *The Mind of the Maker* (Nova York: Harcourt, Brace, 1941) e J. R. R. Tolkien, "On Fairy-Stories", em *The Monsters and the Critics and Other Essays,* org. por Christopher Tolkien (Boston: Houghton Mifflin, 1984), pp. 138-157.
8. Para uma discussão mais aprofundada do que a Bíblia diz sobre a arte, veja o meu livro *State of the Arts: From Bezalel to Mapplethorpe* (Wheaton, IL.: Crossway, 1991).
9. Veja Chesterton, *Orthodoxy,* p. 14.

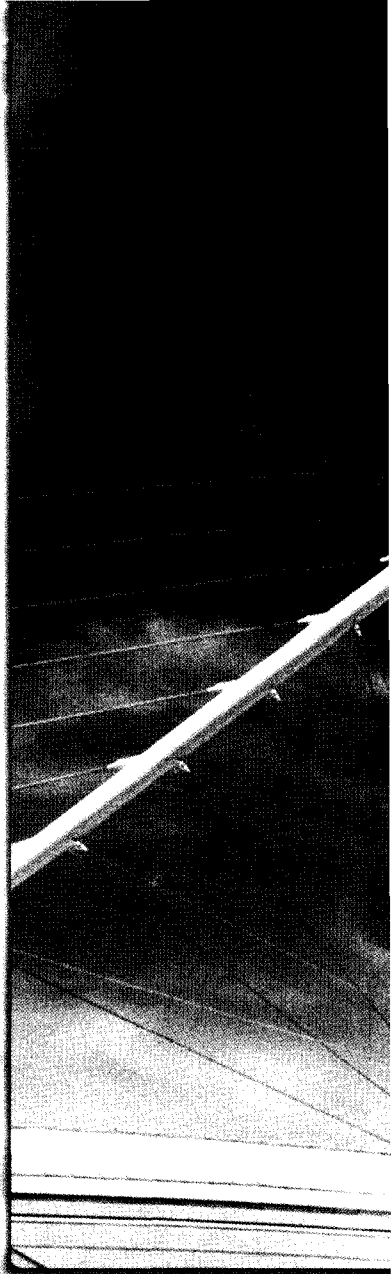
CAPÍTULO 12: O CRISTIANISMO COMO UMA ESTRUTURA INTELECTUAL

1. G. K. Chesterton, *Orthodoxy* (Garden City, NY: Doubleday, 1959), p. 92.
2. *Ibidem*, pp. 96-97.
3. Flannery O'Connor, *The Habit of Being: Letters,* org. por Sally Fitzgerald (Nova York: Farrar, Straus, & Giroux, 1979), p. 477. Veja também a

discussão a respeito dessa carta por Paul Nisly, "Faith Is Not an Electric Blanket", *Christianity Today,* 17 de maio de 1985, p. 22.
4. Flannery O'Connor, *The Habit of Being,* p. 478.
5. Blaise Pascal, *Pensees,* fragmento 130 [420]. Essa tradução é de Michael Edwards, que discute a passagem em *Towards a Christian Poetics* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984), pp. 4ss. O livro de Edwards é um exemplo excelente de como os paradoxos do Cristianismo podem ser aplicados na erudição acadêmica.
6. Neil Postman, *Teaching as a Conserving Activity* (New York: Delacorte Press, 1979).
7. Chesterton, *Orthodoxy,* p. 29.
8. *Ibidem,* pp. 28-29.

CAPÍTULO 13: CONCLUSÃO: AMAR A DEUS DE TODO O TEU ENTENDIMENTO

1. C. S. Lewis, "Learning in War-Time", em *The Weight of Glory and Other Addresses* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965), p. 50.
2. *Ibidem.*
3. W. B. Yeats, "The Second Coming", versos 3-8. Citado de *The Norton Anthology of English Literature,* org. por M. H. Abrams *et al.* (Nova York: W. W. Norton, 1979), 2:1973.
4. Para esta esperança estou em dívida com Thomas Russack. Veja o seu artigo "Is America on the Verge of a New Renaissance?" em *Christian Single Magazine* (verão de 1985).



Nosso mundo está repleto de fascinantes novas idéias, descobertas e tecnologias. Mas para os cristãos isso também pode significar problemas – especialmente quando os valores do pós-modernismo e da vida universitária secular entram em conflito com princípios cristãos básicos. O que os cristãos devem fazer quando sua fé é atacada em sala de aula ou em praça pública?

De todo o teu entendimento nos mostra que a resposta não está nem na rejeição por atacado da vida intelectual e da cultura nem na aceitação cega disso. A resposta repousa no entendimento de que Jesus é Senhor de toda a vida e de que tudo nela deve ser atenciosamente visto à luz do que significa o senhorio de Cristo. Gene Edward Veith expõe uma crítica brilhante ao mundo intelectual e à cultura pós-modernos. Ele ratifica a parte que é boa e verdadeira, mas também exibe as fraquezas críticas das crenças que têm permeado o pensamento contemporâneo. Este livro demonstra aos cristãos como sobreviver e distinguir-se em um mundo pós-moderno enquanto afirma a verdade da fé cristã.

Gene Edward Veith, Jr. é professor de Inglês na Concordia University-Wisconsin. Ele é autor de vários livros. Entre eles, *Tempos pós-modernos*, desta editora.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.cep.org.br

ISBN 857622122-5
9 788576 221227